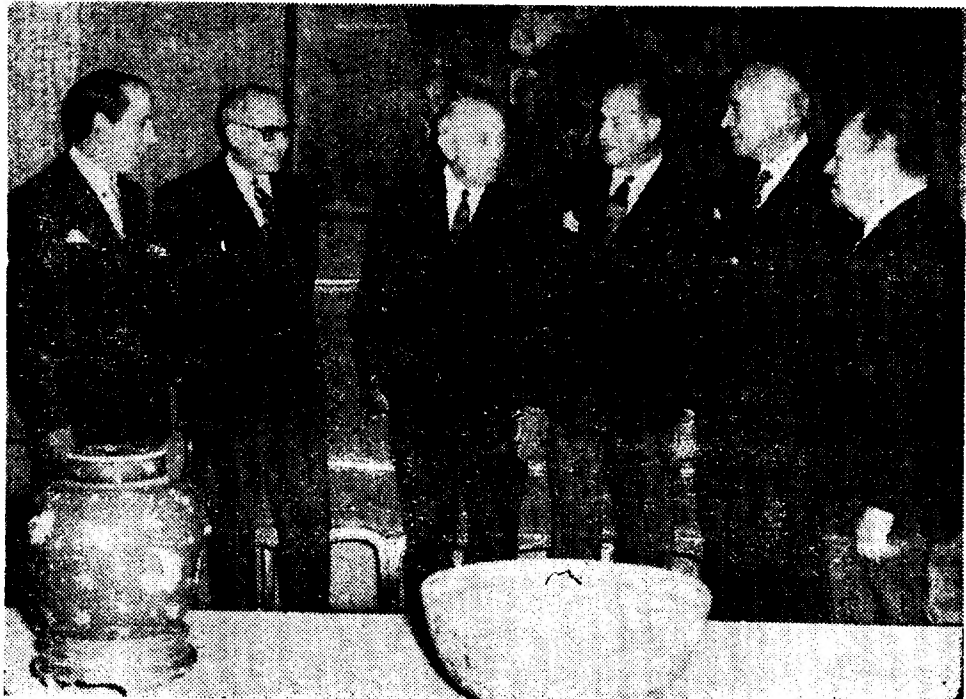
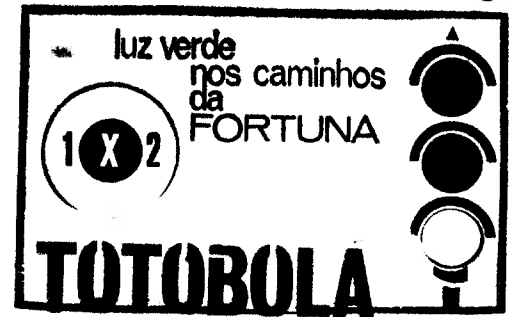


# Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS  
SEXTA-FEIRA, 2 DE JANEIRO DE 1970 N.º 16 894 ANO 49.º PREÇO 1\$50



O Chefe do Estado, tendo a seu lado o Presidente do Conselho, recebe os cumprimentos dos presidentes da Assembleia Nacional, Câmara Corporativa, Supremo Tribunal de Justiça e Câmara Municipal de Lisboa. A foto foi obtida ontem, no Palácio Nacional de Belem, durante as cerimónias de cumprimentos de fim de ano ao Presidente da República, que se prolongaram por toda a manhã. (Ler na página central)

## O FIM DA EFTA

— prevê um ministro norueguês no caso da saída da Inglaterra

OSLO, 2 — (R.) — Kaare Willoch, ministro norueguês do Comércio e Navegação, afirmou que a Associação Europeia de Comércio Livre (E.F.T.A.) deixará de existir se a Grã-Bretanha entrar para o Mercado Comum.

Se a Noruega permanecer afastada de uma Comunidade Económica Europeia alargada, não só ficará

(Continua na 11.ª página)

### A MENSAGEM DE ANO NOVO DO CHEFE DO ESTADO

## INFELIZMENTE A PAZ É UMA META MUITO DIFÍCIL DE ATINGIR

Através da Rádio e da 13 horas, a sua habitual Televisão, o Chefe do Estado dirigiu ontem, pelas mensagens de Ano Novo aos portugueses de todo o

mundo. Eis, a seguir, o texto integral das palavras do sr. almirante Américo Thomaz

**A MISÉRIA É PERMANENTE E A GRANDEZA EFÊMERA**

Continua o tempo correndo indefinidamente e, na esteira do seu caminho implacável, vão os anos passando e, com eles, vão os homens desaparecendo do palco da vida, uns após outros, e mergulhan-

do na bruma, mais ou menos cerrada, do esquecimento. Perante esta inevitável realidade é de perguntar à Humanidade porquê tanta ambição, tanto egoísmo, tanto orgulho e tanto ódio. Não seria antes preferível mais humildade, mais resignação, mais compreensão e mais caridade?

Com estas primeiras palavras, que são o desabafo duma alma que já viveu o bastante para saber que a miséria é permanente e a

(Continua na 15.ª página)

### ABOLIDAS AS RESTRIÇÕES ÀS DESPESAS DE TURISTAS INGLESES

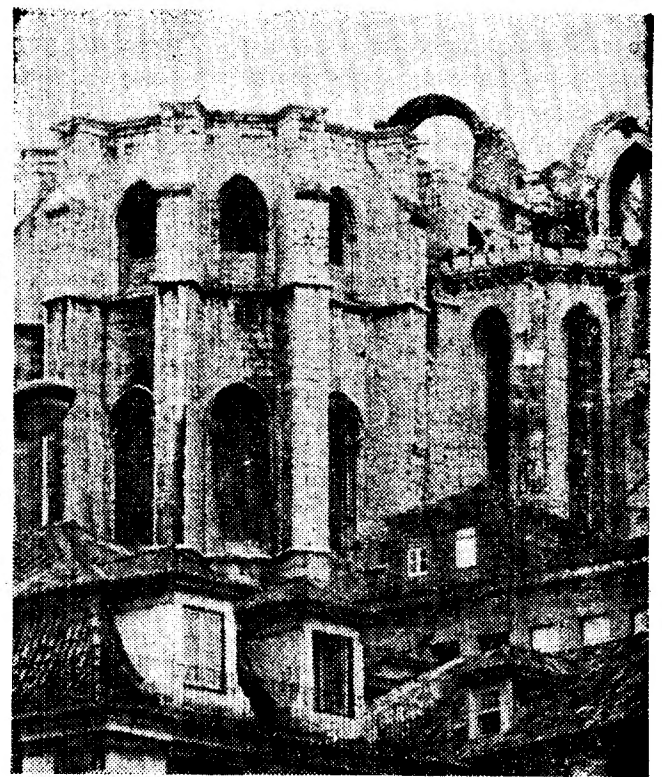
LONDRES, 2 — (R.) — O limite máximo de 50 libras para as despesas que os turistas britânicos podiam fazer no estrangeiro foi abolido a partir da meia-noite de ontem anunciou o Governo de Londres. A restrição foi imposta em Novembro de 1966 no quadro das medidas económicas então decretadas. Um comunicado do Governo anunciou que serão mantidas certas formalida-

des para impedir a exportação não autorizada de capitais. Acrescentava que a decisão agora tomada não se aplica no caso dos cidadãos britânicos que pretendam visitar a Rodésia. Os turistas poderão agora trocar até 300 libras por moedas estrangeiras para cada viagem que façam ao estrangeiro e pedirão ao banco da Inglaterra mais dinheiro se delem necessitarem.

### ACELERAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO COM A INTENSIFICAÇÃO DOS INVESTIMENTOS PÚBLICOS

— objectivo do Governo anunciado no Orçamento Geral do Estado (Pág. 8)

### Edição da noite



As ruínas do antigo Convento do Carmo, com os seus arcos, ogivas suspensas, em nave descoberta, são interessantes pela sua singularidade decorativa. Restam da linha monumental do século XIV apenas parte da fachada gótica, alguns arcos de ogiva e uma secção da capela-mor (Reportagem na 2.ª página)

### «ÁLBUM DE LISBOA»

## AINDA É POSSÍVEL CONCORRER

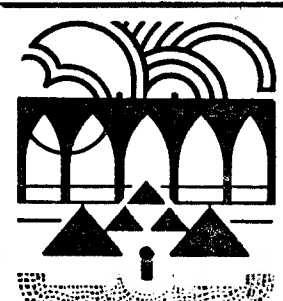
APARENTEMENTE, Lisboa possui o enunciado de quase todas as cidades do

Mundo. Mas é diferente. Cada cidade tem a sua maneira de cativar, o seu modo íntimo de agradar. Lisboa vive do pitoresco, dos panoramas, da cor, da luz, da sua forma e do seu movimento por subidas e descidas, dos becos que acabam em largos e dos seus bairros que se desmorinam para o Tejo, num labirinto de planos. As feições de Lisboa, onde reside o seu carácter e a sua personalidade, decidiram o nosso

Jornal á iniciativa que rapidamente viria a conquistar muitos milhares de concorrentes.

De facto, o «Album de Lisboa» documenta aspectos históricos, pitorescos e tradicionais da cidade e, também, as que possui expressões como grande capital do mundo do nosso tempo. Por uma importância ínfima (2\$50) cada concor-

(Continua na página seguinte)

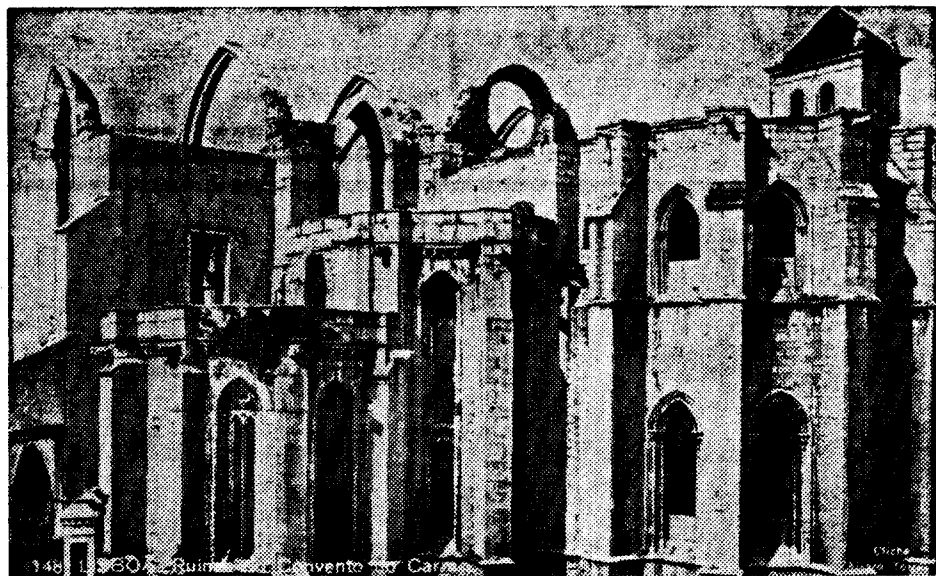


PUBLICAMOS NA 2.ª PÁGINA A GRAVURA N.º 22 DO NOSSO CONCURSO

HOJE 36 PÁGS.—VISADO PELA CENSURA

# «ÁLBUM DE LISBOA»

## AS RUÍNAS DO CARMO



Quando o Convento do Carmo ficou construído, em 1423, D. Nuno Álvares Pereira, «titular de três condados, donatário de trinta e três vilas, senhor de quase tantas terras como tinha o Rei, despiu a armadura, vestiu-se de burel, distribuiu todos os seus senhorios, bens, terras e rendimentos, renunciou a todos os títulos, dignidades e relações» e entrou para o Convento, que o terramoto, séculos mais tarde, viria a destruir quase completamente e onde é hoje um museu arqueológico



Album  
de  
Lisboa

Diário de Lisboa



Recorte e cole a gravura n.º 21  
no espaço marcado na caderneta

Todos os assuntos referentes ao Concurso deverão ser tratados na RUA CASTILHO, 185-1.º — Telef.: 65 45 33/65 45 34

## AINDA É POSSÍVEL CONCORRER

(Continuação da pág. anterior)

rente possuirá um Album que lhe recordará factos não retidos pela memória, ou o fará conhecer, embora num aspecto geral, a Lisboa que poetas e escritores imortalizaram.

Cada concorrente — que poderá participar na nossa iniciativa com quantos «Albums» quiser —, está, também habilitado ao sorteio de magníficos prémios, entre os quais pomos em relevo o confortável apartamento atraentemente mobili-

lado, num dos blocos de prédios já construídos em Miratejo, a cidade-panorama, pela Realma, S. A. R. L., o magnífico automóvel Toyota, modelo Corolla 1100, de que são representantes Salvador Gaetano, S. A. R. L. e distribuidores em Lisboa e no Porto Transmotor, S. A. R. L.; 5 excelentes televisores Siemens, entre os quais o modelo «Estoril», homenagem da Siemens ao nosso país, uma máquina de lavar, dore frigiríficos, três radioreceptores e muitos aparelhos electrodomésticos da Siemens — a qualidade alemã vem da Siemens — e duas dezenas de álbuns, com discos «long-play», peças dos maiores autores em interpretações de famosas orquestras, da etiqueta Philips.

É possível ainda participar na nossa iniciativa. Basta solicitar directamente aos nossos serviços da Rua Castilho, 185-1.º em Lisboa, os «Albums» pretendidos e, também os jornais atrasados por se terem esgotado justificaram novas tiragens.

Esclarecem-se os que se surpreendem por ainda não terem recebido as suas remessas que o atraso, embora ligeiro, se verificou pela aglomeração de correio própria da quadra. Garantimos, no entanto, que todos os pedidos serão satisfeitos — para maior êxito da nossa iniciativa.

## NÃO SÃO AS DO CONVENTO DE D. NUNO

DAS MIL FACES que Lisboa ostenta, qual delas é seu maior galardão de glória? Cidade antiga e moderna, triste e simultaneamente alegre (como lhe chamam os cronistas seus amantes), Lisboa debruça-se dos sete colinas e reflecte-se no Tejo, que lhe corre aos pés. Em cada pedra, em cada monumento antigo, a urbe esconde uma história, sempre interessante e, infelizmente, desconhecida dos lisboetas. Ao mirar-se no rio, qual o trecho que a cidade mais estremerá? Nenhum em particular, decerto, e todos em geral. No entanto, as ruínas do Convento do Carmo têm um lugar especial (e conquistado por direito próprio) no coração de Lisboa.

São muito antigas as ruínas? Não. Embora o Convento tenha sido mandado construir por D. Nuno Álvares Pereira e a primeira pedra lançada em 1389,

1423, doava o próprio edifício aos Carmelitas.

Chega o ano trágico de 1755. O terramoto arrasa Lisboa. Aos seus dramáticos efeitos não fugiu o Convento do Carmo, que ficou totalmente destruído, perdendo-se tudo o que aí havia. No sinistro morte-

ram nada menos de 14 religiosos.

Não são pois da construção inicial as ruínas que Lisboa conserva hoje do seu Convento. A reconstrução, iniciada, como dissemos atrás, por frei Pereira de Sant'Anna, jamais viria a concluir-se. E, embora em

Julho de 1758, já o Convento pudesse receber alguns religiosos, o certo é que, em 1810, era ali o quartel da Guarda Real da Polícia; em 1814, o Batalhão de Atiradores; e, em 1831, um Regimento de Milícias ocupava já parte da casa de D. Nuno. O Governo apressava-se em transformar os conventos em quartéis.

No entanto, só em 1834, os frades abandonariam definitivamente o Convento. E dois meses antes do decreto de extinção, a biblioteca do Carmo tinha 6880 volumes.

Esta a história, a traços largos, do Convento do Carmo. Ao passar no Rossio, a um domingo, ao fim da tarde, e ao ouvir o clarim do arrear da bandeira no quartel da G. N. R. que ali está instalado agora, quem se lembrará (que saberá?) esta história simples, mas de tão grande valor para as tradições lisboetas?

Hoje as ruínas do Convento do Carmo oferecem aos poucos visitantes que as procuram, uma sensação de austeridade — um inusitado clima de paz, em pleno coração da urbe.

## OS «STANDS» GAZCIDLA DE LISBOA

Os «stands» da Cidla, integrados na campanha «Gazcidla no seu bairro», e as zonas que servem:

- |                |                                                    |
|----------------|----------------------------------------------------|
| ALCANTARA      | — Largo do Calvário, 12-C                          |
| ALECRIM        | — Rua do Alecrim, 77                               |
| ALFAMA         | — Rua de S. Miguel, 5                              |
| ALVALADE       | — Rua José Duro, 27-C                              |
| ARROIOS        | — L. Mendonça e Costa, 9-C                         |
| AVENIDAS NOVAS | — Av. Miguel Bombarda, 56-A                        |
| BAIRRO ALTO    | — Rua da Atalaia, 131                              |
| BENFICA        | — Rua Emília das Neves, 4-B                        |
| BOA HORA       | — Trav. da Boa Hora, 30-D-E                        |
| CAMPO          | — Rua Infantaria, 16-57-A                          |
| DE OURIQUE     | — Rua de Campolide, 94-C                           |
| CAMPOLIDE      | — Largo da Graça, 63-D                             |
| GRAÇA          | — Pr.º Alexandre Ferreira, 32                      |
| LUMIAR         | — Rua da Esperança, 134                            |
| MADRAGOA       | — Rua Cidade de João Belo, lote 86-Lj. B           |
| OLIVAIS        | — Rua da Beneficência, 61 (a inaugurar brevemente) |
| REGO           | — Avenida 24 de Julho, 94-A                        |

24 DE JULHO

Em todos estes «stands» encontrará pessoal especializado para prestar assistência técnica, exposição permanente dos mais modernos modelos de material de queima e pronto fornecimento de gás — com rapidez, eficiência e simpatia.

o que ali se vê hoje não passa de restos de uma reconstrução inacabada, da iniciativa do provincial dos Carmelitas da época (frei José Pereira de Sant'Anna) após o terramoto de 1755.

A história do Convento do Carmo é esta: encontradas enormes dificuldades na construção, devidas sobretudo às irregularidades do terreno, nem por isso D. Nuno Álvares Pereira desistiu do seu intento. E já em 1397 (a data não é rigorosamente exacta, mas a mais aceite pelos historiadores), o Condestável escrevia ao vigário-geral dos Carmelitas, frei Afonso de Alfama, pedindo-lhe que mandasse alguns dos seus religiosos de Moura para o Convento de Lisboa. O primeiro superior chamava-se frei Gomes.

Logo em 28 de Julho de 1404, D. Nuno Álvares Pereira fazia doação de um grande património ao Convento e, passados anos, precisamente no mesmo dia e no mesmo mês de

### EXTERNATO NUN'ALVARES

DIURNO — NOCTURNO

Primário - Liceal

LÍNGUAS — LABORATÓRIOS — MÚSICA — TRANSPORTES

PRAÇA JOÃO DO RIO, 2

TEL. 722461

# VINHO DO PORTO

# BARROS



# A QUALIDADE

# À SUA MESA



## Cofres de aluguer

Av. República, 3

BANCO DO ALENTEJO

# NOVO TIPO DE SINDICATOS NA VIDA POLÍTICA DA ITÁLIA

ROMA - A assinatura da convenção colectiva dos metalúrgicos porá termo ao «Outono quente»? Tanto do lado dos industriais como do lado dos sindicatos hesita-se em acreditar que a contenda terminou. A convenção colectiva assinada pelos metalúrgicos, que abrange 1 500 000 operários, e os outros contratos, que interessam a 4 000 000 de trabalhadores, não são, na verdade, mais do que simples quadros gerais no plano nacional. Há que conduzir ainda as convenções próprias de cada empresa, e, segundo toda a verosimilhança, os movimentos de «greves de braços caídos» ou as agitações voltarão a dar-se este mês, ao mesmo tempo que as negociações serão abertas nos escalões particulares.

Nesta perspectiva, dois documentos assumem agora grande interesse. O primeiro deve-se ao sr. Costa, presidente da Confederação Geral da Indústria Italiana, que escreveu ao presidente do conselho, e o outro, ao sr. Bruno Trentin, secretário-geral da Federação dos Metalúrgicos C. G. I. (socialistas-comunistas), que comenta o acordo num editorial de «L'Unità».

«A tarefa do sindicato não se reduz a uma pura ginástica de assinatura de contratos colectivos», nota o sr. Trentin, que faz assim o balanço do «Outono quente», «criou-se um novo tipo de unidade de classe, capaz de vencer, pouco a pouco, as barreiras corporativas, as lógicas específicas das empresas, as diplomacias de mais alto nível. As diferentes fases da luta foram decididas com

os trabalhadores; as mudanças de tática, com as dificuldades e as incógnitas que apresentavam, fo-

sectores da opinião, conclui o sr. Trentin: «O Outono quente não foi a explosão de espontaneidade que alguns esperavam. Não deixa atrás de si traços de azedume. Foi um momento uma etapa na via da construção de um novo tipo de sindicato e de uma transformação da vida política do país.»

Estas considerações encontram-se expostas na carta escrita pelo sr. Costa ao presidente do conselho. O presidente da confederação declara que a delega-

boa do que seria de esperar se tivesse havido uma política económica e sindical mais acertada».

## «NÃO HÁ LIBERDADE SINDICAL»

Aliás, acrescenta o sr. Costa, as consequências mais graves não são as económicas. «O que fez falta foi a liberdade sindical. Não há liberdade sindical quando se permite qualquer acto de violência, em nome de um abuso do direito de greve e em detrimento do direito ao trabalho. Não há liberdade sindical, quando o Governo, por intermédio do ministro do Trabalho, intervém na controvérsia, declarando que não pode ser imparcial».

Poderá esta posição do presidente da Confederação ser interpretada como uma intervenção do patronato na vida política? Ela reflecte decerto a opinião da fracção mais moderada desta confederação cuja «filosofia» é contestada pelo grupo dos jovens industriais. Nos meses que se avizinham, o desenlace da crise no seio da Confederação não se revestirá de menos importância do que a evolução das estruturas sindicais na vida económica italiana.

Por  
**JACQUES NOBÉCOURT**

Exclusivo «Le Monde»-«D. L.»

## RECTÂNGULOS DA VIDA

### O SABIO E A CRIANÇA

Por estas e por outras é que ele se recusa a acreditar. Não que seja um homem incrédulo, nada disso. Acredita nisto, naquilo e naquilo outro do dia a dia, mas recusa-se a acreditar, por assim dizer, a alto nível. Para tranquilidade do seu espírito e também do seu coração, explica. Porque se acreditasse em tudo o que por esse mundo fora é anunciado e receado, saía pela primeira porta que encontrasse, e essas portas — aquelas em que ele estava a pensar quando falou — são portas só de duas passagens (entrada e saída), o que é muitíssimo aborrecido. Por isso recusa-se a acreditar.

Nem pensa nisso. Lê e esquece. Ouve e perde o que ouviu. Não receia o futuro, vive o dia de hoje e pensa que

amanhã está longe e talvez nunca chegue. Para ele, claro.

Sofre do coração, explica. É uma espécie de ginástica, esta que faz. Ou melhor, de yoga. O médico diz-lhe que leve uma vida tranquila e não suba

Por  
**MARIA JUDITE DE CARVALHO**



para carros eléctricos em andamento. Nunca lhe recomendou que não se afligisse com «estas e outras», mas está implícito, não? Daí a sua recusa terminante.

Nesse dia era aquela notícia em todos os jornais. Notícia que logo recusou. Pois como podia ele crer que o dr. Lathan, da Universidade de Columbia, principal cientista experimental do programa Apolo, tivesse proposto a deflagração de uma bomba nuclear na Lua, para ver, entre outras coisas, como ela é por dentro? E ele, o homem em questão, disse que não acreditava porque os sábios que têm todo o saber e todo o poder do mundo nas mãos, e o seu neto mais pequeno, que ainda não sabe falar correctamente e partira dias antes um boneco para ver como ele era feito, não podiam raciocinar do mesmo modo. Então, pronto, não acreditou. Só quando vir, se vir, e mesmo assim...

## Nota do dia

### SOB O SIGNO DA GRIPE

A PASSAGEM DO ANO fizemo-la todos mais ou menos sob o signo da gripe, que é uma coisa que se passa agora pelo mundo sem passaporte e por itinerários mais ou menos peestabelecidos. A rapidez e a facilidade de comunicações, que, evidentemente, apesar disso, havemos de continuar a festejar, estão afinal na origem da própria facilidade de propagação da enfermidade. Há gripe na Grã-Bretanha? Pois noutros tempos toda a gente achava e bem que isso da Grã-Bretanha era lá longe, coitados, que se arranjassem, que os outros ficavam cá longe à distância e em paz. Mas isso é história antiga. Hoje em dia, com as carreiras aéreas regulares, não há mais embaraços, vai-se buscar a gripe onde ela estiver, no mesmo dia, em viagem de ida e volta.

O aspecto imprevisto das acometidas deste mal está, porventura, no que possa chamar-se o seu aperfeiçoamento. Quer isto dizer, toda a vida se ouviu falar da gripe, que era uma maleitazita assim de certo modo encostada às constipações, mas sem significado de maior. Houve a «espanhola» em 1918, que veio com a característica de certas afecções pneumónicas e fez à sua volta negra sementeira de mortandade. Mais recentemente é que passámos a sofrer as sucessivas visitas das espécies designadas parece que pela origem, a «asiática» e a «italiana». Mas fora isso, era a gripezinha barata, sem certificado de origem nem marca de qualidade.

Se é possível a um profano fazer algumas observações, a primeira delas será que a gripe não poupa os países onde existe instalado e a funcionar um sistema de saúde pública mais evoluído. Parece que, paradoxalmente, é o contrário o que se observa: um milhão de operários ingleses ausentes na reabertura das fábricas depois dos dias de Natal; na Suécia, onde se registaram alguns óbitos, esgotaram-se os medicamentos antigripais. Por essa Europa fora, os hospitais não chegam para acudir a quantos aflitos lhes batem à porta. Os hospitais não chegam, os médicos não chegam, os remédios não chegam. Que força têm então os elementos que no nosso tempo é possível reunir e dominar para deles se fazer uma aplicação útil?

Nem toda a gente sabe que até temos em Portugal um «Centro Nacional de Gripe», que todos os anos tem tido agora que fazer. O seu director, dr. Arnaldo Sampaio, não se poupa a esforços para nos esclarecer e tranquilizar. Ao primeiro sinal, não há que hesitar, é entrar na cama e chamar o médico. Mas, antes do médico saltar a terreiro para intervir ou aconselhar, não seria possível brotar de algures um jacto de bom-senso que tivesse limitado, nestes dias de habituais manifestações natalícias, as grandes aglomerações de crianças, onde o contágio se faz alegremente, sem se dar por isso, mesmo sem dor e sem alarme? Até os empresários dos espectáculos públicos teriam ficado contentes com a sua consciência se alguém se tivesse lembrado a tempo de dar o sinal.

## GRIPE

Na profilaxia das epidemias gripais use

## ARGOTONE

À VENDA EM TODAS AS FARMÁCIAS

Já pensou em comprar um andar? O seu capital será valorizado dia a dia. Andares nos melhores locais desde 185 contos Pagamentos até 25 anos.

CONSULTE-NOS

**LARANJO, ALEGRE & GARCIA, LDA.**

Prça da Alegria, 58-2.º Sala-E, LISBOA

Tels. 326718/327803/328567



**Crédito Universitário**

BANCO DO ALENTEJO

## LICEU

CICLO LICEAL COMPLETO  
CICLO PREPARATÓRIO — LÍNGUAS  
CURSO COMERCIAL — INSTITUTOS

Nocturno: das 19 às 24 h.  
Diurno: das 9 às 19 h.

### • ESCOLA SÃO VICENTE:

Rua do Paraíso, 28 — Telef. 86 59 04

### • EXTERNATO MARQUES DE POMBAL:

Rua Edith Cavell, 8 (ao Chile) — Telef. 82 02 21

### • EXTERNATO ÁLVARES CABRAL:

Av. Grão Vasco, 1 (fte. à Igreja de Benfca) — Tel. 70 69 74

MODERNOS LABORATÓRIOS

o mundo inteiro segue a sua hora  
**CAUNY**

CALENDARIO - AUTOMATICO  
ANTICHOQUE - ANTIMAGNETICO

# NOVOS PREÇOS DOS PARQUES

## de estacionamento de automóveis em Lisboa

Com o princípio do ano, o público (automobilista) foi surpreendido pelo aumento de preço do estacionamento nos parques, que subiu para o dobro na generalidade dos casos, ou seja: de 2550 para 5000 As senhas de 1550 (estacionamento só até um máximo de 4 horas) aumentaram, por sua vez, para 2500. O público desconhecia por completo a disposição, e, evidentemente, protestou — evidentemente também, sem qualquer resultado.

As novas tabelas dos parques de estacionamento entraram em vigor, mas foram a partir de hoje que elas se tornaram mais notadas, dado que nos domingos e feriados sobre haver muito menos movimento, a maioria dos parques não funciona.

Além de haver protestos generalizados por parte dos utentes dos parques — que não obstante, claro, continua-

ram cheios, a abarrotar... — houve um ou outro automobilista mais irritado e reivindicativo, que se recusou a pagar. O remédio, como nos disse um dos guardas de um dos parques em que isso se

deu (no Terreiro do Paço) foi chamar o fiscal e remeter o caso para a Secção de Trânsito da P. S. P.

Os próprios guardas dos parques de estacionamento só na quarta-feira à noite tive-

## UM PRESO

### EVADIU-SE DO LIMOEIRO

Guardas da cadeia do Limoeiro, acompanhados de cães-polícias, percorriam, esta manhã, becos e ruas de Lisboa em busca de um homem que se evadiu, às primeiras horas de hoje, daquela prisão.

Trata-se de um indivíduo, cuja identidade não foi revelada, que estava a 15 dias do termo da pena a que fora condenado.

Uma fonte fidedigna declarou que o evadido sofre de doença mental.

Um outro informador afirmou que colegas do preso lhe tinham dito, a brincar que estava condenado a 18 anos de prisão.

— Tera sido a causa imediata da fuga? — perguntou. O preso evadiu-se no momento em que com outros detidos se dirigia, esta manhã, para o refeitório.

A certa altura abandonou a fila, em que se integrava, e saltou para um pátio onde se encontrava uma sentinela. Esta ainda disparou alguns tiros, mas o fugitivo, entretanto escapara-se para uma cerca ali próximo.

Começou, então, a perseguição em que estão envolvidos — segundo nos informaram — elementos da P. S. P., G. N. R. e Polícia Judiciária.

## David Alexandre Winter

### em Lisboa

Chega a Lisboa na próxima segunda-feira o cantor holandês, David Alexandre Winter, uma das vozes mais «vendidas» em 1969. A sua canção «Oh Lady Mary», que bateu verdadeiros «records» de vendas, figurou nos «hit Parades» de toda a Europa.

David Alexandre Winter vem a Lisboa expressamente contratado pela R. T. P. para gravar um dos seus programas «Tele-Ritmo». Aproveitando a sua estada em Portugal, será lançado um novo disco deste artista.

## ROUBOU UM FATO

Acusado de ter roubado um fato no valor de 600\$00, pentecente ao sr. Abel Carlos Reinas Santos Martins, morador na Rua do Alto do Duque, 53, pelo pedreiro José Ferreira da Costa, de quem era servente na altura, recolheu aos colaboradores da P. S. P. Francisco dos Santos Duarte, de 17 anos, vendedor ambulante, natural de Lisboa e residente na Travessa da Giesta, 44, na Ajuda.

## MORRERAM NO HOSPITAL

Faleceram, no Hospital de S. José, para onde haviam entrado há dias, por motivos diversos, Inocência Freire, de 48 anos, residente na Estrada do Desvio, lote 5, sub-cave direita, que ingerira doses excessivas de medicamentos tóxicos, e Joaquim Monteiro Ferreira, que aparenta uns 50 anos, residente em Alparça, e fora atropelado por um automóvel que se despiçou naquela vila.

## O AUTOMÓVEL FOI CHOCAR COM O POSTE

Na Avenida Egas Moniz, despiçou-se e foi chocar com um poste um automóvel conduzido pelo sr. António dos Santos Neivas, de 32 anos, que seguia acompanhado da mulher, D. Angela da Conceição Lopes Almeida, de 32 anos, filha do casal, Paulo João, de 4 anos, residentes na Rua Vicente Esteves, 28, r/c., esq., na Amadora, e um amigo do casal, sr. José Julio Carvalho Machado, de 20 anos, residente na Rua dos Freixos, 23, ao Bairro das Furnas.

Levados ao Hospital de Santa Maria, ficaram ali internados, apresentando várias contusões pelo corpo.

## ASSALTOU A CASA E ROUBOU UMA CARTEIRA

A P. S. P. prendeu Domingos da Rocha Caldas, de 18 anos, solteiro, mecânico de automóveis, natural de Formigosa, Arcos de Valdevez, a pedido do sr. José Augusto Fonseca, residente na Quinta do Marquês de Abrantes, JBA, 18. Este queixou-se de que o jovem, a quem frequentemente dava guarida e comida, lhe entrou em casa, por meio de chave falsa, furtando uma carteira com 10 700\$00.

O Domingos Caldas, que recolheu aos colaboradores da P. S. P., já gastara em seu proveito, na altura da detenção, 8966\$00, sendo o-lhe apreendido o restante.

## LEVOU 13 LIVROS SEM PAGAR...

Em plena Rua Garrett, cerca das 18 e 30 de anteontem, foi preso o sr. Domingos Ferreira Martins, de 31 anos, solteiro, estudante,

acusado de ter furtado 13 livros (todos eles clássicos da literatura, com particular abundância de peças de W. Shakespeare), na Livraria Bertrand, momentos antes.

O fiscal daquele estabelecimento, sr. Joaquim José Ferreira Junior, notou que o sr. Domingos Martins estava a furtar livros, mas só quando o viu sair participou o caso a um guarda da P. S. P. O estudante — se o é... — tinha consigo, conforme foi apurado na Polícia, a quantia de 2 050\$00...

## Almoço de confraternização entre bancários

Os funcionários bancários da secção de informações reunem-se amanhã, dia 3, no tradicional almoço de confraternização que se realiza em Vila Franca.

Participam neste almoço elementos de todos os bancos com sede em Lisboa, em obediência a uma tradição de solidariedade e de convívio que, entre aqueles funcionários, se mantém inalterável.

## EXPLOÇÃO A BORDO DE UM PETROLEIRO AO LARGO DE MOÇAMBIQUE

BEIRA, 2 — (L.) — Num helicóptero da fragata britânica «Euryalus», em serviço no canal de Moçambique, foram evacuados para esta cidade quatro tripulantes e duas mulheres do petroleiro «Mactra», de 208 mil toneladas, da Shell, que sofreu uma explosão a bordo, quando navegava ao largo desta província, no passado dia 31.

O helicóptero, que fez quatro viagens, era aguardado na Base Aérea 10 por ambulâncias ao cuidado do pessoal da F. A. P. e dos bombeiros municipais, que transportaram os feridos para a Casa de Saúde da Beira.

Os feridos são: Barbara Diane Hart, de 26 anos, casada, natural da Escócia e enfermeira do petroleiro; Susan Seicluma, de 24 anos, esposa do eng. Gonçalves Dias; William Murrill, de 18 anos, solteiro; John Emmerston, de 22 anos, solteiro; Roy William Rodwell, de 22 anos, solteiro; e Derek Honeywood, de 16 anos, solteiro.

# CERIMÓNIAS DE CUMPRIMENTOS DOS MINISTROS DO INTERIOR E DAS OBRAS PÚBLICAS

No salão nobre do Ministério do Interior efectuou-se esta manhã uma cerimónia de cumprimentos (o sr. dr. Gonçalves Rapazote a qual estiveram presentes, além de funcionários superiores daquele departamento, o governador civil de Lisboa, o director-geral da Segurança, major Silva Pais, os comandantes-gerais da G. N. R., da P. S. P., da Legião Portuguesa e da Brigada Naval, bem assim como funcionários dos respectivos departamentos.

Em nome dos funcionários saudou o ministro o sr. dr.

Pires de Lima, secretário-geral do Ministério e director-geral da Administração Política e Civil, que fez um breve balanço das actividades do ano findo e dos propósitos para o ano que agora principia. Em certo passo sublinhou a falta de pessoal de nível superior, necessário a um melhor funcionamento dos serviços e aludiu à possibilidade de eles se agruparem em regime associativo. Em resposta, o sr. dr. Gonçalves Rapazote agradeceu a presença de todos e pôs em destaque a colaboração que lhes prestaram.

## Necrologia

### FALECIMENTOS

Dr. Francisco Valadão Junior

ANGRA DO HEROISMO, 2 — (L.) — Contando 80 anos, faleceu, nesta cidade, o dr. Francisco Valadão Junior.

Nascido em 3 de Outubro de 1889, na freguesia de Vila Nova, na ilha Terceira, formou-se em Direito, em 1912, na Universidade de Coimbra. Assumiu em 1919 a função de secretário do Governo Civil de Angra do Heroísmo, exercendo diversas vezes, por obrigação legal, o cargo de chefe do distrito, em épocas extremamente difíceis.

Foi professor liceal, regendo as disciplinas de Filosofia, História e Latim, durante vários anos.

Deixa uma vasta obra literária, na qual se salientam os livros «O último capitão-general da ilha Terceira», «A emigração colonial».

O extinto era pai do dr. Ramiro Machado Valadão, presidente do conselho de administração da Radiotelevisão Portuguesa.

### Ao eng. Rui Sanches

Os funcionários do Ministério das Obras Públicas compareceram hoje, ao fim da manhã, no gabinete do sr. eng.º Rui Sanches, titular daquela pasta (que se encontrava acompanhado pelo subsecretário, sr. dr. Silva Pinto) a fim de lhe apresentar cumprimentos de Ano Novo. Presentes à cerimónia os directores-gerais, chefes de repartição e directores de serviços daquele departamento.

Em nome dos funcionários saudou o ministro e o subsecretário o sr. eng.º Pena da Silva, secretário-geral do ministério, que depois de fazer uma resenha das actividades no ano de 1969, destacou a importância da criação do Fundo do Fomento da Habitação e a conclusão da 1.ª fase do Plano de Rega do Alentejo, as novas instalações da Biblioteca Nacional e o edifício de Matemáticas da Faculdade de Ciências de Coimbra.

Em resposta o ministro Rui Sanches agradeceu a presença de todos, agradeceu a colaboração que lhe prestaram e passou em revista as principais actividades do seu Ministério.

## ora diga-nos...

— Espera algum acontecimento importante no decorrer deste ano?

Novo ano: alvorece de acontecimentos previstos e imprevisíveis.

● O sr. Armando Areias, funcionário da Sociedade Estoril, hesitou antes de retorquir:

— É tão difícil responder! Surgem tantas coisas inesperadas todos os dias...

— Mas não há nenhum acontecimento especial que deseje particularmente?

— Sim. A resolução do problema ultramarino.

— E no plano pessoal?

— Não espero nada.

— Uma pessoa sem ambições?!

— Ah! sim, não tenho ambições. Nesta idade...



● afirmou-nos por último o sr. Luis Mendes Silva, empregado de escritório:

— Surgem sempre acontecimentos novos. O que me preocupa é a questão da evolução da juventude. O resto faz já parte dos anos que passaram. Surgem sempre duplicações.

— E no que respeita à sua vida particular?

— Não sou egoísta nem exigente. Tudo pelo mesmo e está a coisa certa.

● Francamente, não espero nada — confessou-nos o sr. Aristides de Oliveira, agente comercial.

— Nada?

— O mundo está de tal maneira que há a prever muita coisa.

— ...?

— Que as coisas se arranjassem no mundo para bem da paz e da humanidade. A nível pessoal não espero nada de importante.



**NOVO  
CASINO  
ESTORIL**



**SALA DE JOGOS**  
TODOS OS DIAS  
DAS 15 AS 3 HORAS  
"SLOT MACHINES"  
ACESSO LIVRE  
MAIORES DE 18 ANOS



**Annie  
Bright**

VEGETA INGLESA DA CANÇÃO

**The Kims**

ORIGINAIS FANTASISTAS

LIDIA RIBEIRO

**STARLIGHT SHOW**  
COM ANGELIKA



PRODUÇÃO DE GEORGE ANTHONY

**FILARMÔNICA FRAUDE**  
**FERRER TRINDADE** e sua orquestra

no grande salão restaurante às 23.30h m/17 anos no wonder bar à 1.00h m/21 anos

NO CINEMA, às 17 e 21.30

**OLHOS VERDES, LOIRA  
E PERIGOSA**

(M. 12 anos)

## ABRE HOJE A 11.ª TEMPORADA DE TEATRO FRANCÊS NO SÃO LUÍ

O S. Luís volta hoje a abrir as suas portas para mais uma temporada do teatro parisiense, com a representação de «Quarante Carats» pela Companhia de Teatro de La Madeleine. A valiosa iniciativa de João Ortigão Ramos e de seu filho, João Bello Ortigão Ramos, ao entrar no 11.º ano de existência, continua, assim, a ter o valor de um autêntico e alto serviço prestado ao Teatro.

A peça «Quarante Ca-

rats», de Barillet e Grédy, com que se inicia este XI Festival do Teatro Parisiense, tem como figuras principais Gaby Sylvia, Bernard Lavalette, Denise Grey e Philippe Etesse. A esta peça, seguir-se-ão: no dia 13, «L'Aide-Mémoire», de Jean-Claude Carrière; no dia 19, «Le Boulanger, la Boulangère et le Petit Mitron»; no dia 4 de Fevereiro, «La Ville Dont le Prince est un Enfant», de Henry de Montberlant; a 10 de Março, «Le Prix», de

Arthur Miller; no dia 21 de Abril, «La Puce à l'oreille», de Jean-Claude Briaud.

**CAPITÓLIO**

Telef. 320379

HOJE, ÀS 21.45 HORAS  
M/ 17 anos

**O PECADO  
DE JOÃO AGONIA**  
de BERNARDO SANTARENO

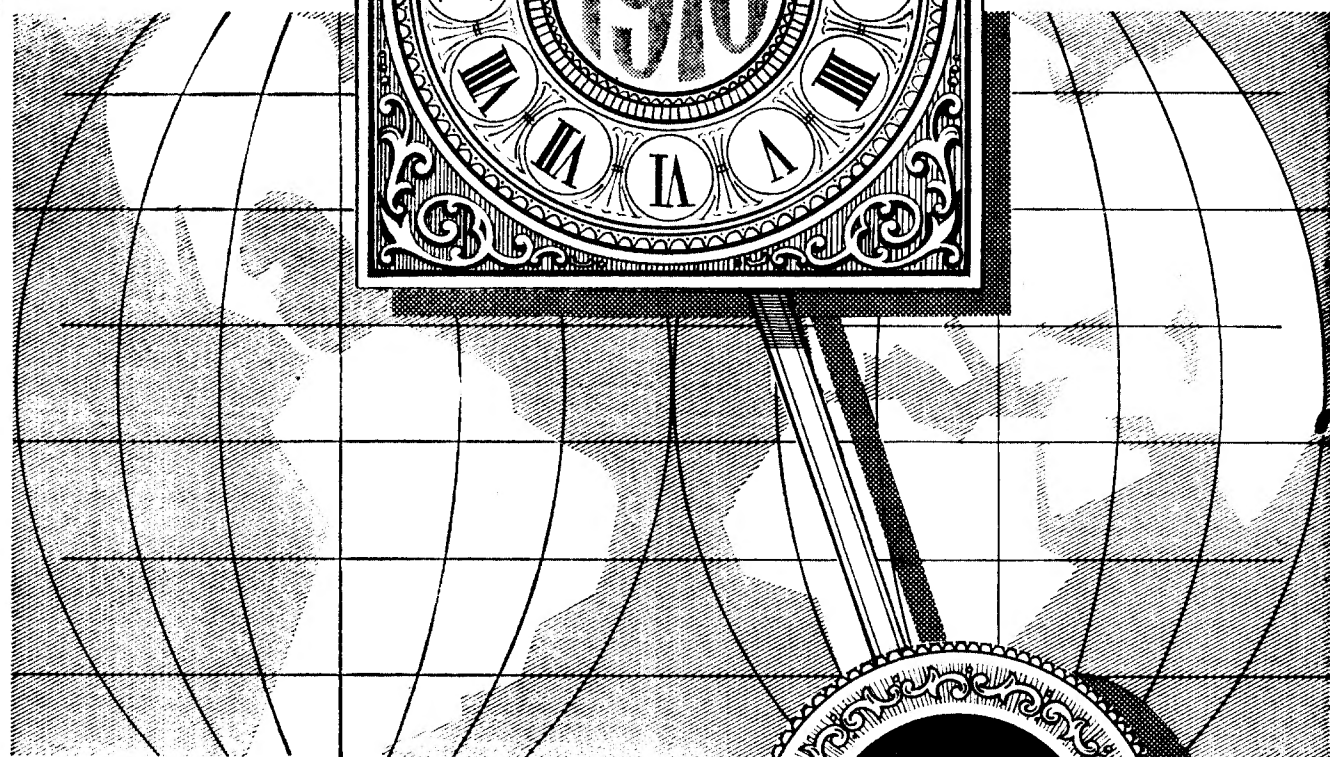
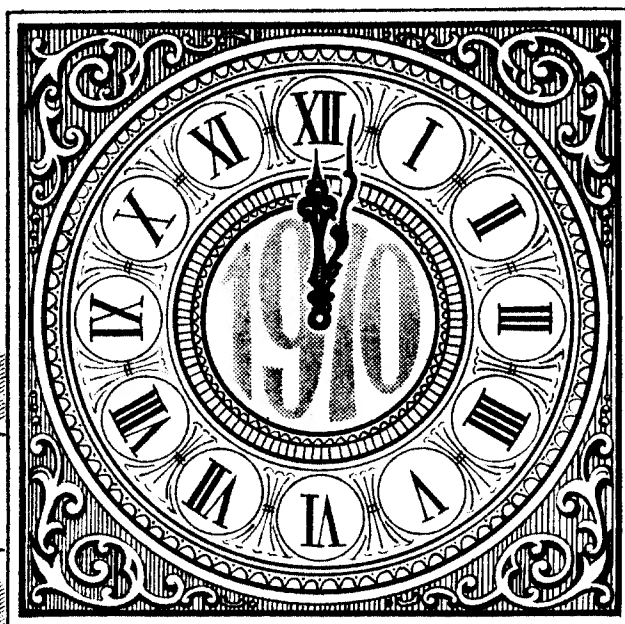
Amanhã—Terça às 16 horas

## Artes plásticas

Borges Lopes  
expõe nas Belas-Artes  
Amanhã, às 18 horas, na  
Sociedade Nacional de Belas-

-Artes, será inaugurada uma  
exposição de pintura de Bor-  
ges Lopes, que ficará patente  
ao público até ao dia 12.

peli



Desejamos que  
cada minuto do

**NOVO ANO**

corresponda a um tempo  
de progresso e felicidade  
para a família portuguesa  
no Continente, no Ultramar  
ou em qualquer ponto do  
Mundo onde labore.

ORGANIZAÇÃO BANCÁRIA

**PINTO DE MAGALHÃES**

COM TODOS OS SEUS AGENTES E CORRESPONDENTES NO PAÍS E NO EXTERIOR

teatro  
**VARIEDADES**

O ÉXITO DA ALEGRIA  
E DO BOM GOSTO

HOJE  
ÀS 20.45  
E 23 HORAS  
DOMINGO  
MATINEE  
ÀS 16 HORAS

A REVISTA  
POPULAR  
DE GRANDE  
ESPECTÁCULO!

RIA COM:  
AIDA • C. COELHO  
ELOINA • SPINA  
MAX • ANITA  
CARDINALI  
ESPADINHA  
M. FRANCO  
e a grande atracção  
nacional ANTONIO  
CALVARIO  
à frente de um  
grande elenco



ADULTOS

# 5ª SEMANA

DEPOIS DE  
2 semanas no EDEN  
2 semanas no EUROPA  
AGORA  
SÓ NO **EDEN**

A atribulada vida de um advogado  
que por não deixar nada ao acaso...  
se vê metido em cada caso...

...que por acaso... é um caso sério!

POSA FILMS INTERNACIONAL, S.A.

Apresenta o seu artista exclusivo

MARIO MORENO

## CANTINFLAS



**D. Quixote  
sem Mancha**

em Eastmancolor

com  
**Angel Garasa  
Lupita Ferrer**

DIRIGIDO POR  
**MIGUEL M. DELGADO**  
PRODUZIDO POR  
**JACQUES GELMAN**

12 ANOS



**ELE AQUI ESTÁ  
O CAMPEÃO DA JUSTIÇA...  
E CAVALheiro ANDANTE DA  
BOA DISPOSIÇÃO!**

VASCO MORGADO informa o seu Ex.<sup>mo</sup>  
Público que embora o original de Henrique  
Santana «OS ELEFANTES NÃO SENTEM  
AS PULGAS» se trate de um espectáculo  
português de alto nível artístico, e ter sido  
recebido pela Crítica com entusiástica  
discussão e com as mais elogiosas refe-  
rências, e o Público ter correspondido, não  
sendo o mesmo suficiente para os encargos  
do avultado custo diário do espectáculo,  
vê-se forçado a retirá-lo dentro de dias.  
HOJE espectáculo à noite às 21,45 horas.  
Domingo à tarde às 16 horas (Adultos)

**ESTUDANTES 50% de Desconto  
no TEATRO MONUMENTAL**

## COLISEU

(Maiores de 6 anos)

A noite podem entrar  
crianças. (M. 6 anos)

Amanhã e Domingo, à tarde, às 16 h. com entrada  
gratuita às crianças até 10 anos. À noite, às 21.30 h.  
(M. 6 anos)

AS MAIORES  
ATRAÇÕES

**GRANDE  
COMPANHIA  
DE CIRCO**

NÚMEROS  
DE SENSACÃO

## PRIMEIRAS EXIBI ÇÕES

### • NO S. JORGE E NO ROMA

TÍTULO — «007 ao Serviço

de Sua Majestade»

REALIZAÇÃO — Peter

Hunt

INTERPRETES — Georges

Lazenby, Diana Rigg e

Telly Savalas.

Poderíamos supor que as  
vicissitudes diversas por que  
tem passado o mito James  
Bond (desistência de Sean  
Connery, destruição total em  
«Casino Royal», reapareci-  
mento com um George La-  
zenby desajeitado, medíocre  
e cretino) o acabariam por  
enfraquecer. Tal não acon-  
tece. O mito alimenta-se da  
sua descontinuidade, a dife-  
rença provoca o que a robô-  
tica anularia. Mais violento e  
mais duro, James Bond vol-  
ta — pelo menos é o que diz  
a publicidade. E todo o filme  
se prepara para projectar o  
mito com um poder inigualá-  
vel. Basta ver o genérico,  
que subtilmente nos remete  
para o passado, evocando ce-  
nas de filmes anteriores. Bas-  
ta observar a sequência ini-  
cial, em que George Lazenby,  
falando do «outro», assume  
plenamente a sua usurpação.  
Basta olhar para aqueles pla-  
nos em que Bond persegue  
Tracy (Diana Rigg) e obser-  
var na lenta e ardilosa apro-  
ximação do rosto do herói o  
processo duma cuidada miti-  
ficação. Lançado com plena  
intencionalidade e convicção,  
auxiliado por todos os arti-  
fícios duma técnica cada vez  
mais apurada, virilizado por  
uma camara que, em suces-  
sões explosivas de planos,  
procura acentuar a violência  
dos combates, James Bond  
tinha todas as condições pa-  
ra vencer. Contudo, o filme  
é um verdadeiro fracasso.  
Porquê?

Talvez porque o mito de  
James Bond vivesse duma  
determinada simplicidade e  
que parece agora perdida. Se  
Bond, e o seu autor, Flem-  
ing, eram reaccionários, is-  
so não se devia, como bem  
notou Umberto Eco, às alu-  
sões políticas da obra e do  
seu herói, mas ao esquema-

tismo maniqueísta que ia en-  
raizar no mais profundo e  
conservador do nosso incon-  
sciente social. Explorando a  
mitologia primária das opo-  
sições mais grosseiras (o  
Mal e o Bem, a Virtude e  
a Perversão, o Amor e a  
Morte, etc.), utilizando um  
completo arsenal de mitos e  
fetiches, Fleming fornecia-  
nos o mais agradável dos  
espectáculos, porque nós nos  
ajustávamos a ele na total in-  
consciência das razões que  
nos moviam.

Em «Ao Serviço de Sua  
Majestade», o projecto des-  
conjunta-se. Porquê? Porque  
George Lazenby, demasiado  
parvo para a missão que lhe  
cabe, não tem aquele mínimo  
de dignidade que seria de  
exigir. Porque, no plano eró-  
tico, o filme desce até á pia-  
da obscena e revisteira, sem  
nunca utilizar uma só ideia  
nova e interessante. Porque  
as personagens femininas são  
inteiramente insipidas (Dia-  
na Rigg inclusivé, que me-  
lhor fazia voltar aos «Vinga-  
dores» onde tinha muito me-  
lhor trabalho). Porque a per-  
sonagem que incarna o Mal  
(Telly Savallas) está muito  
longe de nos impressionar.  
E, principalmente, porque o  
esforço desesperado para in-  
tensificar as sequências es-  
pectaculares desequilibra o  
filme até ao limite do ridí-  
culo. Nenhum processo, ne-  
nhum pormenor folclórico,  
nenhum estratagemma senti-  
mental, nenhum ambiente  
requintado, nenhuma proeza  
foi esquecida. James Bond  
estrebucha e morre, esmagado  
pelos muitos recursos com  
que o pretendem salvar. O  
excesso de socorros revela  
escassez de invenção. Os ef-  
ectos matam. O mito fragmen-  
ta-se, dilacerado pela própria  
força que o projecta. Porque  
só se vive duas vezes, e a  
segunda é sempre o momen-  
to da farsa: Lazenby, o fan-  
toche adequado.

EDUARDO PRADO COELHO

## CHICO BUARQUE NO CASINO ESTORIL



Coerente com as suas canções, Chico Buarque de Holanda  
apresentou-se assim durante o espectáculo de fim do ano  
no Casino Estoril: calça de flanela xadrez, camisola de  
gola alta e bota de camurça clara. «Desejo-vos um bom  
ano e tudo o mais» — começou por dizer. E já aí estava  
muito do «tudo mais» que encerram os belos poemas  
das suas suaves baladas — mensagens de esperança que  
se quadram perfeitamente com os desejos de prosperi-  
dade humana sempre renovados nesta época

## ANO NOVO, ALEGRIA NOVA!

### AR CONDICIONADO TEATRO VILLARET

VASCO MORGADO APRESENTA  
HOJE, 2 SESSÕES  
As 21 h. e às 23 h.

com  
JO APOLONI • ARTUR SE-  
MEDO • FERNANDA BOR-  
SATTI • VASCO DE LIMA  
COUTO • YOLA • DAVID  
SILVA • GEORGINA COR-  
DEIRO • ROLANDO ALVES  
• MARIA • e a colaboração de  
MARIA PAULA  
ESCULTURAIS BELEZAS  
FEMININAS  
NÚ ALEGRE ESPECTACULO  
DE  
GARGALHADAS



## ABC ENA, JÁ FALA!

## • HOJE, ÀS 20.45 E ÀS 23 HORAS, NO

PROSSEGUE A SUA BRILHANTE  
CARREIRA, A COLOSSAL REVISTA

## ESPERTEZA SALOIA

O TRIUNFO DE UM ÓPTIMO ELENCO, COM  
• SALVADOR • JOSÉ VIANA  
• MARIEMA • BARROSO LOPES  
• DÓRA LEAL

e as atracções  
• HELENA TAVARES  
• «THE MELODIES»

A FRENTE DE UMA GRANDE COMPANHIA!

• DOMINGO, «MATINÉE», ÀS 16 HORAS •



JOSÉ VIANA  
na «Voz da Guitarra»



DÓRA LEAL  
na «Menina do Coro»

## MARIA VITÓRIA

• UM ESPECTACULO DE  
GIUSEPPE BASTOS e  
VASCO MORGADO

• UM ENORME EXI-  
TO EM SENSACIO-  
NAL 3.º MÊS



# Para a Sua Agenda...

Estes são os Revendedores Autorizados do novo pneu português de técnica alemã

MORRISON

## DISTRITO DE AVEIRO

**AGUEDA**  
António Ribeiro Guerra (Posto Shell)

**AROUCA**  
Moreira Pinto & Coelho

**AVEIRO**  
António Batista & C., Lda.

**BRANCA**  
Garagem da Branca

**ESPINHO**  
Abel Correia de Oliveira & F., Lda.

**MEALHADA**  
José Maria Penetra

**OLIVEIRA DE AZEÍMIS**  
Auto Parque

**OLIVEIRA DO BAIRRO**  
Manuel Rocha da Silva

**OVAR**

Stand São Cristóvão

**VALE DE CAMBRA**  
Auto Ideal do Pinheiro Manó

**VILA DA FEIRA**  
Rodrigo Ferreira Pinto

**DISTRITO DE BEJA**

**ALIUSTREL**  
Francisco Maria Fialho

**BEJA**  
Costa & Silva, Lda.

**CASTRO VERDE**  
João Caetano da Silva

**MOUROA**  
Auto Salúquia, Lda.

**SERPA**  
Copaser

**DISTRITO DE BRAGA**

**BARCELOS**  
Auto Acessórios Barcelense

**BRAGA**  
Abel de Sousa e Castro

José Ferreira Monteiro da Silva

**FAMALICÃO**  
M. Amorim Alves

**GUIMARÃES**  
José Maria Soares

S. Central de G. de Comb. e Óleos, Lda.

**VIEIRA DO MINHO**  
Aida de Carvalho e Herdeira

**DISTRITO DE BRAGANÇA**

**ALFANDEGA DA SE**  
Empresa Alfandeguesa, Lda.

**BRAGANÇA**  
Faria Lico & C.

**CARRAZEDA DE ANSÍAS**  
António de Oliveira Chaves

**FREIXO DE ESPADA A CINTA**  
Amadeu de Augusto Lopes

**MACEDO DE CAVALEIROS**  
A. Alberto Praça Gerónimo

**MIRANDA DO DOURO**  
Raposo & Sales, Lda.

**MIRANDELA**  
Auto Hércules

Vulcanização Vezúvio, Lda.

**MOGADOURO**  
Oliveira Pires & Irmão, Lda.

**SENDIM**

José Avelino de Castro & Irmão

**TORRE DE MONCORVO**  
M. de Sousa Moreira

**VILA FLOR**  
Eusébio Gaspar Garcia

**VIMIOSO**  
José Nazaré Diz

**VINHAI**  
Francisco Silva

**DISTRITO DE CASTELO BRANCO**

**BELMONTE**

Armando Ribeiro Gil

**CASTELO BRANCO**  
Garagem Império, Urbano Nunes & F., Lda.

Stand Leopoldo

**COVILHÃ**

Auto Representações da Covilhã, Lda.

**PROENÇA-A-NOVA**  
José Lourenço, Agência Comercial de Pneus

**SERTÃO**  
José Lourenço, Agência Comercial de Pneus

**DISTRITO DE COIMBRA**

**ARGANIL**  
Auto Mecânica Argus

**CASTANHEDE**  
Ulisses Evangelista Domingues Terrível

## COIMBRA

Carvalho & Sobrinho - Com. & Ind., SARL - Est. Velha

Pneulândia - Soc. Com. Pneus, Lda., Av. Brasil, 71-75

**FIGUEIRA DA FOZ**  
Recachutagem Jucar, Lda.

Vulcanizadora do Mondego, Lda.

**LOUSA**

Aníbal Antunes Bandeira

**MIRA**

Auto Mira, de Herdeiros de António Simões Borralho

**PENACOVA**

Armindo Marques Amaral

**TENTUGAL**

Posto de S. João, de Cassiano Alves Bandeira

Oficina Tical, de Tibério Cabral

**DISTRITO DE ÉVORA**

**ÉVORA**

Bernardino José de Mira

**ESTREMOZ**

Vitorino Marques Alves

**MONTE-MOR-O-NOVO**  
Vicente A. B. de Almeida Mendes

**REDONDO**

Faustino F. Gomes & Irmão, Lda.

**DISTRITO DE FARO**

**ALBUFEIRA**  
Francisco Duarte Pacheco

**FARO**  
Farauto, Lda.

**LAGOS**

Auto Mecânica Nautex de Lagos, Lda.

**LOULÉ**

Garagem Avenida

**PORTIMÃO**  
Farauto, Lda.

**S. BARTOLOMEU DE MESSINES**  
Mário Vargas Mogo

**S. BRÁS DE ALPORTEL**  
Chaveca & Janeiro, Lda.

**TAVIRA**

Humberto Santos Reis

**VILA REAL DE STO. ANTÓNIO**  
Auto Avenida Acessórios, Lda.

**DISTRITO DA GUARDA**

**CELORICO DA BEIRA**

A Renascente, de Patrício & Reis, Lda.

**FIGUEIRA DE CASTELO RODRIGO**  
Luís Henrique Alves da Silva

**GUARDA**  
Automóveis da Beira, Lda.

**MANTEIGAS**  
Transporte de Manteigas, Lda.

**MEDA**

Auto Medense

**PINHEL**

Alfredo Amaro

**VILA CORTEZ**  
Patrício & Reis, Lda.

**VILA FRANCA DAS NAVES**  
João Luís da Costa Pena, Sucre.

**VILA NOVA DE FOZ COA**  
Estação de Serviço S. Jorge, de Jorge S. Alonso

**VILAR FORMOSO**  
Romão & Faria, Lda.

**DISTRITO DE LEIRIA**

**BOMBARRAL**  
Auto Alexandres

**CALDAS DA RAINHA**  
António dos Santos

Auto Leiria, Lda.

**CASTANHEIRA DE PERA**  
Jorge Gil de Oliveira Bebião

**FIGUEIRÓ DOS VINHOS**  
J. Machado, Lda.

**LEIRIA**  
Auto Leiria, Lda.

Espul

**MACEIRA**  
Arnaldo da Silva Tavares

**NAZARÉ**  
Auto Nazaré

**POMBAL**  
Vitor Manuel Arrais

**DISTRITO DE LISBOA**

**ALHANDRA**  
Manuel Simões Cordeiro

**CASCAIS**  
Henrique das Neves

**CARREGADO**  
Recachutagem Pinto Marques, Lda.

## DAFUNDO

Auto Baterias da Cruz Quebrada, Lda.

**LISBOA**

António de Sousa Lobo Brandão

Auto Brasília

Auto Stop

Barbosa Júnior & Irmão, SARL

Carlos Ribeiro

Casa dos Pneus do Desterro

Casa Relvas

Garagem João Crisóstomo

José Carlos Figueiredo & Figueiredo, Lda.

J. Pereira & Rocha, Lda.

Matias & Almeida, Lda.

Mini-Motor

Mundo dos Pneus

Recachutagem Triunfo

Tecnipneus

Vulcanização Auto Alegria

Vulcanizadora Brasil, Lda.

Vulcanização do Campo Pequeno

Vulcanização Imperial, Lda.

Utica

**LOURES**

Manuel Marques Simões Raso

**MOSCAVIDE**

Garagem Estrela da Avenida de Moscavide, Lda.

**TORRES VEDRAS**

Tecauro

**VILA FRANCA DE XIRA**  
Ferreira & Mata, Lda.

**DISTRITO DO PORTO**

**GONDOMAR**  
Gondomauto, Soc. Com. e Ind. de Automóveis, Lda.

**MARCO DE CANAVESES**  
Recachutagem Marcoense

José Augusto Pinto & F., Lda.

**MATOSINHOS**

Trocol, Transportes de Óleos e Combustíveis, Lda.

**PAREDES**

José Pinto Meireles Ruão

**PORTO**

Afonso Themudo & Irmão - Av. Marechal G. Costa, 107

Armando Ferreira Coelho - R. Fernandes Tomás, 940

Artur Coelho - Rua Latino Coelho, 184

Feira dos Pneus, de Aurélio & Silva

Praça Dr. Teotónio Pereira, 28

Gama & Sousa Dias, Lda. - Rua do Amial, 1121

Garagem Central da Arrábida, Lda.

Rua do Campo Alegre, 620

Garagem 5 de Outubro - Rua 5 de Outubro, 596

Garagem Sá da Bandeira - Rua Sá da Bandeira

Garagem Sto. António - Rua da Maternidade, 163

J. Bernardino Ferreira, Lda. - Rua Alex. Herculano, 295

J. Costa Ramos - Rua Alexandre Herculano, 362

Joaquim de S. Marques - Passelo de S. Lázaro, 18-19

Pereira da Silva & Gonçalves - R. de S. André, 24-26

Prata Rádio, Lda. - Rua Formosa

Ripal - Rep. Interna de Peças e Acessórios

Rua Faria Guimarães, 883

Rui Crisóstomo - Rua da Alegria, 545-A

Vulcanização Alegria - Rua da Alegria, 28

**PÓVOA DE VARZIM**

M. Amorim Alves

**RIO TINTO**

Garagem Cavada Nova, Lda.

**SANTO TIRO**

Garagem Machado

Representações Tego, Lda.

**VALONGO**

Auto Atlantic

**VILA DO CONDE**

António Lima Pacheco

**DISTRITO DE PORTALEGRE**

**ALPALHÃO**

Laurindo Mendes de Matos

**ARRONCHES**

Marcelino da Cruz Salgueiro

**ELVAS**

Antunes & Guerra, Lda.

**NISA**

Joaquim Louro Possidónio

**PORTALEGRE**  
Rodrigues & Figueira, Lda.

**SOUSEL**  
Auto da Boa Vista

**DISTRITO DE SANTARÉM**

**ABRANTES**  
Auto Acessórios Central de Abrantes, Lda.

**ALFERRAREDE**  
António Alves Pintado

**ALPIARÇA**  
Alpiar

**ALPIAL**

## CARTAXO

Recachutagem Iva

**CAXARIAS**

Fametal - Fábrica Portuguesa de Estruturas Metálicas

**CHAMUSCA**  
Manuel Rodrigues de Almeida

**CORUCHE**

Alpiar

**MINDE**

Auto Mindrica, Lda.

**SANTARÉM**

Manuel da Costa Filipe

**TOMAR**

Aral - Agência de Rep. de Automóveis, Lda.

Recachutagem Rodoviária

**TORRES NOVAS**

Garagem São Cristóvão

**VILA NOVA DE OURÉM**  
José Lopes Alves

**DISTRITO DE SETÚBAL**

**ALMADA**

Auto Monumental de Almada, Lda.

**CERCAL DO ALENTEJO**  
José Marques de Oliveira

**GRANDOLA**

Grandauto

**SETÚBAL**

Gesorauto

**DISTRITO DE VIANA DO CASTELO**

**ARCOS DE VALDEVEZ**

Alberto Alves Pereira

**MONÇÃO**

Garagem Gomes

**PAREDES DE COURA**

Empresa de Transportes Courense, Lda.

**PONTE DE LIMA**

Pneus Limiauto

António Fernandes Vilas Boas

**VIANA DO CASTELO**

Auto Vianense, Lda. (Garagem Zé Pequeno)

Cândido Feio (Bazar dos Caçadores)

**DISTRITO DE VILA REAL**

**ALIJO**

António Luís Magalhães & Irmão

**CARRAZEDA DE MONTENEGRO**

Morais & C.

**CHAVES**

# O ORÇAMENTO GERAL DO ESTADO PARA 1970

De acordo com os preceitos constitucionais, o Conselho de Ministros, presidido pelo Chefe do Estado, aprovou no dia 29 de Dezembro último o Orçamento Geral do Estado para 1970, apresentado pelo ministro das Finanças, documento que concretiza as bases gerais da chamada Lei de Meios — previamente debatida e aprovada pela Assembleia Nacional.

Na introdução, o Governo afirma ter o Orçamento Geral do Estado obedecido «ao princípio básico do equilíbrio financeiro», facultando «a cobertura integral das despesas ordinárias pelas receitas da mesma natureza», prevendo-se mesmo um «considerável excedente de receitas ordinárias, que, juntamente com o produto da emissão de empréstimos e outras receitas extraordinárias, será utilizado no financiamento das despesas extraordinárias».

Espera-se que a receita ordinária continue a ultrapassar as previsões, de modo a tornar possível «continuar a financiar com receitas ordinárias uma parcela considerável das despesas extraordinárias, moderando o recurso à emissão de empréstimos».

E acentua-se a seguir:

«Este facto revela-se da maior importância, atendendo à natureza dos encargos com a defesa, de particular projecção nas despesas públicas, mas facilmente previsíveis, por neles se reflectirem as oscilações da conjuntura política internacional. Acresce que a situação da economia portuguesa impõe ao Governo, como premente objectivo, a aceleração do desenvolvimento socio-económico, mediante a intensificação dos investimentos públicos.»

O Orçamento Geral do Estado para 1970 pode sintetizar-se com os seguintes números:

|                             | Milhares de contos |
|-----------------------------|--------------------|
| Receitas ordinárias         | 22 033,2           |
| Despesas ordinárias         | 17 846,6           |
| <b>Saldo</b>                | <b>4 186,6</b>     |
| Receitas extraordinárias    | 6 765,6            |
|                             | 10 952,2           |
| Despesas extraordinárias:   |                    |
| a) Defesa e segurança       | 6 349,9            |
| b) III Plano de Fomento     | 4 372,3            |
| c) Outras                   | 225,5              |
|                             | 10 947,7           |
| <b>Superavit orçamental</b> | <b>+ 4,5</b>       |

Depois da introdução, o diploma contém um capítulo em que são analisados os elementos conjunturais a considerar, afirmando-se a certa altura que «para o próximo ano o nosso país não pode contar com uma conjuntura económica externa tão favorável como a que se observou em 1969. As repercussões que daí podem resultar sobre o movimento das nossas exportações e sobre a actividade económica interna terão de ser consideradas com tanta maior atenção quanto é certo que não há sinais de que a economia nacional tenha colhido benefícios sensíveis com o excepcional progresso das trocas internacionais registado em 1969.»

Apesar destas perspectivas pouco tranquilizadoras, afirma-se mais adiante: «Há, no entanto, boas razões para considerar que o ano de 1969 apresentará uma taxa razoável de crescimento do produto nacional. Embora a quebra acentuada nas produções agrícolas importantes tenha sido um factor negativo de grande peso, espera-se, em contrapartida, que a actividade industrial venha a evidenciar, princi-

palmente no decurso dos últimos meses, sinais significativos de fortalecimento do seu ritmo de expansão.»

Acentua-se, mais adiante, continuar-se a evidenciar-se tendências de um «crescimento acelerado» dos níveis dos preços e dos salários e esperar-se um crescimento moderado e a ritmo mais lento do que seria de prever das exportações.

## A receita ordinária aumentará 3 milhões e meio de contos (em relação a 1969)

No capítulo relativo à receita ordinária começa por dizer-se:

«As estimativas da receita

## RECEITAS ORDINÁRIAS (Milhares de contos)

| Capítulos                                     | 1970     | 1969     | Diferenças |
|-----------------------------------------------|----------|----------|------------|
| I) Impostos directos                          | 6 463,6  | 5 290,5  | + 1 173,1  |
| II) Impostos indirectos                       | 8 647    | 7 011    | + 1 636    |
| III) Industrias em regime tributário especial | 1 340,3  | 1 100,1  | + 240,2    |
| IV) Taxas                                     | 1 109,3  | 888,7    | + 220,6    |
| V) Domínio privado                            | 1 241,1  | 1 029,1  | + 212      |
| VI) Rendimentos de capitais                   | 228,4    | 210,6    | + 17,8     |
| VII) Reembolsos e reposições                  | 1 496,9  | 1 440,7  | + 56,2     |
| VIII) Consignações de receita                 | 1 506,6  | 1 532,6  | - 26       |
|                                               | 22 033,2 | 18 503,3 | + 3 529,9  |

ordinária para o ano económico de 1970 elevam-se a 22 033 200 contos, o que representa em relação a 1969 um aumento de 19,1 por cento, ou seja, em valor absoluto, 3 529 900 contos.

A variação apresenta-se particularmente acentuada. Mas ela não resulta nem das alterações a introduzir em 1970 nas receitas fiscais, que envolverão apenas um modesto aumento, nem do de-

acentua-se, a certa altura: «Merece referência especial a subida de encargos no Ministério da Educação Nacional, que, só ele, absorve mais de metade de todos os aumentos, excluída a elevação nos encargos da dívida pública. Dá-se assim continuidade a uma tendência que desde há anos vem a revelar a atenção prioritária atribuída pelo Governo ao sector do ensino.»

Diz-se ainda neste capítulo que, nos departamentos militares, se observa igualmente a elevação de encargos, sendo 83 000 contos no Ministério do Exército e 71 100 contos no da Marinha.

Podem citar-se como mais avultados, no Ministério do Exército, os aumentos nas

rubricas de pessoal (14 200 contos); de alimentação, fardamento e calçado (42 250 contos); dos quais 19 200 contos destinados às praças; de aquisições de móveis e de imóveis e sua conservação (10 400 contos); de tratamento hospitalar (3000 contos).

No Ministério da Marinha, anota-se, por mais salientes, os acréscimos de 23 900 contos, exigidos pelos aumentos de quadros do pessoal da Armada e dos subsídios de embarque, subsídios de guarnição e gratificações de serviço nos submarinos; de 6500 contos em verbas de alimentação; o reforço de 9300 contos para construção de uma vedeta, reparações fora do Arsenal e sobresees-lentes, e de 10 500 contos para reorganização do Instituto Hidrográfico.

No Ministério do Interior o aumento verificado pertence, fundamentalmente, a melhoria de dotações da Polícia de Segurança Pública, Direcção-Geral de Segurança e Guarda Nacional Republicana.

## Dez milhões de contos de despesa extraordinária

O Orçamento Geral do Estado, no capítulo respeitante à despesa extraordinária, especifica que o montante dos gastos de carácter extraordinário inscrito no Orçamento Geral do Estado para 1970 abrange cerca de 10 950 milhões de contos, o qual traduz acréscimo de 909 400 contos, inferior ao previsto para o ano precedente, que era de 1367 milhões de contos. A progressão observada, da ordem dos 9 por cento, provém fundamentalmente das despesas com o III Plano de Fomento, em que o aumento atinge 851 000 contos, de acordo, aliás, com a orientação definida na Lei de Meios para o próximo ano, que aponta para o reforço da formação de capital.

No referente à despesa extraordinária com o III Plano de Fomento, esclarece-se no documento, a certa altura: «O sector da «Educação e Investigação» um dos que

absorve maior volume de recursos, com uma dotação de 869 300 contos, a mais elevada de sempre. As despesas extraordinárias a efectuar referem-se principalmente à construção de edifícios escolares em todos os ramos e respectivo apetrechamento inicial (473 000 contos), a cargo do Ministério das Obras Públicas e aos investimentos dependentes do Ministério da Educação Nacional (256 000 contos), em que avultam as verbas de 115 814 contos para reapetrechamento (material destinado aos estabelecimentos de ensino primário, secundário, médio e superior, bem como de investigação e de outros serviços), 105 619 contos, nomeadamente para recrutamento e formação de quadros docentes e de investigadores nos diversos ramos de ensino e para fomento da investigação e das actividades sociais dos estudantes e, finalmente, 34 587 contos para instalação e apetrechamento inicial. São ainda de mencionar as dotações relativas à formação profissional extra-escolar (25 415 contos) e à investigação não ligada ao ensino, quer no âmbito do fomento industrial, mineiro, agrícola, pecuário, florestal e piscícola (47 273 contos), quer na construção civil (20 000 contos), quer ainda no campo da programação económica, da estatística, da energia nuclear e da meteorologia (30 300 contos).»

## Prosseguirá o recurso à emissão de novos empréstimos por parte do Estado

O Orçamento Geral do Estado para 1970 termina com uma nota final, onde se diz: «As previsões orçamentais apresentadas atrás mostram que durante o próximo ano continuarão a manter-se as exigências de recurso à emissão de novos empréstimos por parte do Estado. A utilização de fundos provenientes da dívida pública tem

sido uma constante da política orçamental dos últimos anos, mas sempre se tem procurado sujeitar essa utilização a um condicionalismo extremamente rigoroso.

E mais adiante:

«Veja para o financiamento da acumulação de capital pelo sector privado tem permanecido em níveis amplamente suficientes. Muitas das dificuldades encontradas nesse financiamento têm a sua origem, sobretudo, em insuficiências do mercado de capitais que importa corrigir.

«Em segundo lugar, tem-se mantido como um dos princípios básicos da política seguida que os recursos obtidos na medida em que a política da dívida pública seja directamente orientada no sentido de estimular o desenvolvimento da produção global é que se poderá manter uma razoável estabilidade monetária e evitar que os gastos de hoje venham a traduzir-se para as gerações futuras em dificuldades económicas provocadas por pesa-

mediante processos cuidadosamente definidos, por forma a evitar efeitos inflacionistas e a não prejudicar o nível dos investimentos privados necessários ao progresso económico; por outro lado, a utilização dos fundos assim obtidos tem de ser estritamente reservada ao financiamento de investimentos reprodutivos.

«O alargamento dos gastos correntes do Estado, mesmo daqueles que têm maiores repercussões positivas sobre as possibilidades de crescimento económico futuro, terá, portanto, de continuar a ser baseado no acréscimo das receitas correntes; e este terá de conseguir-se atingindo, preferentemente, os rendimentos destinados a consumos menos necessários e defendendo, na medida do possível, os consumos privados de maior essencialidade e as poupanças susceptíveis de aplicação em investimentos de reconhecido interesse económico e social.

«De qualquer modo, as

## QUADRO DA EVOLUÇÃO DAS DESPESAS (Milhares de contos)

| Anos | Despesa ordinária (1) | Despesa extraordinária |                          |                          |           | Porcentagem (5)/(1) |
|------|-----------------------|------------------------|--------------------------|--------------------------|-----------|---------------------|
|      |                       | Defesa e segurança (2) | III Plano de Fomento (3) | Outros investimentos (4) | Total (5) |                     |
| 1967 | 12 605,4              | 5 347                  | 2 145,4                  | 106,5                    | 7 598,9   | 60,2                |
| 1968 | 13 663,6              | 5 613                  | 2 920,9                  | 177,4                    | 8 671,3   | 63,4                |
| 1969 | 15 286,9              | 6 339,9                | 3 521,3                  | 177,1                    | 10 038,3  | 65,6                |
| 1970 | 17 846,6              | 6 349,9                | 4 372,3                  | 225,5                    | 10 947,7  | 61,3                |

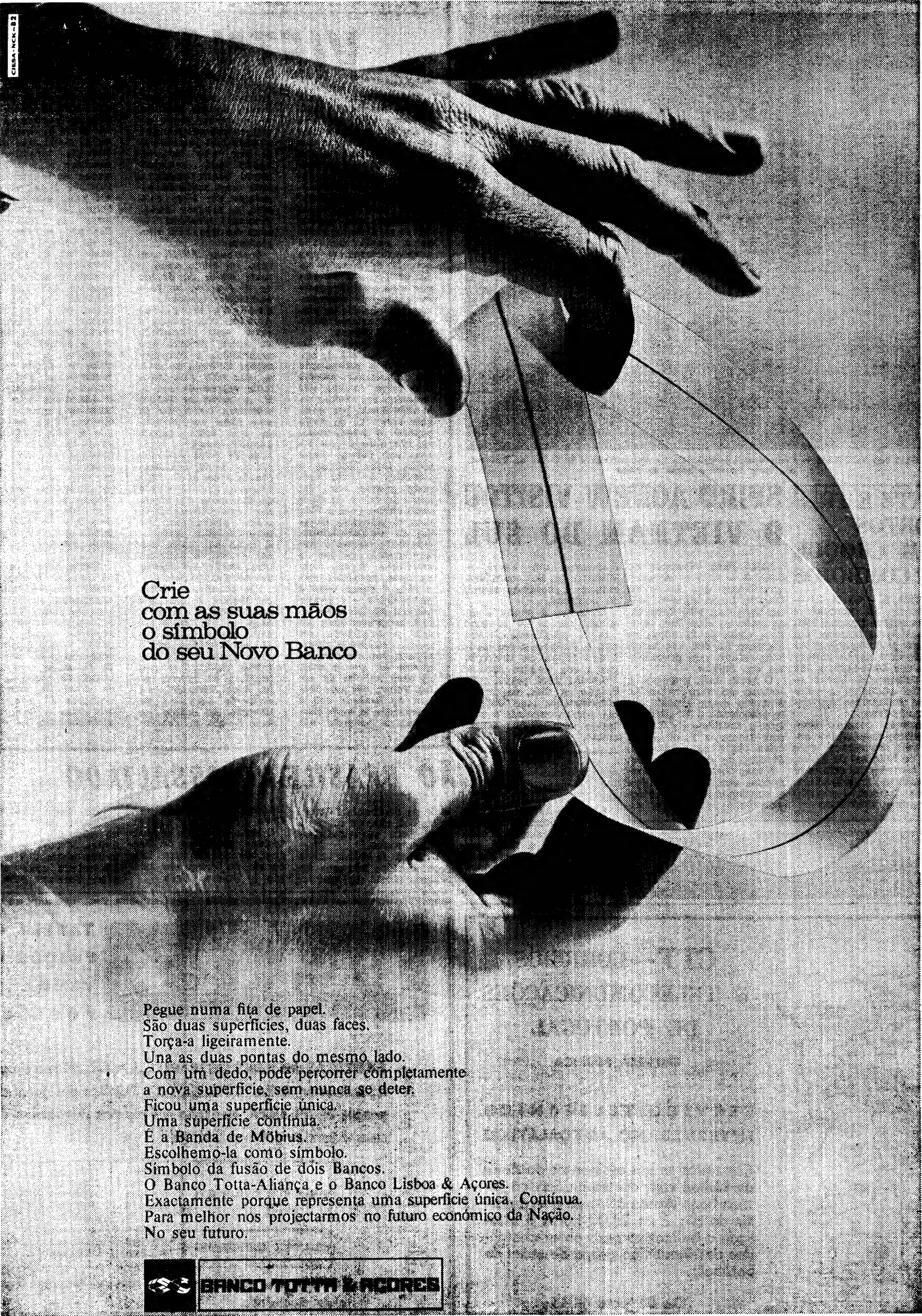
das, acréscimos na carga fiscal, reduções importantes nos gastos públicos mais necessários ou desequilíbrios graves na balança de pagamentos. Essa é a orientação que terá de continuar a ser seguida. Não se pode fugir, sob pena de consequências económicas graves, ao cumprimento de uma dupla exigência: por um lado, a captação de fundos através de novos empréstimos terá de ser feita dentro de limites e

despesas correntes do Estado terão sempre de apoiar-se no alargamento da base produtiva sobre que assentam as receitas fiscais que lhes servem de cobertura. E isso aponta, desde logo, a maior austeridade no consumo público, em favor do investimento, que terá de orientar a política orçamental para 1970.

«E aqueles que terão de executá-la se impõe o seu exacto entendimento.»

## DESPESAS ORDINÁRIAS (Milhares de contos)

| Ministérios ou departamentos                                                                                                                      | Orçamento |          | Diferenças                   |                      |                 |           |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|----------|------------------------------|----------------------|-----------------|-----------|
|                                                                                                                                                   | 1969      | 1970     | Reajustamento de vencimentos | Despesas compensadas | Outros encargos | Total     |
| Dívida pública                                                                                                                                    | 2 441,1   | 2 640,2  | —                            | + 63                 | + 136,1         | + 199,1   |
| Encargos Gerais da Nação:                                                                                                                         |           |          |                              |                      |                 |           |
| Presidência da República, Presidência do Conselho, Representação Nacional, Secretaria de Estado da Informação e Turismo, Defesa e Força Aérea ... | 1 058,6   | 1 225,9  | + 91,9                       | + 27,8               | + 47,6          | + 167,3   |
| Tribunal de Contas, Junta do Crédito Público e pensões                                                                                            | 539,3     | 570,4    | + 4,1                        | —                    | + 27            | + 31,1    |
| Encargos próprios dos Ministérios:                                                                                                                |           |          |                              |                      |                 |           |
| Finanças                                                                                                                                          | 956,7     | 1 154,7  | + 136,5                      | + 6,5                | + 55            | + 198     |
| Interior                                                                                                                                          | 790,3     | 930,1    | + 123,4                      | + 0,7                | + 15,7          | + 139,8   |
| Justiça                                                                                                                                           | 253,9     | 297,2    | + 38,3                       | —                    | + 5             | + 43,3    |
| Exército                                                                                                                                          | 1 374,7   | 1 581,5  | + 123,2                      | + 0,6                | + 83            | + 206,8   |
| Marinha                                                                                                                                           | 933,2     | 1 164,9  | + 120,4                      | + 40,2               | + 71,1          | + 231,7   |
| Negócios Estrangeiros                                                                                                                             | 282,4     | 332,1    | + 9,9                        | —                    | + 39,8          | + 49,7    |
| Obras Públicas                                                                                                                                    | 902,1     | 880,4    | + 32,3                       | - 63,5               | + 9,5           | - 21,7    |
| Ultramar                                                                                                                                          | 102,6     | 114,2    | + 7,7                        | —                    | + 3,9           | + 11,6    |
| Educação Nacional                                                                                                                                 | 2 401,3   | 3 331,6  | + 488,2                      | - 14,5               | + 456,6         | + 930,3   |
| Economia                                                                                                                                          | 560,9     | 657,5    | + 60,3                       | + 16,2               | + 20,1          | + 96,6    |
| Comunicações                                                                                                                                      | 1 588,8   | 1 721,4  | + 27,7                       | + 88                 | + 16,9          | + 132,6   |
| Corporações e Previdência Social                                                                                                                  | 99,2      | 118,1    | + 9,4                        | + 6,9                | + 2,6           | + 18,9    |
| Saúde e Assistência                                                                                                                               | 1 001,8   | 1 126,4  | + 71,6                       | + 0,3                | + 52,7          | + 124,6   |
|                                                                                                                                                   | 15 286,9  | 17 846,6 | + 1 344,9                    | + 172,2              | + 1 042,6       | + 2 559,7 |



Crie  
com as suas mãos  
o símbolo  
do seu Novo Banco

Pegue numa fita de papel.  
São duas superfícies, duas faces.  
Torça-a ligeiramente.  
Una as duas pontas do mesmo lado.  
Com um dedo, pode percorrer completamente  
a nova superfície, sem nunca se deter.  
Ficou uma superfície única.  
Uma superfície contínua.  
É a Banda de Möbius.  
Escolhemo-la como símbolo.  
Símbolo da fusão de dois Bancos.  
O Banco Totta-Aliança e o Banco Lisboa & Açores.  
Exactamente porque representa uma superfície única. Contínua.  
Para melhor nos projectarmos no futuro económico da Nação.  
No seu futuro.

**BANCO TOTTA & AÇORES**

## Actualidade internacional



**TRÉGUA NO VIETNAM** — Componentes da guarnição de uma bateria da D. C. A., no Vietnam do Norte durante a trégua do Natal

## VINTE E TRÊS MORTOS NUM CHOQUE DE COMBOIOS

DACAR, 2 — (A. N. I.) — Morreram 23 pessoas e muitas outras ficaram feridas, devido ao facto de um comboio de passageiros ter colidido com um de mercadorias em Lam-Lam, a 100 quilómetros de Dakar — segundo anunciou a companhia senegalesa dos caminhos-de-ferro.

Dezassete pessoas tiveram morte imediata e outras seis morreram mais tarde no hospital de Thies, onde também se encontra hospitalizado grande número de feridos, incluindo muitos com gravidade

## SPIRO AGNEW VISITOU O VIETNAM DO SUL

BIEN HOA (Vietnam do Sul), 2 — (R.) — O vice-presidente dos Estados Unidos, Spiro Agnew, partiu hoje, às 3 e 10 T. M. G., de avião de Bien Hoa após uma visita de 24 horas ao Vietnam do Sul, que incluiu uma estada sem precedentes em Saigão.

O jacto azul, prateado e branco do vice-presidente descolou desta grande base americana a 32 quilómetros a nordeste de Saigão com destino a Taipé, a terceira etapa da viagem de 24 dias de Agnew à Ásia. Numa declaração de despedida escrita e entregue a correspondentes, o vice-presidente disse que a s

discussões que tivera no Vietnam do Sul «confirmaram-me a sabedoria da nossa política».

«Estamos a seguir o caminho certo» — afirmou.

O vice-presidente abandonou o Vietnam cerca de 24 horas depois de interromper a sua viagem para as Filipinas para seguir para Saigão, a fim de travar conversações com dirigentes governamentais e avisar-se com tropas americanas.

## NOTA INTERNACIONAL

# VIETNAM-70

Vietnamização — eis a palavra mágica e provavelmente uma das mais gratas aos que abundantemente a empregam nos discursos, comunicados e esclarecimentos autenticados com o selo da Casa Branca. No vocabulário nixoniano ela significa a cura do cancro vietnamita, que, repare-se, só se declarou quando a grande indústria norte-americana se viu perante as pressões inflacionistas provocadas por uma política económica dirigida essencialmente no sentido da produção de material indispensável à guerra.

Mas as regras da democracia dos E.U.A. exigem que a prossecução dos objectivos ditados pela força (única) dos interesses económicos seja mistificada por qualquer arremedo de apoio popular. A grande maioria silenciosa, a qual Nixon vai buscar esse apoio, tinha aderido à iniciativa de John Kennedy quando este, em nome da defesa da liberdade, enviou para o Vietnam as primeiras unidades de «conselheiros». Não resta menor dúvida de que o americano médio, conformista, satisfeito com a vida e pouco dado a especulações — a grande maioria silenciosa — estará sempre ao lado dos seus presidentes, aos quais, democraticamente, ritualmente, dispensa, de quatro em quatro anos, os seus milhões de votos. Talvez não seja oportuno lembrar que a independência norte-americana e portanto um

dos episódios mais relevantes da sua História, se radica no papel desempenhado não por uma maioria mas precisamente por uma minoria: aquela que, correspondendo sensivelmente a uma terça parte da população das treze colónias, se mostrou decididamente favorável ao corte dos laços com a Inglaterra.

O século XVIII, porém, vai muito longe e neste limiar da década de 70 é acima de tudo necessário assegurar a vocação mundial da América. Em relação à parte mais conturbada do Sueste Asiático está programada a vietnamização: Retirada do grosso dos GI's (em Abril terão regressado aos E. U. A. cerca de 110 000 soldados), criação de uma força sul-vietnamita que tanto quanto possível funcione como testa de ferro em relação ao Norte, continuação do apoio aéreo americano, enquadramento da população em unidades para-urbanas facilmente controláveis por administrações policiais e, como não podia deixar de ser, o indispensável auxílio em dólares aos homens de Saigão.

São patentes os condicionais a que está sujeito um tal programa. Logo se vê, antes de mais, que a vietnamização não significa pacificação e muito pelo contrário implicará a continuação e de guerra, cujas novas características derivarão apenas do invariável do estado de facto de um dos contin-

dores mudar de fisionomia. Evidentemente que ninguém garante (a não ser talvez os computadores do Pentágono) que o Exército sul-vietnamita substitua com êxito as tropas norte-americanas. Refira-se a este respeito um passo muito significativo de um recente artigo de Jean-Claude Pomonti, correspondente do «Monde» no Vietnam: «O Governo sul-vietnamita não é rico e cada batalhão recebe só as irrisórias para alimentar os seus homens. Os soldos insuficientes determinam o desinteresse dos militares e contribuem para alimentar a corrupção entre os oficiais. Os recrutamentos, muito numerosos, raramente se traduzem em bons combatentes e quando estes atingem 30 por cento no selo de uma unidade logo se faz sentir um aumento de eficiência. Com a participação mais activa dos governamentais na guerra, as deserções tendem a multiplicar-se. Em 1969, o número de desertores atingiu, segundo uma fonte autorizada, 130 000».

Então porque a vietnamização? Esta não poderá pôr em risco a supremacia norte-americana no Sueste Asiático? A natureza agressiva do imperialismo não é compatível com a lógica dos processos e, no caso dos E. U. A., a crença ilimitada no poder da força pressupõe eventuais malogros de programas tais como a famigerada vietnamização. — PC.

## AVIÃO BRASILEIRO ASSALTADO

BUENOS AIRES 2 — Um avião comercial brasileiro, com 28 pessoas a bordo, foi assaltado a noite passada nos ares pouco depois de descolar de Montevideo, no Uruguai.

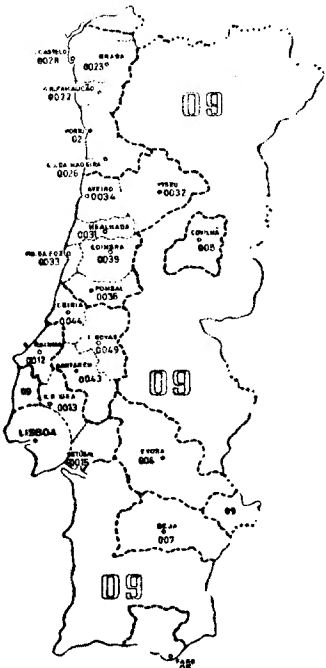
O avião, um jacto Caravelle da companhia Cruzeiro do Sul, aterrou nesta capital para se reabastecer de carburante.

Dezenas de aviões têm sido assaltados nos ares nos últimos meses na América Latina e desviados para Cuba.

O jacto descolou de Montevideo, a capital do Uruguai, situada do outro lado do rio da Prata em relação a Buenos Aires.

Não havia qualquer informação acerca do destino final do jacto, embora fontes afectas ao aeroporto dissessem que o aparelho estava aparentemente a ser desviado para Cuba.

**Operações de Bolsa**  
**BANCO DO ALENTEJO**



## CTT — CORREIOS E TELECOMUNICAÇÕES DE PORTUGAL

EMPRESA PÚBLICA

### SERVIÇO TELEFÓNICO INTERURBANO AUTOMÁTICO

Comunica-se aos assinantes da **Zona de Lisboa** com acesso ao Serviço Interurbano Automático de que a partir do dia 2 às 24.00 horas é alterado o indicativo para obter chamadas destinadas ao grupo de redes de Setúbal:

De 01 para 0015



## TABELA DE PREÇOS DE VENDA AO PÚBLICO

**FÁBRICAS MENDES GODINHO, S.A.R.L.** têm o prazer de informar os Ex.<sup>mos</sup> Técnicos e o Público em geral dos preços de **PLATEX** em todo o País nos Armazéns dos seus Agentes e Revendedores.

|                  |         |           |
|------------------|---------|-----------|
| PLATEX DURO      | 2,5 mm  | 12\$50 m2 |
|                  | 3,2 mm  | 13\$50 m2 |
|                  | 5 mm    | 17\$50 m2 |
|                  | 6,35 mm | 23\$00 m2 |
| PLATEX PERFURADO | 8 mm    | 28\$00 m2 |
|                  | 3,2 mm  | 18\$50 m2 |
|                  | 8 mm    | 37\$00 m2 |

Nota: Nestes preços estão já incluídos todos os encargos fiscais e de distribuição.

PLACAS DE FIBRAS DE MADEIRA

# UM ALMIRANTE ISRAELITA DEIXARÁ PARIS A PEDIDO DA FRANÇA

PARIS, 2 — (R.) — Espera-se que o almirante Mordechai Limon, o principal agente de compra de armas de Israel na Europa, parta desta capital para Tel-Aviv, dentro de uma ou duas semanas.

O Governo francês pediu a sua chamada como parte das sanções tomadas por causa do caso das vedetas.

O embaixador israelita Walter Eytan foi chamado ontem ao ministério francês dos Negócios Estrangeiros e informado oficialmente

te da decisão do Governo.

Um informador da embaixada israelita comunicou posteriormente que o antigo comandante do famoso navio de refugiados judeus «Exodus», partiria de qualquer modo de Paris nos próximos meses, para ocupar um novo cargo em Tel-Aviv.

A chamada do almirante Limon, colocado oficialmente em França, desde 1962, como conselheiro da embaixada, não se esperava que tivesse qualquer efeito nas relações diplomáticas entre a França e Israel pois, embora, membro do pessoal da embaixada, o almirante não ocupava qualquer alto cargo diplomático.

Contudo, a continuação da frieza nas relações franco-israelitas, que aumentou desde que o general de Gaulle impôs um embargo de armas a Israel em 5 de Junho de 1967, foi subli-

nhada ontem durante a tradicional recepção do Ano Novo na presidência ao corpo diplomático.

Eytan, o decano do corpo diplomático, foi a primeira individualidade cumprimentada pelo presidente Pompidou, no palácio do Eliseu. Contudo, o chefe de Estado não conversou com o diplomata, de cabelos brancos, limitando-se a trocar com ele um aperto de mão. Depois, prosseguiu cumprimentando os outros embaixadores, conversando e sorrindo com cada um deles.

Além de pedir a retirada do almirante Limon, o Governo francês, suspendeu dois generais pela sua participação no caso.



SORAYA e Franco Indovina, o realizador cinematográfico italiano que ultimamente mais tem sido visto na companhia da ex-imperatriz da Pérsia. Indovina dirigiu as «Três Faces de uma Mulher», primeiro filme em que Soraya participou. A ideia do casamento não parece posta de parte, embora a sua concretização dependa do divórcio de Indovina.

## Nove anos de luta no Vietnam

SAIGÃO, 2 — (R.) — O número de norte-americanos mortos no Vietnam, ao fim de nove anos de luta, ultrapassou os 40 000, anunciou ontem um informador militar.

O número de comunistas mortos atinge 586 543.

## NASSER (EM CARTUM) PROMETE LANÇAR UM MILHÃO DE HOMENS CONTRA ISRAEL

CARTUM, 2 — (R.) — O presidente Nasser termina hoje a sua visita ao Sudão, onde a sua promessa de lançar um milhão de combatentes árabes na «batalha da libertação» contra Israel, provocou bramidos de aprovação num comício de massas que se realizou nesta cidade.

O presidente regressará ao Cairo após conversações privadas com o seu antecessor major-general Jafar

El-Numeiry, presidente do Conselho Revolucionário sudanês, sobre acção conjunta para recuperar territórios árabes ocupados por Israel.

Empunhando uma metralhadora ligeira que lhe foi oferecida durante o comício, o presidente Nasser declarou a noite passada a 60 000 árabes, que o aclamavam loucamente: «Desdobramos 500 000 homens na frente de batalha e estamos a formar um Exército de um milhão de homens».

Rejeitou as últimas propostas de paz americanas para o Médio Oriente e atacou os americanos por fornecerem a Israel caças Phantom e outras armas. Descreveu as propostas americanas como «planos suspeitos destinados a dividir os Estados árabes, sugerindo acordos separados entre os países da frente de combate e Israel».

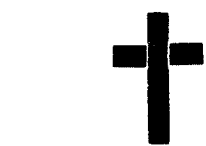
## Desmentido israelita

TEL-AVIV, 2 — Comentando a notícia publicada no jornal «Al Akhbar», o Cairo, segundo a qual um barco de guerra egípcio teria afundado o submarino israelita «Dakar» há quase dois anos, um informador militar afirmou, em Tel-Aviv, que «não há provas concluintes para uma afirmação desse género».

Saltando que a notícia não deve passar de «propaganda», fez notar que «os egípcios guardaram silêncio durante dois anos» e lembrou que «fazem habitualmente declarações falsas para estimular o público árabe».

## ACUSAÇÃO

AMMAN, 2 — (A. N. I.) — Um informador da organização de guerrilheiros Al Fatah apresentou hoje nova acusação contra as tropas israelitas: a utilização de gases tóxicos contra as guerrilhas, que lançaram onze ataques, em quatro horas, no sul do vale do Jordão, na zona da ponte do rei Hussein.



Maria Teresa Trigos  
Moreira da Cruz

Sebastião José Bastos  
Moreira da Cruz

MISSA DO 7.º DIA

Suas famílias rogam uma oração por suas almas na Igreja de S. João de Brito, sábado 3, às 10 e meia. Agradeçam

## SERVIÇO TELEFÔNICO DE POESIA

CARDIFF, 2 — (R.) — Um serviço telefónico de poesia, o primeiro do seu género na Grã-Bretanha, começará a funcionar nesta cidade galesa no próximo mês, segundo foi revelado hoje.

Todas as semanas, 24 horas por dia, assinantes poderão ouvir um poeta diferente lendo a sua obra. Para isso, basta discar um número.

O Conselho Galês de Artes, que patrocina o serviço para tornar popular a poesia do País de Gales, vai gastar 400 libras (28 contos) para o organizar e espera conseguir cerca de 300 assinantes todas as semanas.

## DIREITOS IGUAIS PARA PORTUGUESES E BRASILEIROS — EM PROJECTO

RIO DE JANEIRO, 2 — (R.) — O ministro da Justiça Alfredo Buzaid vai promulgar uma lei em 1970 que dará aos residentes portugueses direitos iguais aos brasileiros.

O «Jornal Brasil» afirma que a comissão de juristas encarregada de redigir uma emenda ao artigo 199 da Constituição apresentará os seus trabalhos ao ministro no próximo mês. O projecto será depois estudado por uma outra comissão hierarquicamente superior.

O ministro menciona elaborar uma lei que possa ser apresentada ao Congresso brasileiro e à assembleia Nacional portuguesa.

## PORTUGUES EXPULSO

BRASILIA, 2 — (A. N. I.) — O presidente da República assinou um decreto expulsando do território brasileiro Manuel Joaquim Gonçalves Teixeira, de nacionalidade portuguesa, natural de Seidões, Portugal, e residente em São Paulo. Informa o ministério da Justiça que Manuel Teixeira tem cadastro, com vários delitos, nomeadamente roubo e burla.

Em VENDAS NOVAS o «DIÁRIO DE LISBOA», encontra-se à venda na PAPELARIA SIMÕES, de Ramalho & Ma-  
druga — Praça da República, 72.

## O DELEGADO RUSSO VOLTA A PEQUIM

MOSCOVO, 2 — (R.) —

Os dois gigantes do mundo comunista, ideologicamente em litígio, a União Soviética e a China, recomeçarão provavelmente em breve negociações secretas para estabelecer a paz nas suas inquietas fronteiras conjuntas, mas sendo incertas as perspectivas.

O subsecretário soviético dos Negócios Estrangeiros, Vasily Kuznetsov, que regressara há cerca de três semanas do seu país, vindo de Pequim, partiu de Moscovo de avião para a capital chinesa, segundo foi comunicado a noite passada.

De acordo com observadores desta capital, Kuznetsov levou consigo novas instruções que revelarão rapidamente se as conversações têm alguma possibilidade de êxito.

Kuznetsov chefiou uma delegação soviética de oito membros nas primeiras oito semanas do que foi anunciado em Moscovo terem sido conversações grandemente infrutíferas. Regressou inesperadamente de avião a Moscovo em 14 de Dezembro juntamente com o chefe adjunto da delegação, major-general Vadim Matrosov, chefe do estado-maior das tropas soviéticas na fronteira.

## FIM DA EFTA?

(Continuação da 1.ª página)

fora do Mercado Comum como também da EFTA, disse o ministro numa entrevista que concedeu em Oslo.

Os países membros da EFTA são Portugal, a Grã-Bretanha, a Austrália, Dinamarca, a Noruega, a Suécia e a Suíça.

Administração

de Propriedades

BANCO DO ALENTEJO

# L Í N G U A S

NOVOS CURSOS  
EM JANEIRO



HORÁRIO:  
DAS  
09.00 às 22.00 h.

R. MARQUES SÁ DA BANDEIRA, 16 — Tels. 51496-534054-534052

# «SOCIEDADE BOA UNIÃO»: CEM ANOS AO SERVIÇO DO POVO DE ALFAMA

Há cem anos nasce em Alfama a Sociedade Boa União. Agremiação de marítimos e operários, profundamente enraizada na psicologia popular daquele bairro, a colectividade nunca perdeu, até hoje, as características que fazem dela um dos exemplos de permanência do espírito colectivo que tão grande importância revestiu no fim do século passado e no início deste século — e

que, progressivamente, foi perdendo o seu fulgor e o seu sentido.

Para comemorar o seu centenário organizou a Sociedade de Boa União um cuidado e digno programa de festas, á altura do significado da efeméride. A primeira das manifestações desse programa decorreu ontem, na sede da velha associação e no meio de verdadeiro jubilo popular.

Às 9 horas da manhã a

banda de música de Samora Correia começou a percorrer as ruas de Alfama, visitando as colectividades do bairro e enchendo as estreitas vielas de alegria e vivacidade.

A tarde, às 16 horas, concentraram-se no Largo do Chafariz de Dentro milhares de sócios da colectividade, que ali receberam o presidente e vice-presidente da Câmara, general França Borges e sr. António David que

foram saudados pela banda de música. O presidente da Câmara e as individualidades que o acompanharam fizeram depois, a pé, o curto trajeto para o Beco das Cruzes, onde se situa a sede da «Boa União» e aí, no magnífico salão de festas, o general França Borges presidiu á primeira cerimónia comemorativa do centenário da colectividade.

Encontravam-se presentes além do presidente e do vice-presidente da edilidade, o presidente das Colectividades de Cultura e Recreio, representantes da Federação Portuguesa de Ginástica, representantes de várias colectividades recreativas, a comissão organizadora das comemorações do centenário, direcção da sociedade, o filho do construtor civil Diamantino Tojal — benemérito da «Boa União» — e muitos associados.

O general França Borges descerrou duas lápidas: uma alusiva á sua visita, outra relativa aos que ao longo de 100 anos têm trabalhado na velha sociedade de Alfama. Ao presidente e vice-presidente da Câmara foram entregues medalhões comemorativos do centenário, da série mandada cunhar especialmente.

Durante a sessão usaram da palavra vários oradores, entre os quais o general França Borges, o presidente da Federação das Colectividades de Cultura e Recreio, o presidente da assembleia geral da Sociedade, sr. Fernando Garcia, o dirigente Camellindo Nunes, etc.

Ainda este mês se cumprirão outras manifestações do programa comemorativo, que se estenderá até ao fim do ano.

## CINECLUBE DE SANTARÉM

SANTARÉM, 2 — O Cine clube local leva a efeito, amanhã, ás 21 e 30, na sede da Associação Académica, um colóquio orientado pelo eng. agr. Blasco Hugo Fernandes, subordinado ao tema «Reforma Agrária».

O seu livro «Para uma Reforma Agrária em Portugal» irá ser objecto de análise e debate no colóquio.

## O PROBLEMA CRIADO PELOS NOVOS HORÁRIOS DA «LINHA»

# ALMOÇO EM LISBOA QUASE OBRIGATÓRIO PARA OS MORADORES EM PAREDE E CARCAVELOS

Esta manhã, durante um curto período de tempo, a Sociedade Estoril pôs em distribuição uns impressos com o novo horário da linha Lisboa-Cascais-Lisboa. Às 9 horas já nenhuma bilheteira do Cais do Sodré dispunha de qualquer horário, esperando-se (disse-nos um bilheteiro) «que venha ainda hoje um reforço, já que a procura foi maior do que se calculava».

### Mais um aviso...

A partir de ontem, a Sociedade Estoril afixou nas suas estações um aviso onde se lê: «A 1 do corrente entram em vigor novas tarifas que estipulam:

Passageiros sem bilhete ou com bilhete sem validade — Pagam o preço da Tarifa Geral acrescido de 20%.

Excesso de percurso feito com aviso prévio ao revisor — Os passageiros pagam só a diferença da Tarifa Especial número 1 (sem sobretaxa e sem sujeição a mínimos de cobrança).

Excesso de percurso feito sem aviso prévio — Os passageiros pagam a diferença em relação á Tarifa Geral acrescida de 20%.

Mudança de classe (no caso de aquisição de bilhete antes da mudança) — Os passageiros pagam só a diferença da Tarifa Especial número 1

(sem sobretaxa e sem mínimos de cobrança).

Mudança de classe com bilhete adquirido já na classe superior — Os passageiros pagam a diferença pela Tarifa Geral acrescida de 20%.

As cobranças calculadas pela Tarifa Geral são arredondadas para os múltiplos de 50 centavos imediatamente superiores e com o mínimo de Esc. 500.

As assinaturas anuais adquiridas mensalmente custam mais 20% do que adquiridas de uma só vez.

### Adeus Almoço!

Os problemas para os passageiros residentes em Carcavelos ou Parede são difíceis de resolver. Quem morar em locais servidos por estas duas estações e tiver como tempo para refeição (o período compreendido entre as 12 e as 14 horas, dificilmente poderá ir a sua casa almoçar. Vejamos porque:

Nesse espaço de tempo, o primeiro comboio que sai do Cais do Sodré tem como hora de partida às 12 e 5, o que torna absolutamente inviável a hipótese de ser «apanhados» por pessoas que saiam dos empregos ao meio-dia.

A partir daí, saem os seguintes comboios: às 12 e 10 (servindo exclusivamente Alcântara, Algés, Oeiras, S. Pedro e estações seguintes); às 12 e 12 (Cruz Quebrada, Caxias, Paço de Arcos, Santo Amaro e Oeiras); e às 12 e 15 (Santos, Alcântara, Belém, Pedrouços e Algés). Finalmente, o que parte do Cais do Sodré às 12 e 20, passa em Algés e Oeiras, atingindo Carcavelos (às 12 e 39) e a Parede (às 12 e 42) terminando a marcha em S. Pedro.

Depois, o outro comboio que serve Carcavelos e Parede sai de Lisboa às 12 e 42, passando naquelas estações às 13 e 1 e 13 e 4, respectivamente, o que já torna praticamente impossível aos seus passageiros irem a casa almoçar e terem tempo de apanhar os dois únicos comboios que «tocam» Parede e Carcavelos de molde a atingirem Lisboa antes das 14 horas. Referimo-nos aos que chegam a Lisboa às 13 e 29 (passam em Parede às 13 e 6 e em Carcavelos às 13 e 9) ou às

13 e 51 (depois de passarem em Parede às 13 e 28 e em Carcavelos às 13 e 31). Evidentemente que todos estes horários ainda estão sujeitos a atrasos, tão frequentes na linha explorada pela Sociedade Estoril.

Destes factos se infere que, quem residir em Parede ou Carcavelos, é obrigado a despelir-se do almoço em casa.

E as novas tarifas? Começaram ontem a vigorar, mas «a troca das assinaturas está a processar-se em ritmo muito lento» — informaram-nos nas bilheteiras do Cais do Sodré, quase desertas ao longo da manhã de hoje.

### Reunião em Carcavelos

Tal como já noticiámos, efectua-se esta noite, ás 21 e 30, na Junta de Freguesia de Carcavelos, uma reunião para se apreciar e aprovar um comunicado-exposição sobre os novos horários e o aumento de preços na linha ferroviária Lisboa-Cascais.

Esse comunicado foi preparado por uma comissão composta pelos srs. Luís Bivar Guerra, António Henriques Maia, Viseu Pinheiro, Francisco José Freire Themudo, Santiago de Carvalho e José Vitória Justo. Após a sua redacção definitiva, será enviado ao sr. Presidente do Conselho e ministro das Comunicações.



O Chefe do Estado, o Presidente do Conselho e o cardeal-patriarca trocam cumprimentos no Palácio de Belém

# CUMPRIMENTOS DE ANO AO PRESIDENTE DA REP

Os presidentes dos órgãos de soberania e outras destacadas individualidades estiveram ontem, dia de Ano Novo, no Palácio Nacional de Belém a apresentar cumprimentos ao Chefe do Estado. Pouco depois das 11 horas, chegou ali o sr. Cardeal-Patriarca, que foi recebido pelos componentes da Casa Militar do Chefe do Estado, seguindo para o gabinete do Presidente, onde se manteve durante trinta minutos, conversando com o supremo magistrado da Nação.

Quando o sr. almirante Américo Thomaz acompanhou o sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira até á porta da sala do Conselho, que comunica para a sala Luís XV, já ali se encontrava o sr. prof. dr. Marcello Caetano, havendo uma breve troca de cumprimentos entre o sr. Cardeal-Patriarca e o Chefe do Governo.

Momentos depois os srs. almirante Américo Thomaz e prof. dr. Marcello Caetano entraram para a sala do Conselho de Estado, onde se mantiveram até cerca das 13 horas.

Entretanto, chegaram ao Palácio de Belém, entrando pela sala das Bicas, os srs. dr. José Osório, presidente

do Supremo Tribunal de Justiça; eng.º Amaru Neto, presidente da Assembleia Nacional; dr. Luís Supico Pinto, presidente da Câmara Corporativa, e general França Borges. Depois de recebidos pelos componentes das Casas Militar e Civil do Chefe do Estado, sr. general Humberto Pais, comandante Guilherme Tomás, tenente-coronel Comandante Libano Monteiro, major Rui Pereira Coutinho e dr. Luís Pereira Coutinho — deram entrada na sala do Conselho, onde se mantiveram cerca de trinta minutos na companhia dos srs. Presidentes da República e do Conselho.

Às 12 horas, os representantes das Forças Armadas, que entretanto se tinham reunido na sala dos Retratos, entraram na sala do Conselho para apresentarem cumprimentos ao Chefe do Estado, facto que pela segunda vez ocorre. Acompanhou o sr. almirante Américo Thomaz o sr. prof. dr. Marcello Caetano, que também saudou os componentes da referida representação, constituída pelos ministros da Defesa, do Exército e da Marinha, secretário de Estado da Aeronáutica, subsecretário de Estado do Exército e

pelos c-  
-Maiores  
Armadas  
Armada

O Che-  
-unido  
vinte m  
individuo

Cerca  
prof. dr  
abandon  
lém, na  
chefe d  
despediu  
das Casa  
Chefe do  
nalistas

de o sr.  
Thomaz  
sala do C  
ral Santo

dens ho  
sentou o

A últ  
concedida  
operador  
viço no  
Belém. S

fe do Es  
rada na  
mando d  
decer, o

rico Tho  
para que  
ja melho  
ras e sati

rações.

Durant  
de ontem  
lácio de

ções de  
Chefe do  
represent

estrangeli  
na gistr  
tes de re  
nal e ou

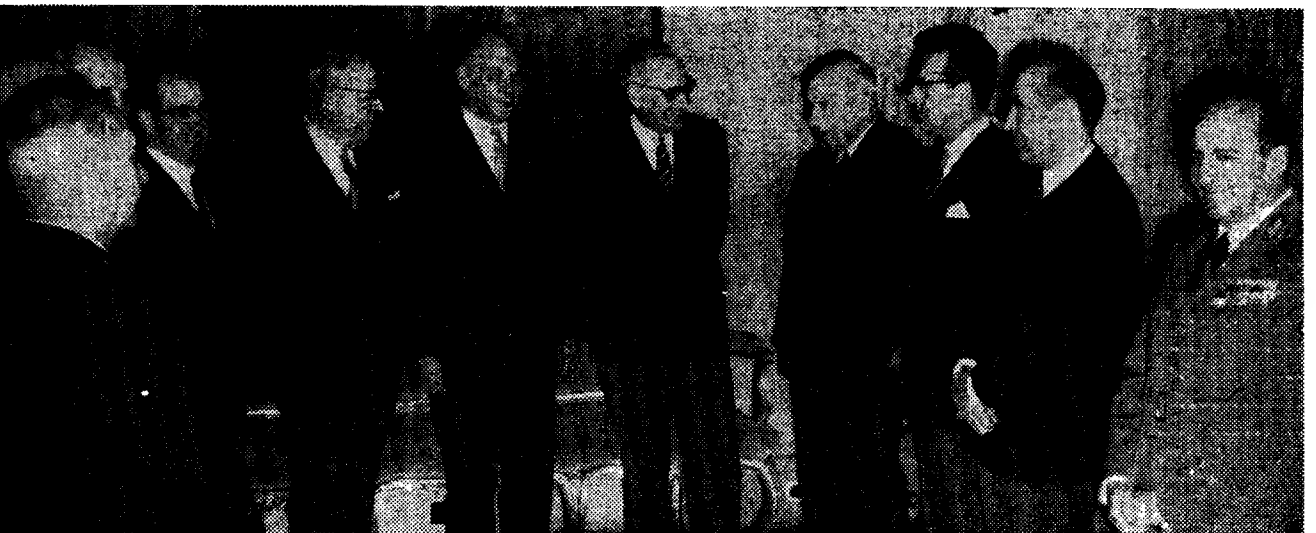
Foram,  
no Paláci  
mas de s  
de Estad

Pouco  
o sr. gen  
chefe da  
President

tave no  
em nome  
Américo

os cumpri  
p. Manu  
para apre  
tes, no F

Belém, ac



Os srs. Presidentes da República e do Conselho rodeados pelos ministros e representantes das Forças Armadas, durante as cerimónias de cumprimentos ao Chefe do Estado no Palácio de S. Bento

## «O Século Ilustrado»

Celebrou o seu 33.º aniversário o nosso prezado colega «O Século Ilustrado», semanário de actualidades de larga expansão, editado pelo nosso prezado colega «O Século».

Ao director, o jornalista dr. Francisco Mata e aos seus colaboradores as nossas saudações cordiais.

## CAIU DA MOTORETA

Na Ponte de Frielas, apareceu caído e inanimado junto da sua motoreta, o sr. Albino de Oliveira e Silva, de 38 anos, natural de Estarreja, cuja morada se ignora. Conduzido ao Hospital de Santa Maria, chegou ali já morto, pelo que o cadáver foi removido para o Instituto de Medicina Legal.

# Uma brasileira de S. Paulo e uma francesa de Lyon —primeiras turistas de 1970

O comandante João Stepanski foi o primeiro piloto a descer no Aeroporto da Portela em 1970. A aterragem verificou-se 20 minutos depois da meia-noite. O avião, um «Boeing» da Varig, era já esperado, pois saíra de Paris pouco depois das 22 horas, em voo para o Rio de Janeiro, com escala por Lisboa. No momento exacto da passagem do ano, o «Boeing» comandado pelo brasileiro João Stepanski sobrevoava o santuário de Fátima.

No mesmo avião, viajavam as primeiras turistas da de-

cada de 70, já que, àquela hora, só a fronteira aérea se encontrava aberta. Como nos anos anteriores, a Direcção-Geral de Turismo comemorou simbolicamente a entrada daqueles turistas, dos quais foram seleccionados dois, desde logo hóspedes da mesma Direcção-Geral, durante a sua permanência no nosso País. A escolha recaiu na brasileira Clara Maria Weber, de 35 anos, natural de Rio Pardo, Estado do Rio Grande do Sul e na jovem francesa Jacqueline Robin, de 25 anos, natural de Lyon.

Surpreendidas pelos «flashes» dos fotógrafos e da Televisão, nenhuma delas sabia o que tinha acontecido. Mas era fácil: Clara e Jacqueline eram as primeiras turistas entradas em Portugal em 1970, motivo por que passavam a ser hóspedes da Direcção-Geral de Turismo. O convite foi-lhes dirigido pelo dr. Alvaro de Sousa, em no-

me do director-geral do Turismo, enquanto duas simpáticas funcionárias daquele departamento oficial, devidamente uniformizadas, faziam a entrega a Clara e Jacqueline de lindos ramos de flores naturais e duas artísticas caravelas em filigrana.

Além do dr. Alvaro de Sousa, estiveram ainda presentes no aeroporto os srs. Nuno Xara Brasil, da Varig, e Sales Henriques, da Direcção-Geral de Turismo.

Clara Weber é casada, tem três filhos e vive em São Paulo. Fora a Paris encontrar-se com o marido e resolveu passar uns dias em Lisboa antes de regressar ao seu país. Jacqueline Robin é secretária de administração em Lyon, para onde regressa no domingo. Já visitou Portugal algumas vezes, mas o conhecimento que já tem do nosso País não impediu que ficasse muito surpreendida com a recepção.



Lembranças para as duas primeiras turistas entradas em Portugal no ano de 1970

## A NEVE NO NORTE DO PAIS

### Não se passa de Castro Daire para Lamego

CASTRO DAIRE, 2 — Equipas de limpeza da J. A. E. tentam remover a neve que bloqueia desde terça-feira a estrada nacional entre esta vila e Lamego.

A ligação continua cortada no trecho Colo do Pito —

Ponte de Reconcios, não se efectuando, por tal motivo, as carreiras rodoviárias para aquela cidade. Entretanto deixou de nevar, o que leva a admitir que a ligação possa ainda hoje restabelecer-se, embora em condições precárias.

## RECEPÇÃO NO PATRIARCADO

Para comemorar a entrada do novo ano, o sr. cardeal-patriarca de Lisboa deu ontem recepção no Paço do Campo de Santana. A cerimónia decorreu na sala do trono, onde as individualidades visitantes foram introduzidas pelo beneficiado José Maria Rodrigues e padre João Rocha, respectivamente, secretário-famulo do sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira. Também esteve presente o sr. rev.º cônego D. João de Castro, pró-vigário geral do Patriarcado.

O eminente purpurado começou a receber as primeiras individualidades às 15 prolongando-se a recepção até às 18 horas. Estiveram no Paço Patriarcal ou enviaram cartões de cumprimentos, entre outras individualidades, os srs. presidente da Assembleia Nacional, ministros do Estado, do Ultramar e da Saúde e Assistência; subsecretários de Estado das Obras Públicas e da Juventude e Desportos; profs. drs. António Vieira Forjaz, Lopes de Andrade, Fernando Carvalho Barreira e eng.º André Navarro; generais Monteiro do Amaral, Campos Andrade e Camara Pina; governador civil do distrito de Lisboa; presidente da Câmara Municipal de Lisboa; tenente-coronel Salvação Barreto, eng.º Arantes e Oliveira, Nazareth de Oliveira, Sá e Melo, Branco Cabral, João Leite Castro, José Tomás Oom, Alberto Pinto Basto e Espregueira Mendes; drs. Pinto Ferreira, Henrique Martins de Carvalho, José Rodrigues de Matos e Manuel José de Abreu Faria; condes das Alcáçovas, visconde de Balsemão, António Marques Pinto, José Filipe Neto Rebelo, Alberto Ferreira Pinto, Pedro e Luis Azevedo Coutinho.

Estiveram também no Patriarcado membros da comissão executiva da União Nacional, a direcção da Obra das Mães pela Educação Nacional, o Conselho Superior de Portugal da Sociedade de S. Vicente de Paulo, a direcção-geral da Liga Agrária Católica, a direcção nacional do Apostolado do Mar, a direcção da Universidade Católica, etc.

Como habitualmente, as famílias mais numerosas foram recebidas em audiências individuais.

**CHOCOLATES TIGDES**  
BARREIRO · LISBOA · QUELUS

# AS PRINCIPAIS ALTERAÇÕES À LEGISLAÇÃO FISCAL

referem-se ao Imposto Profissional e à Contribuição Industrial

Se o leitor ganha 30 contos (ou menos) por ano, deixa de estar, a partir de agora, obrigado ao pagamento do imposto profissional. Isto quer dizer que foi alterada de 18 para 30 contos a isenção do referido imposto, e a medida faz parte do diploma recentemente aprovado na reunião do Conselho de Ministros, com o qual se deu execução à autorização concedida pelo artigo 10.º da Lei de Meios, introduzindo-se algumas alterações aos Códigos Fiscais.

Ainda que importante, aquela medida não é, porém, a única alteração ao imposto profissional, cujas taxas (até ao ano passado de 1 por cento) passam a ser feitas de acordo com uma tabela que onera especialmente os rendimentos colectáveis anuais a partir dos 400 contos. Tere-mos, assim: até 40 contos — 1 por cento; até 80 — 2 por cento; até 120 — 3 por cento; até 160 — 4 por cento; até 200 — 5 por cento; até 250 — 6 por cento; até 300 — 7 por cento. Anteriormente, a partir dos 300 contos havia apenas a taxa de 8 por cento. De agora em diante, teremos: até 400 contos — 8 por cento; até 500 — 9 por cento; até 600 — 10 por cento; até 700 — 11 por cento; até 800 — 12 por cento; até 900 — 13 por cento; até 1000 — 14 por cento; mais de 1000 — 15 por cento.

Outra inovação, para simplificar aspectos de liquidação e cobrança: a entrega nos cofres do Estado do desconto feito pelas empresas passa a fazer-se trimestralmente, em Janeiro, Abril, Julho e Outubro.

Todas as alterações são aplicáveis apenas aos rendimentos recebidos ou postos à disposição dos seus titulares posteriormente a

31 de Dezembro do ano passado.

Interessa, porém, fixar: a dedução do imposto nos rendimentos que é efectuada pelas entidades patronais passa a ser feita logo de acordo com as taxas correspondentes ao montante anual das remunerações do contribuinte, em vez de ser feita apenas à taxa de 1 por cento, como se procedia até aqui.

### Imposto de capitais

Entre as alterações introduzidas no imposto de capitais, salienta-se o facto de ter passado de 5 para 5,5 por cento a taxa sobre os lucros ou dividendos das empresas. (Isto sujeito, evidentemente, à parte do Estado, pois além disso, há ainda os adicionais).

Por outro lado, os rendimentos resultantes da concessão ou cedência temporária de patentes de invenção, licenças de exploração, modelos de utilidade, desenhos industriais, marcas, etc., assim como os recebidos pela prestação de informações respeitantes a uma experiência adquirida nos sectores industrial, comercial ou científico, até agora sujeitos a imposto pro-

fissional, passam a estar sujeitos a imposto de capitais, de acordo com uma nova taxa de 10 por cento. O pagamento deste imposto é feito por retenção na fonte, quer dizer, quem paga é que desconta.

### Imposto complementar

Tal como aconteceu com as taxas do imposto profissional, também as do imposto complementar sofreram alterações: a partir do rendimento colectável de 250 até 300 contos onde anteriormente era de 8 por cento e agora é de 8,5 (secção A). A nova tabela mantém-se inalterável até àquelas importâncias. Assim: até 50 contos — 3 por cento (secção A e secção B); de 50 até 100 — 4 por cento (secção A) e 3,5 por cento (secção B); de 100 até 150 — 5 por cento (A e 4 por cento (B); de 150 até 200 — 6 por cento (B) e 4,5 (B); de 200 até 250 — 7 por cento (A) e 5 por cento (B). A partir das importâncias de 250 a 300 contos, é estabelecida uma tabela que vai de 8,5 por cento até 55 por cento, quando a anterior ia de 8 por cento a 45 por cento.

A propósito do imposto complementar, salienta-se ainda que acabou o adicional referido no artigo 11.º da Lei 2136 de 21 de Dezembro de 1968 e que os rendimentos líquidos do imposto de capitais, secção B, das acções e obrigações ao portador não registadas ficarão sujeitos ao imposto comple-

mentar por taxa de 24 por cento (antes, 20 por cento).

### Contribuição industral

A principal inovação introduzida na contribuição industrial diz respeito aos contribuintes do grupo A para os quais deixa de haver a colecta provisória de 50 por cento do lucro tributável no ano anterior. Em contrapartida, passa a fazer-se a liquidação provisória de acordo com os elementos fornecidos pelo contribuinte. Por outras palavras: a liquidação provisória do imposto assentará na declaração do contribuinte e passa a ser posta à cobrança em Julho e Outubro (até agora era em Janeiro e Julho), sendo a última prestação simultânea com a liquidação definitiva.

Os conhecimentos de cobranças serão entregues anualmente nas tesourarias da Fazenda Pública, nos prazos seguintes: até 20 de Junho, os que respeitarem a liquidação provisória da contribuição industrial grupo A; até 15 de Dezembro, os que respeitarem a liquidação provisória da contribuição industrial grupo B; até 15 de Setembro, os referentes à correcção de liquidação provisória ou à liquidação prevista no artigo 86.º; até 20 de Março, os relativos à contribuição industrial grupo C.

As alterações introduzidas aplicar-se-ão à contribuição industrial a partir do ano passado.

As suas jóias estão antiquadas? Pode vendê-las ou trocá-las pelos últimos modelos

**GRANDE OURIVESARIA DA MODA**  
RUA DA PRATA, 257

**Conta Infantil**  
BANCO DO ALENTEJO

arca trocando impressões

## NO NOVO REPÚBLICA

pelos chefes dos Estados-Maiores general das Forças Armadas, do Exército, da Armada e da Força Aérea. O Chefe do Estado esteve unido durante cerca de vinte minutos com aquelas individualidades.

Cerca das 13 horas, o sr. prof. dr. Marcello Caetano abandonou o Palácio de Belém, na companhia do seu chefe de gabinete. Antes, despediu-se dos componentes das Casas Militar e Civil do Chefe do Estado e dos jornalistas presentes. Mais tarde o sr. almirante Américo Thomaz recebeu, também na sala do Conselho, o sr. general Santos Costa que, em nome dos chanceleres das Ordens honoríficas, lhe apresentou cumprimentos.

A última audiência foi concedida aos jornalistas e operadores da T. V., em serviço no Palácio Nacional de Belém. Saudou então o Chefe do Estado o novo camarada na imprensa, sr. Armando de Almeida. Ao agradecer, o sr. almirante Américo Thomaz formulou votos para que o presente ano seja melhor para os jornalistas e satisfizesse as suas aspirações.

Durante a manhã e tarde de ontem passaram pelo Palácio de Belém, a deixar cartões de cumprimentos ao Chefe do Estado, chefes das representações diplomáticas estrangeiras em Lisboa, altas magistraturas, personalidades de relevo na vida nacional e outras entidades.

Foram, também, recebidos no Palácio de Belém telegramas de saudações de Chefes de Estado de vários países.

★

Pouco depois do meio-dia, o sr. general Humberto Pais, chefe da Casa Militar do sr. Presidente da República, esteve no Patriarcado, para, em nome do sr. almirante Américo Thomaz, retribuir os cumprimentos que o sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira apresentara, pouco antes, no Palácio Nacional de Belém, ao Chefe do Estado.

# O chefe do distrito deslocou-se esta manhã aos novos bairros administrativos — Amadora, Queluz e Moscavide

Principlaram a funcionar hoje, de harmonia com as alterações introduzidas ao Código Administrativo, os novos bairros administrativos da Amadora, Queluz e Moscavide, criados no sentido de facilitar aos munícipes a utilização dos serviços oficiais.

O primeiro visitante oficial dos novos bairros foi o sr. dr. Afonso Marchueta, governador civil de Lisboa, que, esta manhã, os percorreu um a um demoradamente.

As 10 horas, o chefe do distrito chegava ao bairro administrativo da Amadora, localizado na Avenida Dr. Oliveira Salazar. Acompanhado o vice-presidente do município de Sintra, sr. Pereira Forjas.

Durante meia hora, o dr.

## O BAIRRO DA BAIXA DA BANHEIRA

MOITA, 2 — O bairro administrativo da Baixa da Banheira, recentemente criado pela disposição legal que elevou o concelho da Moita a urbano de primeira, começa a funcionar na próxima segunda-feira. A administração do bairro encontra-se instalada no Largo do Posto da G. N. R., num edifício propriedade da Câmara Municipal que após grandes obras de remodelação se adaptou para o efeito. O edifício foi visitado no passado dia 30 pelo governador civil de Setúbal que se congratulou pela forma rápida como foi resolvida a respectiva instalação.

## Empresa Pública do Estado Correios e Telecomunicações de Portugal

Precedendo resolução do Conselho de Ministros foi nomeado, por portaria de 27 de Dezembro de 1969, presidente do Conselho Geral da Empresa Pública do Estado Correios e Telecomunicações de Portugal o sr. eng.º José Esteves Abramoiz Couceiro do Canto Momiz, antigo ministro das Comunicações.

Também por portaria da mesma data foram nomeados vogais do Conselho de Administração da referida empresa o licenciado Francisco José Rodrigues do Valle Guimarães e o eng.º Jorge Belbiano Correia do Amaral Coimbra. O primeiro acto da empresa realizou-se pelas 11 e 30 de hoje com a posse do vogal do Conselho de Administração, eng.º Jorge Coimbra, conferida pelo presidente do Conselho Geral.

**Bombons Arcádia**  
o prazer do paladar

Afonso Marchueta trocou impressões com o administrador do bairro, sr. Fernando José Camarjola Velez.

Seguiu-se o bairro administrativo de Queluz, a Rua dos Lusíadas, onde o chefe do distrito chegou acompanhado pelo presidente da Câmara Municipal de Oeiras, dr. Mena Matos. Aí foi-lhe apresentado o respectivo administrador, sr. Eduardo Cardoso.

Finalmente, em companhia

do presidente e vice-presidente do Município de Loures, srs. José da Silva Baptista e dr. Osvaldo Gomes, o dr. Afonso Marchueta visitou o bairro administrativo de Moscavide, situado na Rua António Maria Pais. Depois de breve conversa com o respectivo administrador, dr. José Afonso Brado, o governador civil de Lisboa regressou ao seu gabinete, onde (como o ouvimos dizer) «tinha muito que fazer».

## CINCO FERIDOS NUM DESASTRE NA AUTO-ESTRADA

Na auto-estrada do Norte, despistou-se um automóvel conduzido pelo sr. Alberto Morgadinho Jerónimo, de 26 anos, empregado da TAP, que seguia acompanhado da mulher D. Maria do Carmo Silva Gaspar, de 28 anos, a filha do casal, Maria José, de 4 anos, os pais daquele, sr. José Jerónimo, de 51 anos, e D. Maria José Morgadinho, de 53 anos, e ainda uma sua irmã, Teresa Morgadinho Jerónimo, de 16 anos, todos residentes na Estrada da Portela, Quinta do Alto.

Levados ao Hospital de Santa Maria, ficaram ali internados muito traumatizados.

# CRITICADA A ESTRUTURA HOSPITALAR

PELO PROF. CELESTINO DA COSTA

O prof. Celestino da Costa, director clínico do Hospital de Santa Maria, fez críticas á estrutura hospitalar durante a primeira sessão do Internato Geral de 1970, no qual estão inscritos 110 novos médicos. O prof. Celestino da Costa referiu, nomeadamente, a falta de condições de habilitação dos médicos em zona anexa do hospital, e afirmou que as condições do

internato não correspondiam ao que se desejaria.

O 1.º ano do Internato Geral de 1970 com algumas palavras do director clínico do Hospital de Santa Maria e do chefe do Internato Médico, prof. J. Pinto Correia. A palestra acerca de «O Hospital de Santa Maria, sua organização e funcionamento», que devia ter sido feita pelo prof. Juvenal Esteves, foi proferida também pelo prof. Celestino da Costa. Ao cuidado do prof. Nogueira da Costa ficou a dissertação sobre «Conceito de clínica — rotinas de funcionamento dos serviços».

## OS VOLUNTÁRIOS DE LISBOA TÊM NOVOS DIRIGENTES

Em assembleia geral presidida pelo contra-almirante Nuno de Brion foram antecorrem eleitos os novos corpos gerentes dos Bombeiros Voluntários de Lisboa para 1970, cujo acto de posse há-de realizar-se no próximo dia 5, pelas 21 horas.

Os dirigentes escolhidos foram os seguintes: Assembleia Geral — contra-almirante Nuno de Brion (presidente), dr. Manuel Gomes de Carvalho, Joaquim Gama e J. Júlio Filipe da Guia Martins; Direcção — Ernesto Costa, Jaime Alves Baptista, Elmer de Andrade Rodrigues, João Maria Soares Lopes, Henrique das Neves Fernandes Cordeiro e António Esteves Saraiva; Conselho Fiscal — Jorge Rebelo, João Maria de Magalhães Ferraz e Carlos Alberto Serra e Moura.

## O MAU TEMPO FEZ DESVIAR QUATRO AVIÕES PARA MADRID

Ventos com certa intensidade, acompanhados de fortes batéguas de água e uma ligeira neblina marítima, obrigaram a desviar para Barajas (Madrid) quatro voos intercontinentais que deviam fazer escala em Lisboa ou aqui tinha o seu termo.

Tal aconteceu com três voos provenientes de Nova York (T.A.P., Aerolíneas Iberia e Air France) e com um de Curacao (Viasa). Algumas dezenas de passageiros perderam assim a ligação com outras capitais europeias.

Pouco minutos depois das 9 aterrou na Portela um avião vindo de Montreal (Canadair) e começaram a sair aparelhos da TAP. A situação tende a normalizar-se.

## Bolsa de Lisboa

| UNIDOS DO ESTADO   | Etes | Compre  | Venda | Ultramarinas   | Etes    | Compre  | Venda |
|--------------------|------|---------|-------|----------------|---------|---------|-------|
| Consolidado 3 1/4% | —    | —       | —     | Angola         | 2.400\$ | 2.440\$ | —     |
| Consolidado 3%     | —    | —       | —     | M. Revue       | 620\$   | 650\$   | —     |
| Consolidado 3 1/2% | —    | —       | —     | M. de Príncipe | 800\$   | 1.000\$ | —     |
| Centenário 4%      | —    | 1.470\$ | —     | Mocimboa       | 179\$   | 178\$   | 179\$ |
| Obriga. Tesouro 5% | —    | 1.003\$ | —     | Monete n       | —       | —       | —     |
| Extremo 1 série    | —    | —       | —     | Monete p       | —       | 430\$   | —     |
| Extremo 2 série    | —    | —       | 820\$ | Monete p       | —       | 85\$    | —     |
| Extremo 3 série    | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 4 série    | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 5 série    | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 6 série    | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 7 série    | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 8 série    | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 9 série    | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 10 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 11 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 12 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 13 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 14 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 15 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 16 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 17 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 18 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 19 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 20 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 21 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 22 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 23 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 24 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 25 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 26 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 27 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 28 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 29 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 30 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 31 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 32 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 33 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 34 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 35 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 36 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 37 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 38 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 39 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 40 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 41 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 42 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 43 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 44 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 45 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 46 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 47 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 48 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 49 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 50 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 51 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 52 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 53 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 54 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 55 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 56 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 57 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 58 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 59 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 60 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 61 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 62 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 63 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 64 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 65 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 66 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 67 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 68 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 69 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 70 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 71 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 72 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 73 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 74 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 75 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 76 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 77 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 78 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 79 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 80 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 81 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 82 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 83 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 84 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 85 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 86 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 87 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 88 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 89 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 90 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 91 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 92 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 93 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 94 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 95 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 96 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 97 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 98 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 99 série   | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |
| Extremo 100 série  | —    | —       | —     | Monete p       | —       | —       | —     |

|                         |       |       |   |
|-------------------------|-------|-------|---|
| nitratos 5% 60 .....    | 790\$ | —     | — |
| Petrobrás 5% .....      | 865\$ | —     | — |
| Port Celul 4% .....     | 950\$ | —     | — |
| Sacar 5% 74 .....       | —     | —     | — |
| Sacar 5% 50 .....       | —     | —     | — |
| Siderurgia 5% 4.° ..... | 890\$ | —     | — |
| Siderurgia 5% 3.° ..... | 790\$ | 820\$ | — |
| Siderurgia 5% 4 .....   | —     | —     | — |
| Soneto 5% .....         | —     | —     | — |
| I. A. P. 4% .....       | 930\$ | —     | — |
| Termoelect Port 5% ..   | —     | —     | — |
| U. E. P. 3 3/4% .....   | —     | —     | — |
| U. E. P. 4% .....       | —     | —     | — |
| U. E. P. 4 1/2% .....   | —     | —     | — |
| U. E. P. 5% .....       | 80\$5 | 83\$  | — |
| U. E. P. 5% 60 .....    | —     | —     | — |
| U. E. P. 5% 63 .....    | —     | —     | — |

|                        |         |          |          |
|------------------------|---------|----------|----------|
| AÇÕES                  |         |          |          |
| Banco:                 |         |          |          |
| Agricultura .....      | 2.240\$ | 2.235\$  | 1.240\$  |
| Anteio .....           | 1.055\$ | 1.050\$  | 1.060\$  |
| Anglo .....            | —       | 3.550\$  | 3.600\$  |
| Bumav .....            | —       | —        | —        |
| Créd. Predial .....    | —       | 5.000\$  | 5.500\$  |
| E. Santo .....         | —       | 18.500\$ | 19.000\$ |
| E. Santo n .....       | —       | —        | —        |
| Fonseca S. e .....     | —       | 20.000\$ | 23.000\$ |
| Fomento Nacional ..... | —       | 2.400\$  | 2.500\$  |
| L. & Açores p .....    | —       | 7.050\$  | 7.100\$  |
| L. & Açores n .....    | —       | —        | —        |
| P. Atlântica p .....   | 5.950\$ | 5.900\$  | 5.970\$  |
| Portugal n .....       | —       | 4.000\$  | 3.300\$  |
| Portugal p .....       | —       | 6.000\$  | 6.400\$  |
| Totta Alença .....     | —       | 3.350\$  | 3.330\$  |
| Ultramarina n. ....    | 3.350\$ | 3.330\$  | 3.300\$  |
| Ultramarina p. ....    | 3.750\$ | 3.750\$  | 3.800\$  |

|                      |       |          |          |
|----------------------|-------|----------|----------|
| Seguros              |       |          |          |
| Alentejo .....       | —     | 80\$     | —        |
| Douro .....          | —     | 795\$    | 805\$    |
| Mundial .....        | 800\$ | 1.050\$  | 2.600\$  |
| Sagres .....         | —     | 55.000\$ | 65.000\$ |
| Transatlântica ..... | —     | 18.000\$ | 30.000\$ |
| Ultramarina .....    | —     | —        | —        |

|                           |       |       |       |
|---------------------------|-------|-------|-------|
| Ultramarinas              |       |       |       |
| Açúcar de Angola .....    | —     | 830\$ | 850\$ |
| Ag. Cassequel .....       | 800\$ | 795\$ | 805\$ |
| Ag. Incomati .....        | —     | 470\$ | —     |
| Ag. Neves .....           | —     | 350\$ | —     |
| Ag. S. Tomé e Príncipe .. | —     | 160\$ | 190\$ |
| Buzi .....                | —     | —     | 83\$  |
| Can. do Sul .....         | 240\$ | 280\$ | 285\$ |

|                    |   |        |        |
|--------------------|---|--------|--------|
| UNIDOS DO ESTADO   |   |        |        |
| F. Atlântico ..... | — | 204\$4 | 210\$5 |
| F. D. E. S. ....   | — | 126\$2 | 180\$  |

|                                       |          |          |        |
|---------------------------------------|----------|----------|--------|
| ÍNDICE                                |          |          |        |
| BORGES & IRMÃO                        |          |          |        |
| COTAÇÃO DAS AÇÕES (Base: Dez. 65 100) |          |          |        |
|                                       | 26/12/69 | 69/71/71 | 2/1/70 |
| GERAL .....                           | 151,6    | 150,3    | 150,7  |
| METROPOL .....                        | 143,6    | 142,3    | 142,8  |
| ULTRAM. ....                          | 210,3    | 208,8    | 208,5  |

|                           |         |         |  |
|---------------------------|---------|---------|--|
| PAISES                    |         |         |  |
|                           | Compras | Vendas  |  |
| África do Sul — Rand      |         |         |  |
|                           | 36\$50  | 38\$50  |  |
| América                   |         |         |  |
| — Dollars de 1 a 4 ...    | 28\$00  | 28\$50  |  |
| — Dollars de 5 a 000      | 28\$30  | 28\$70  |  |
| Canadá — Dollar .....     | 26\$10  | 26\$60  |  |
| Alemanha — Marco .....    | 7\$55   | 7\$85   |  |
| Austria — Schilling ..... | \$05    | \$08    |  |
| Argentina — Peso .....    | \$08    | \$15    |  |
| Brasil — Cruzeiro Novo    | 5\$00   | 7\$00   |  |
| Espanha — Peseta .....    | \$39,5  | \$41,0  |  |
| Holanda — Florim .....    | 7\$65   | 7\$95   |  |
| Inglaterra — Libra .....  | 67\$50  | 69\$50  |  |
| Itália — Lira .....       | \$04,4  | \$04,65 |  |
| Bélgica — Franco .....    | \$55    | \$58    |  |
| França — Franco .....     | 4\$70   | 5\$10   |  |
| Suiza — Franco .....      | 6\$50   | 6\$70   |  |
| Marracos — Dirham .....   | 4\$80   | 5\$30   |  |
| Dinamarca — Coroa .....   | 3\$60   | 3\$90   |  |
| Noruega — Coroa .....     | 3\$85   | 4\$15   |  |
| Suécia — Coroa .....      | 5\$35   | 5\$65   |  |

|                          |         |         |  |
|--------------------------|---------|---------|--|
| Quota:                   |         |         |  |
| Inglaterra — Libra Isabe | 280\$00 | 300\$00 |  |
| Inglaterra — 1/2 Libra   | 250\$00 | 270\$00 |  |
| Ouro fino — Barro .....  | 32\$70  | 34\$70  |  |

|                    |  |  |  |
|--------------------|--|--|--|
| J. BURNAY, L. DA   |  |  |  |
| Notas estrangeiras |  |  |  |
| Papéis de crédito  |  |  |  |
| RUA DO OURO, 72    |  |  |  |
| Tel. 321273        |  |  |  |

# A MENSAGEM DE ANO NOVO DO CHEFE DO ESTADO

(Continuação da 1.ª página)

grandeza efêmera, me dirijo aos portugueses neste primeiro dia dum novo ano. É já a décima segunda vez que o faço. Sempre a aparição dum novo ano, após a comemoração em fraternal, compreensivo, mas infelizmente episódico convívio da quadra natalícia, é motivo de esperanças sem fim, que, no seu decurso, se vão tornando, quase todas, em amargas desilusões. Mas nem por assim ser tristemente todos o temos experimentado, se sente o Chefe do Estado menos na obrigação, que muito agradavelmente cumpre, de dirigir as suas saudações amigas aos seus irmãos portugueses e de lhes desejar as maiores felicidades no ano que hoje começa. Todos os bons portugueses bem as merecem, pela sua exemplar conduta no Mundo, pelo seu sacrifício na hora presente e pelo esforço que estão abnegadamente realizando na busca dum futuro melhor.

Tem o Chefe do Estado, nestas suas mensagens anuais, procurado fazer em rápida síntese, o balanço do que ocorreu de mais interesse no ano que findou, quer sob o aspecto nacional, quer sob o aspecto internacional. Mais uma vez procurará fazê-lo e, como habitualmente, começando pelo segundo.

Ao contrário das esperanças manifestadas na mensagem de há um ano, não se concretizaram os sinais pronunciadores, que parecia vislumbrar-se, de mudança, para melhor, do clima internacional em que se vivia. Tudo se tem mantido praticamente na mesma e a não ser o impressionante progresso da ciência e da técnica, muito pouco evoluiu em sentido francamente positivo e é até bem visível o agravamento de males em parte resultantes de compromissos tomados, bastante ingenuamente, no fim e após a Segunda Grande Guerra e cujas consequências têm sido verdadeiras desastrosas para o Ocidente. A errada política que este tem seguido ou, melhor, a carência de uma política que devia ter definido e mantido, propiciou a extensão do comunismo para além da zona a que devia ter ficado confinado e a intensificação da sua propaganda e da sua acção corrosiva com a maior liberdade, a liberdade que não consente, e que é aproveitada com mestria, sem limitações, nos processos usados, muitos deles vedados no seu emprego, a quem não comunga em tão nefasta ideologia.

## A DEGRADAÇÃO DOS COSTUMES

Tudo o que tenho afirmado nas anteriores mensagens, mormente na do ano passado, o tempo tem, infelizmente, confirmado. É pois inútil repetir, nesta, verdades que não são ouvidas e apelos que não são escutados; nem vale a pena chamar mais a atenção para o desprestígio em que a O. N. U. se afundou e para a estagnação em que caiu a Nato. São outros os pontos que desta vez abordarei.

Começo pelo que é, talvez, o mais preocupante de todos, a degradação dos costumes em que a huma-

nidade ocidental viveu decentemente durante largos anos.

A polidez com que a civilização, ao longo dos séculos, bruniu o homem, fruto da sua inteligência e dos sentimentos que foi sucessivamente cultivando, está-se diluindo. O homem parece tender para o regresso à mera animalidade de que partiu e de que se foi sucessivamente distanciando. O retrocesso começou, precisamente, nos povos ditos mais evoluídos e que deveriam constituir exemplo, mas sadio exemplo, para os que tiveram menores possibilidades de desenvolvimento. Mal se compreende semelhante incongruência, inversão alarmante que surge precisamente quando se está operando um assombroso avanço na técnica e na ciência, capaz de precipitar o progresso dos povos e de tornar a vida mais fácil e mais cómoda. Não se deverá culpar o avanço material de ser o causador do retrocesso moral que infelizmente parece querer caracterizar os dias de hoje; há que buscar as causas desse retrocesso em campo bem diverso. E esse é, muito possivelmente, o da subversão que o comunismo hábilmente tem infiltrado em tudo que existe e possa constituir embaraço para a sua acção dissolvente.

As drogas com que a humanidade está sendo mais fortemente envenenada nos últimos tempos, são um excelente veículo da corrupção dos costumes e tanto podem ser assimiladas por via oral, como pela visual. São, por qualquer das vias, extremamente nefastas, pois se por uma tentam contra a integridade física, pela outra vão contaminando progressivamente a integridade moral. Para o fim sempre em vista da contaminação mundial, o comunismo não hesita nos meios que emprega, no seu mundo e fora dele. Todos lhe servem, de preferência os menos visíveis, que são normalmente os mais eficientes e rápidos. É por isso natural que a dissolução que está grassando, com intensidade assustadora, na sociedade ocidental, não resulte apenas duma mentalidade doente e da saturação dos seus hábitos normais e seja também obra do comunismo de exportação, que aproveita e explora, com consumada arte todos os defeitos e fraquezas de que ela está, infelizmente, impregnada. Se a sociedade ocidental não for capaz de defender-se do mal de que se encontra, pelo menos em parte gravemente doente, é fatal cair em sucessivas e cada vez mais baixas degradações e corre o risco de morrer, como sucedeu a outras civilizações anteriores, da forma mais inglória. Há, pois, que actuar sem demoras e sem hesitações, para, ainda a tempo, pôr termo a tão estranhos desregramentos, evitando-se, assim, a consumação de tão desastrosos fim.

## O ANSEIO DESCONCERTANTE DA JUVENTUDE

Para outro ponto igualmente melindroso, embora apenas em parte, me pareceu dever chamar também a atenção. É ele o da insatisfação geral e do anseio

desconcertante, da juventude.

A primeira é uma das marcas características dos tempos actuais e resulta do acesso a novos meios que o progresso pôs, mais rapidamente do que era habitual, ao serviço de parte da humanidade. Quando com medida, por de considerar-se benéfica e pode ser fonte de maior e cada vez mais útil progresso. Porém quando ilimitada, torna-se perigosa, por poder conduzir rapidamente ao caos.

O anseio da juventude, sentimento saudável e indispensável, que existiu sempre ao longo de todos os tempos em maior ou menor grau, encontra-se presentemente maculado por uma propaganda constante e insidiosa, vinda das bandas do Oriente, que o transformou em contestação permanente e não poucas vezes desregada, em que tudo é criticado indiscriminadamente, o que está mal e o que está bem e, indistintamente, as deficiências realmente existentes e as medidas tomadas para as sanar ou aliviar. Ora como há anos atrás as deficiências eram muito maiores em todos os aspectos e as contestações muitíssimo menores, não podemos culpar apenas a juventude do que se está passando. Sem a isentar da parte e grande, que tem no clima criado, temos de procurar na sua infância e na forma de ministrar o ensino, uma parte importante das causas que a tornaram mais contestadora do que estudiosa; e, principalmente, nas influências estranhas, através duma propaganda maciça, aparentemente defensora das prerrogativas da juventude, mas no fundo visando apenas servir-se dela, como seu agente ideal. É, afinal, mais outra forma de subversão, em que uma parte da juventude parece comungar, outra se não apercebe de toda a profundidade do perigo que está correndo e a maior parte erradamente desistiu de lutar.

As pessoas já não jovens e os velhos, não são contra os novos, até porque também o foram, mas não podem, evidentemente, dar o seu acordo à maneira de ser de muitos dos jovens de hoje. Dantes os jovens com todos os seus defeitos eram ou pareciam ser mais generosos, sabiam talvez melhor ser jovens, não se deixavam contaminar por propagandas estranhas, não toleravam, e tinham fé no futuro, naturalmente até, por disporem de bem menores facilidades na época em que viveram a sua mocidade.

Estamos, sem dúvida vivendo tempos bastante diferentes daqueles em que antigamente se vivia. É muito possível tratar-se de mais uma viragem na História do Mundo, coincidente com um extraordinário progresso técnico e científico e com uma mudança profunda da mentalidade humana. Mas as causas podem muito bem ser principalmente outras e os dois pontos que acabei de afiorar, conduzem a admitir que assim possa suceder.

Sejam quais forem as causas, os velhos sentem-se naturalmente alarmados, não pelo quase miraculoso progresso verificado

na técnica e na ciência, mas pela profunda mudança de mentalidade, a seu ver perigosa, que está assolando o Mundo. Por seu turno os novos não se afiguram acalentados pela esperança de melhores dias, mas apenas de dias diferentes dos actuais. Os primeiros temem o futuro, não pelo que directamente lhes respeita mas por aquilo que pode aguardar os mais novos. E estes parecem desorientados e não sabem bem o que querem e por isso procuram estranhamente, na destruição do que existe, o único remédio para os males que entendem caracterizar a época em que vivem.

## O PROGRESSO TÉCNICO E CIENTÍFICO

O Mundo anda profundamente perturbado por ideias e propagandas sistematicamente feitas, que o tornam quase irreconhecível. Procura-se ruir os velhos dogmas e com eles verdades e processos, que não convêm à errada orientação que hoje pretende dominar o Mundo. Para tanto, tudo proposadamente se desvirtua e se esconde, com grave dano para a justiça e para a verdade, até mesmo por aqueles que mais conveniência teriam na orientação oposta.

Nem tudo porém é desolador na época em que estamos vivendo, pois temos assistido a um progresso técnico e científico há poucos anos imprevisível. Só quem nasceu nos últimos anos do século passado e transitou para o actual apercebendo-se já dos factos que sucessiva, mas morosamente, iam ocorrendo, é testemunha viva da evolução espantosa operada no nosso século. Já vai distante a aparição do primeiro automóvel, do primeiro carro movido electricamente e do primeiro avião, meios de transporte que começaram a imprimir à vida da humanidade uma velocidade até então inusitada, embora de não muitas dezenas de quilómetros. O salto nas quase sete décadas que vão passadas do século vinte, foi espantoso, mas só se tornou espectacular nas últimas três, ou seja a partir dos últimos anos da Segunda Grande Guerra. E assistimos, pouco depois de passada a primeira metade do ano findo, ao mais extraordinário feito praticado pela humanidade, a descida do primeiro homem na Lua. Tudo nesse feito impressionou profundamente, mas o que mais entusiasmou e maravilhou foi o apuro a que foi possível levar a ciência e a técnica para permitir tão assombrosa realização.

Pode discutir-se se a ida à Lua merecia prioridade em face do muito que ainda há a realizar na Terra e do desconhecimento, quase completo, do seu interior. Mas esses aspectos nenhum valor tiram ao comentário, aos homens que o realizaram e o possibilitaram e à Nação a qual se fica devendo tão extraordinária façanha.

## O ESFORÇO DA DEFESA

E já é tempo de passar ao balanço, no aspecto na-

cional, do ano que passou.

Dominou-o, tal como aconteceu nos anos anteriores, a preocupação constante e o aturado esforço a que a defesa das sagradas parcelas de Portugal em África indiscutivelmente obriga. Continuamos combatendo, sózinhos, o terrorismo que estranhos interesses atearam sucessivamente em Angola, na Guiné e em Moçambique e continuam constante e fortemente alimentando com armamento moderno e dinheiro. Embora mais alguns países continuem contribuindo ocultamente para a manutenção do terrorismo, parece fora de dúvida serem a União Soviética, os seus satélites espalhados pelo Mundo e a China Continental aqueles que estão arcando com a quase totalidade dos encargos. São esses, de resto, os países actualmente mais interessados no terrorismo pois seriam os grandes beneficiados com o seu triunfo e praticamente os únicos. Os que inicialmente também cuidavam poder colher vantagens, devem estar já convencidos de que assim não sucederia. Faco essa justiça à sua inteligência.

Mas não pode olvidar-se que a ajuda soviética e chinesa seria inoperante se Portugal não tivesse em África alguns maus vizinhos, que ignoram ou fingem ignorar as regras que regulam o convívio internacional. O desrespeito por essas regras, que não pode deixar de se considerar propositado, é que possibilita a manutenção do terrorismo, pois no território desses maus vizinhos é que se acoltam os bandoleiros. É dele que partem para realizarem as proezas para que foram instruídos e é deles que têm os seus quartéis-generais. E o impudor é tal, que ainda se queixam na O. N. U. da violação dos seus territórios por forças portuguesas e nela encontram o apoio e as resoluções que só se explicam pela ausência do mais elementar critério e pela falta total do espírito de equidade e de justiça, que devia presidir a todos os seus actos.

Tudo o muito que a mais poderia dizer sobre tão apaixonante tema, foi já dito com grande desenvolvimento na mensagem que li na reunião conjunta da Assembleia Nacional e da Câmara Corporativa para abertura da X Legislatura e por isso e nesta matéria, só me resta a obrigação, que cumpro naturalmente com o maior entusiasmo, de saudar mais uma vez, e nunca serão demais, as Forças Armadas de que sou Chefe Supremo, pela compreensão plena com que cumprem o seu dever, pelo abnegado sacrifício com que combatem um inimigo que dentro das normas da guerra subversiva só usa métodos insidiosos e pelo amor com que afincadamente defendem, palmo a palmo, o sagrado solo pátrio.

Apesar do terrorismo continuaram as províncias de Angola, de Moçambique e da Guiné a conhecer um franco progresso, que nas duas primeiras foi naturalmente e por variadas razões mais acentuado e que, segundo o testemunho das pessoas que periodicamente visitam essas duas magni-

ficas parcelas de Portugal, assume uma grandeza de verdadeiras consoladoras. Também nas outras províncias portuguesas o progresso tem sido notório, salvo, certamente, no Estado Português da Índia onde os usurpadores nada devem ter realizado, até porque o nível que tinha atingido em 1961 era muito superior ao dos territórios da União Indiana. Como é inteiramente justo, tem o Chefe do Estado permanentemente no seu pensamento a situação aviltante em que se mantém esse rincão sagrado de Portugal, padrão das suas maiores glórias, que devia ter merecido o respeito do Mundo e até da própria União Indiana. E esta, nem sequer foi condenada pela «imparcial» O. N. U.

Durante o ano findo foram as províncias da Guiné, de Angola e de Moçambique visitadas pelo presidente do Conselho, tendo sido a primeira vez que um Chefe do Governo se deslocou ao Ultramar. A recepção que lhe foi dispensada, nas terras que visitou, foi plena de entusiasmo, tal como se verificou nas deslocamentos dos Chefes do Estado, quando das suas visitas. O entusiasmo foi nova prova, embora desnecessária, do portuguesismo nos portugueses de todas as etnias e de todos os credos que, nessas terras vivem quer tenham ou não nelas nascido. A visita revestiu-se da maior oportunidade e tanto os visitados como o visitante viveram momentos da maior euforia patriótica, que não esqueceram e que muita utilidade tiveram para o seu mútuo conhecimento. E como a viagem foi sobretudo uma viagem de sobretudo, tudo se conjugou para que das visitas resultassem os maiores benefícios.

Também o Doutor Marcello Caetano visitou oficialmente o Brasil e igualmente dessa deslocação se colheram os melhores frutos, para a indispensável maior compreensão recíproca entre os dois países irmãos e que constituem a Comunidade Luso-Brasileira. Os elementos oficiais e o povo brasileiro receberam primorosamente o nosso presidente do Conselho e a colónia portuguesa exultou com a visita, como é natural. Consequentemente, mais um excelente serviço prestado ao País.

No ano de 1969 foram oficialmente comemorados os quinquagésimos dos nascimentos de Vasco da Gama e de D. Manuel I e os primeiros centenários dos nascimentos do Almirante Gago Coutinho e do Marechal Oscar Carmo. Foi dada natural primazia ao de Vasco da Gama, pela projecção que esse grande vulto da nossa História atingiu em todo o Mundo e que o encerramento do Canal de Suez e o regresso à utilização da rota do Cabo da Boa Esperança, fez reviver. Mas também o centenário do nascimento de Gago Coutinho foi devidamente comemorado durante o ano e a partir de 17 de Fevereiro, não apenas pelo sábio Almirante se ter imortalizado pelos processos inéditos de navegação aérea que usou na primeira travessia aérea do

(Continua na página seguinte)

# A MENSAGEM DE ANO NOVO DO CHEFE DO ESTADO

(Continuação da pág. anterior)

Atlântico Sul, como por ter sido um geógrafo distintíssimo e um perito consumado na interpretação das viagens realizadas pelos navegadores portugueses de quinhentos.

No ano que hoje começou ocorre o quinto centenário da descoberta da ilha de S. Tomé. Espera-se que esse centenário seja comemorado com o realce que inteiramente merece e que as circunstâncias presentes tornam mais saliente.

## A ACTIVIDADE DO CHEFE DO ESTADO EM 1969

À altura de referir, como nas mensagens dos anos anteriores, a actividade do Chefe do Estado ao longo de 1969, no respeitante às suas deslocações, às visitas que realizou, às inaugurações a que presidiu e às cerimónias a que compareceu.

Começou por lembrar que cada Chefe de Estado tem, naturalmente, além da maneira de ser comum a todos, uma característica própria que o distingue, melhor ou pior. A minha reside na preocupação, que sinto, de contactar o mais possível com as populações e de estar presente em todos os actos, inaugurações em cerimónias em que essa presença se justifique.

Dessa peculiar maneira de agir resulta, naturalmente, uma quase constante peregrinação através do nosso território, momento do continental e europeu. Sinto que o Povo aprecia bastante o estilo que comecei usando há já onze anos pois ele bem merece todo o apreço por parte do Chefe do Estado que do povo veio e perfeitamente sabe constituir ele e ter constituído sempre, o maior e mais valioso esteio em todas as vicissitudes suportadas pela nação ao longo de mais de oito séculos de História.

Dada pela primeira vez esta singela explicação, farei de seguida a mais breve síntese possível da minha peregrinação do ano que findou, retraindo apenas o essencial. Desloquei-me pela primeira vez à cidade do Porto em 18 e 19 de Janeiro, para assistir a várias cerimónias e, sobretudo, para presidir à inauguração dum Centro de Formação Profissional Acelerada. Pouco mais de um mês depois, inaugurei outro Centro análogo na vila do Seixal. A 11 de Março visitei o Regimento de Infantaria 5, nas Caldas da Rainha, e o Centro de Instrução que nele funciona. A 10 de Abril presidi à inauguração do novo e magnífico edifício da Biblioteca Nacional. A 17 do mesmo mês desloquei-me a Coimbra para inaugurar o novo e belo edifício da Matemática da Universidade e para visitar a Escola de Regentes Agrícolas e dois Liceus (o segundo na Figueira da Foz). A 20 visitei oficialmente, pela primeira vez, a vila de Peniche. Em 27 e 28, ainda do mesmo mês, visitei novamente a cidade do Porto, em especial para inaugurar o Parque Desportivo Salazar, da F. N. A. T. e visitar o Regimento de Infantaria 6. No dia 10 de Maio presidi à inauguração, na cidade de Lagos, da estátua do navegador Gil Eanes. No dia seguinte presidi à inaugu-

ração do empreendimento hidro-agrícola do rio Mira e da barragem respectiva, que recebeu o nome de Marcello Caetano a pedido das forças vivas dos distritos de Beja e Faro. No dia 15 visitei a Escola de Fuzileiros Navais em Vale de Zebro. Em 23, ainda de Maio, visitei oficialmente e pela segunda vez, a cidade de Portalegre. Em 1 de Junho presidi à inauguração da Feira Nacional da Agricultura, em Santarém, que visitei segunda vez no seu fecho. No dia seguinte desloquei-me a Beja, para visitar a Base Aérea 11. No dia 8 presidi, na Barragem do Roxo, à cerimónia em que lhe foi dado o nome do Engenheiro Arantes e Oliveira e inaugurei, em Moura e Estremoz, os seus Palácios de Justiça. No dia 9 procedi à inauguração da Feira Internacional de Lisboa. No dia 10 presidi, no Terreiro do Paço, à cerimónia militar que anualmente se realiza de consagração aos heróis de África. Em 12 visitei o Museu Militar e a Sede do Estado Maior do Exército. Em 19 visitei as instalações do Iberlant, em comemoração do vigésimo aniversário da Fundação da NATO. Em 24 presidi à inauguração dos novos Paços do Concelho de Alcácer do Sal. Em 25 visitei o Grupo N.º 1 de Escolas da Armada, em Vila Franca de Xira. Em 27, ainda do mês de Junho, visitei, em Lamego, o Centro de Instrução de Operações Especiais. No dia 1 de Julho inaugurei, em Alverca, o Museu do Ar. Em 24 presidi à inauguração dum bairro da Presidência em Santo António dos Cavaleiros. Em

## ARTESANATO NO ESTORIL

Na Junta de Turismo da Costa do Sol, no Estoril, continua patente ao público a Exposição de Artesanato Português.

Na exposição deste ano, que pode ser visitada todos os dias, o visitante tem oportunidade de apreciar — e adquirir — tapetes de Niza, banhos de Bizalhães, louças de Alcobaga e das Caldas da Rainha, artigos em madeira, do Minho, cestaria e outros artigos do Algarve, cerâmicas de Rosa Ramalho, tapetes do Redondo, louças de Barcelos e funilaria de Braga.

Especialmente destinado aos turistas estrangeiros que nos visitam, o certame tem tido grande afluência de público, pois constitui uma interessante mostra de capacidade criadora dos nossos artistas populares, a completar a Feira do Artesanato que aquele organismo realiza anualmente, no mês de Agosto.

## ATROPELADO AOS SEIS ANOS

ÉVORA, 1 — Deu entrada no Hospital da Misericórdia, onde ficou internado, em estado grave, o menor António de Almeida Samora, de 6 anos, filho de Francisco Rodrigues Samora e Emília de Almeida da Conceição, residentes no Moinho do Valente, nesta cidade, que foi atropelado por um automóvel na Avenida de S. Sebastião.

26 inaugurei diversas instalações na Fábrica Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas. No dia 3 de Agosto assisti, em Setúbal, à Festa do Mar e inaugurei a Feira de Santiago. Em 8, 9 e 10 visitei várias unidades industriais do distrito de Aveiro e visitei oficialmente Vale de Cambra e Macieira de Cambra, procedendo a várias inaugurações. Em 24 inaugurei, em Ponta Delgada, o aeroporto da Nordela. Em 30 do mesmo mês de Agosto visitei oficialmente a cidade do Funchal, procedendo a diversas inaugurações. No dia 4 de Setembro visitei o Grupo N.º 2 de Escolas da Armada. No dia 7 visitei oficialmente as vilas de Sines e de Palmela. Em 8 estive em Montemor-o-Novo nos seus renovados Paços do Concelho. Em 13 e 14 visitei oficialmente e pela segunda vez a cidade de Viseu, onde procedi a várias inaugurações. Em 23 inaugurei, no Barreiro, mais um bairro de casas económicas. Em 24 visitei o Campo Militar de Santa Margarida. Em 28 presidi ao fecho das comemorações do 1.º centenário da cidade de Santarém. No dia 2 de Outubro presidi à inauguração da sede do Museu e de outras magníficas instalações da Fundação Calouste Gulbenkian, que valorizaram extraordinariamente a cidade de Lisboa. Em 4 inaugurei as novas fábricas da Covina, na Póvoa de Santa Iria. Em 8 presidi, em Leixões, à inauguração do Terminal para atracação de navios-tanques. Finalmente, no dia 16 de Novembro, inaugurei os agrupamentos habitacionais, que nos concelhos de Sintra, Loures, Alenquer e Arruda dos Vinhos e subsidiados pela Fundação Calouste Gulbenkian, foram construídos para realojar os sinistrados que ficaram sem lar devido às trágicas inundações de vinte e cinco de Novembro de 1967.

## O DIA DA PAZ

O ano de 1969 foi um ano de veras trabalhoso, não pelas deslocações que o Chefe do Estado nele realizou e acabadas de referir apenas em parte, mas por tudo, e foi muito o que se realizou; foram publicados numerosos diplomas, foram feitas algumas reformas, mais ou menos profundas e houve que prestar a máxima atenção a quanto pudesse contribuir para o mais rápido progresso do País e para uma mais acelerada promoção de nível de vida do povo português. E, além de toda esta actividade, houve ainda que proceder a eleições gerais para a nova legislatura da Assembleia Nacional. Mas a tudo, felizmente, foi possível fazer face da melhor maneira e, para consolação pessoal, pude ver finalmente constituída a Fundação a que foi dado por patrono Salazar, o português genial que com a sua sábia administração conseguiu dar a Portugal algumas décadas de calma política e social. Está já a Fundação agindo no sentido de levar a efeito a construção do maior número de casas para neles poderem viver, com a indispensável dignidade, as indispensáveis carências de habitação capaz. E espera-

se inaugurar as primeiras em Santa Comba Dão, no dia 28 de Abril, data do aniversário do presidente Salazar.

Alguns pontos a que me desejaria referir também, ficaram por tratar, mas é mister terminar esta mensagem que vai já longa de mais.

E termino-a lembrando que o dia de hoje é consagrado à Paz, segundo o apelo mais uma vez lançado, em todo o seu amor à Humanidade, pelo Santo Padre Paulo VI.

Infelizmente a Paz, a verdadeira Paz no convívio entre os homens, as sociedades e as Nações, é uma meta muito difícil de atingir e será por muito tempo

ainda, uma aspiração praticamente irrealizável.

A Paz não é a mera ausência de guerra: mas um estado de compreensão e harmonia entre os homens que só pode existir quando floresce a virtude e domina a razão. Não haverá Mundo pacífico sem aperfeiçoamento da humanidade. Vejo por isso com esperança o apelo do Sumo Pontífice, na medida em que a sua mensagem cristã possa mobilizar as energias morais para fazer face ao desencadeamento do espírito de violência que o materialismo da idade técnica, com as suas ambições ilimitadas de domínio, corre o risco de provocar. Não tenhamos pois e in-

felizmente, ilusões; a Paz completa só será uma realidade quando a humanidade for perfeita e ela está ainda muitíssimo longe de o ser. Mas isso não obsta a que cada um de nós procure contribuir, com todo o seu esforço e, sobretudo, com toda a sua boa vontade para que a enorme distância a que ela ainda mora possa ser encurtada cada vez mais. Se os homens eliminarem os imensos defeitos de que são portadores também as sociedades deixarão de os ter e igualmente as Nações ficarão deles libertas. Mas será isso algum dia possível, antes que o planeta em que vivemos morra? Deus permita que sim.

## SAUDAÇÃO DO FIM DO ANO DO MINISTRO DA DEFESA

O ministro da Defesa Nacional dirigiu às Forças Armadas a seguinte saudação de fim do ano:

«Um ano mais passou no dobar contínuo do tempo, e nesta quadra dedicada tão especialmente ao culto da família, o ministro da Defesa Nacional vem saudar todos os oficiais, sargentos e praças dos três ramos das Forças Armadas, estejam eles onde estiverem, e bem assim as famílias de cada um, estejam ou não ao pé deles, todos constituindo a grande família militar, a quem especialmente dedico estas palavras.

Aos militares, quaisquer que sejam as missões por cada um desempenhadas durante este ano, dirijo a expressão do maior apreço pela boa vontade e determinação, paciência, e, tantas vezes, heroísmo demonstrados por cada um nas tarefas a seu cargo. As famílias exprimo admiração e vivo agradecimento pela forma como têm acompanhado e apoiado, de perto ou de longe, os seus filhos, pais, maridos, noivos ou parentes que nas fileiras dos exércitos de terra, mar e ar, da frente ou da retaguarda — pois todos são precisos — colaboram no esforço imenso da defesa do País.

Nos calendários de todo o Mundo começa amanhã a mudar-se na numeração dos anos o algarismo das dezenas do 6 para o 7. Acabam os anos 60 e passamos para os anos 70 do século em que vivemos. E penso que é oportuno fazer um apanhado sumário do que representaram para as Forças Armadas estes últimos 10 anos.

Se nos demos ao trabalho de consultar a história militar de Portugal, pode afirmar-se que nos últimos 300 anos, isto é, depois da guerra da Restauração, nunca houve 10 anos seguidos, como os últimos que passaram, em que sobre as Forças Armadas caísse uma tão grande soma de esforços e de luta, e em que se empregassem tão avultados dinheiros e tão numerosos efectivos de homens e de equipamentos.

A retinada de vários países ocidentais do comando e governo de tantos dos seus domínios em África fez acreditar a uns quantos que com Portugal teria de acontecer o mesmo. Mas nós pensamos de forma diferente, porque temos naquelas terras outros

sentimentos e outras missões marcadas pela chancela dos séculos e ficamos. Resistimos e continuamos a resistir a conspiração internacional organizada, mas para tanto houve necessidade, no campo da Defesa Nacional, de recorrer aos maiores sacrifícios dos nossos militares, à sua melhor coragem, à luta perante as dificuldades dos climas, e até a sua paciente serenidade em face de incompreensões da estranheza de algumas opiniões.

Foi muito difícil o que tiveram as Forças Armadas de fazer durante estes 10 anos. Houve que trocar as operações de treino de paz nos pinhais e nas estradas alcatroadas da Metrópole, pelos matos e picadas da África. Teve de se mudar toda a forma de instrução das tropas, atendendo ao tipo do inimigo e à vastidão dos territórios. A Armada e a Força Aérea sofreram necessárias adaptações à sua actuação específica.

Houve que atender ao transporte, instalação, alojamento e alimentação de milhares de homens a milhares de quilómetros de distância. Tudo fizemos com a melhor boa vontade e decisão, e com o necessário e indispensável auxílio e apoio do povo, que, através da Assembleia Nacional, ainda há dias confirmou ao Senhor Presidente do Conselho e ao Governo a sua vontade de assegurar a presença portuguesa nas nossas fronteiras de África.

Este mandato é um forte estímulo para os militares ao iniciarem-se os anos de 70, que amanhã começam. Sentimos com mais segurança que a Nação está conosco, e isso implica, necessariamente, revisão de algumas ideias para mais eficiência das tropas. Assim, o melhor aproveitamento do pessoal, a especialização adequada, a diminuição dos gastos com as operações militares, a aquisição dos armamentos mais apropriados e o recurso cada vez maior à indústria nacional, constituíram preocupações constantes dos escalões de Governo e de Comando na esfera das Forças Armadas.

Haverá especial atenção para as condições de vida e de serviço das classes militares, particularmente as de menor graduação, para se obter o mais ajustado rendimento do conjunto.

E, a juntar a tantas preocupações, não afrouxará a vigilância activa de todo o território nacional, para assegurar o exercício da autoridade, com vista ao bem comum dos cidadãos e nos termos da Constituição.

Importa, também, o balanço militar dos últimos 10 anos, referir que procurámos honrar os nossos compromissos internacionais. Assim, a nossa participação na N. A. T. O. foi efectiva, várias estruturas se instalaram no Continente e nas ilhas ao abrigo da Aliança e estão a funcionar, e participamos regularmente nos seus estudos e trabalhos. Em certa medida, depois de 20 anos de existência da N. A. T. O., também colaborámos para que fosse conservada a paz na Europa. Por outro lado, temos acordos militares com alguns países da N. A. T. O. que interessam especialmente à Metrópole, e mantemos a boa amizade militar com a Espanha, bem expressa nas Conferências dos Estados-Membros Peninsulares que todos os anos se realizam. Penso que estas nações nossas amigas continuam a dedicar todo o interesse, como nós, a estes acordos.

Foi, assim, longa, extensa, variada e trabalhosa a caminhada das nossas Forças Armadas durante estes últimos 10 anos. Sulcando os mares e os ares, actuando nos sertões africanos, vigilantes em todo o território, combatendo, organizando e dirigindo, presentes em toda a parte onde houvesse um interesse da defesa militar do País, os nossos homens têm dado alta medida do seu valor, que tem as suas raízes no povo. Sem ostentações e sem atitudes contestadoras, dentro do melhor espírito do dever. E, embora se recomendem os chefes que se gahentaram, os heróis surgidos, e, saudosamente, aqueles que desapareceram do nosso convívio pelo rigor das lutas, é a massa anónima das tropas, todos os anos renovada pela Nação, que mais avulta no nosso apreço.

Ao terminar as palavras que me propus dizer neste fim de ano faço votos pelas felicidades pessoais de todos os militares e das suas famílias para o Novo Ano. E a Deus pedem todos os militares que continue a manter-lhes o vigor necessário para dar à Nação a vitória final da sua razão. »

# TV a dia

HOJE PODE VER...

DEPARTAMENTO «S»:

## «O HOMEM QUE MUDOU DE ROSTO»

Um homem deita-se e, na manhã seguinte, acorda com um rosto diferente.

Este o tema do episódio intitulado «O Homem que Mudou de Rosto», a transmitir cerca das 22 e 30, com Peter Wingarde, Joel Fabiani e Rosemary Nicol, nos principais papéis.

SEGREDOS DO MAR:

## A oceanografia em 69/70

Apresentado pelo comandante J. E. Ataíde, o programa «Segredos do Mar», que a R. T. P. transmite pelas 21 horas, inclui a exibição dos filmes: «Campanha Oceanográfica» e «Investigação Submarina», além de comentários sobre os «Objectivos militares e científicos aplicados às

pesca» e sobre a «Oceanografia em 1970».

### Mensagens de Natal

Pelas 20 e 30, transmite-se a 2.ª e última das mensagens de Natal dos militares que se encontram em serviço na província ultramarina de Angola, e que foram registadas por uma equipa de enviados especiais da R. T. P.

## TV JUVENIL

Além do magazine de actualidades internacionais — «Juventude no Mundo», o programa «TV Juvenil» inclui, ainda, a rubrica do

dr. Joaquim Manuel Magalhães, «Os homens, os livros e as coisas». TV Juvenil está «no ar» a partir das 19 e 45.

## II PROGRAMA ZIP-ZIP

Cerca das 22 horas é apresentado o programa n.º 28 da série «Zip-Zip», transmitido na rede nacional em 1 do mês passado.

Recordemos que neste programa participaram: «Orfeão do Sport Lisboa e Benfica», «Jograis de Antequem», Conjunto «O Contrôl», José Barata Moura e, ainda, o cancionista Long John Baldry.

ESTUDANTES!

3.º CONCURSO ESCOLAR DE PINTURA E DESENHO

CISNE

RECEPCÃO: ATÉ 31 MARÇO 70

## canal da crítica

### NO «JOGO DA VERDADE» FOI PERDIDO O PRIMEIRO LANCE?

No princípio foi bailado, veio de Itália e chamava-se «Ertros». Pouco mais nos soube dizer Fernando Lima. E seria bem preciso que o soubesse. Seria bem preciso colocar, no caminho, alguns pontos de referência, para evitar que o nosso público, habituado ao «ballet» onde se conta uma história, se perdesse no escuro. Pedir ao telespectador que atentasse na extrema depuração dos movimentos, no seu contraponto, na sua aparente dissonância, no seu entrelaçamento tão perfeitamente integrado na tessitura musical que se diria estarmos em presença da própria visualização da música. Fernando Lima não foi, portanto, o apresentador que a rubrica exigia.

No princípio foi isso, e no fim foi a paduagem ianque com Bing-Bing-Bing-Sempre Bing-Crosby e Bob-Bob-Bob-Sempre Bob-Hope que me deixaram sempre very chateado, com suas gracinhas muito muito sempre muito audiolisíveis.

No meio do serão aconte-

ceu «O jogo da verdade», série dramática em seis episódios.

Três factos importantes a assinalar:

— o facto de se tratar de um original português;

— o facto de ser autor de Costa Ferreira, um escritor.

— o regresso da excelente actriz que é Eunice Muñoz, a quem, muito sensatamente, houve a preocupação de bem acompanhar por um actor de bons recursos: Sime Filipe.

Chegando aqui, o cronista

tem a sensação de haver dito o mais importante. Mais do que mera sensação: uma liberação com óptima base: tratou-se do primeiro episódio de uma série de seis, pode ser que as coisas melhorem.

Pode. É urgente que. Porque este «Pacto» deixou um

(Continua na página seguinte)

## Homem ou Senhora para funções de importância em Agência de Publicidade

- Se possui boa cultura geral e deseja uma profissão onde se possa realizar.
- Se redige com facilidade e tem capacidade de argumentação.
- Se possui interesse pelos contactos humanos.
- Se é metódico, empreendedor e perseverante.

Escreva-nos indicando habilitações, situação militar, idade, actividades exercidas, e o que julgar conveniente. Poderá indicar o ordenado pretendido. Guarda-se sigilo. Resposta a este jornal ao n.º 396

CONSTELLATION OMEGA



AGÊNCIA OFICIAL

RELOJOARIA MAURY

Rua do Ouro, 202 LISBOA

# Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

**EMISSIONA — 1.ª — Programa —** 451 m — As 16: Noticiário; 16 e 06: O Grupo Coral «Os Trabalhadores de Ferreira do Alentejo»; 16 e 30: Roteiro musical português; 17: Ginástica de Pausa, pelo dr. Marques Pereira; 18 e 05: No mundo da canção; 18 e 20: Uma Gota de Sangue e Renasce uma Vida, programa do Instituto Nacional de Sangue; 18 e 40: No mundo da canção; 19 e 45: Rádio rural — Música, 60 músicas; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Melodias por Orquestras; 20 e 40: 2.ª Episódio da Folhetim «A Raça», de Fernando Reis, numa adaptação de Judith Navarro; 21: Jornal de actualidades; 21 e 30: Novidades em Discos, texto e selecção de Paulo de Medeiros; 22 e 05: O Homem e a Sociedade, pelo prof. dr. Ferreira da Almeida; 22 e 30: Fados, por Odete Mendes e Filipe Duarte; 23 e 05: Programa da noite; 24: Fecho.

**2.ª Programa —** 397 m — 755 kc/s. — As 16: Folclore do mundo — música da Coreia; 16 e 10: Suite n.º 8, em fá menor (Händel); Cravo; Anton Hailler; 16 e 25: Curiosidades musicais; 17 e 10: Música de câmara; 18: Música portuguesa — Obras de Maria de Lurdes Martins; 19: Horizonte Literário, por Amândio César e Mário António; 19 e 15: O Canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas; 20: Diário Sonoro — música de piano de Erik Satie; Três Gymnopédies, por Evelyn Crochet; 20 e 30: Música de câmara; 21: Música sinfónica.

**Programa MF 2 —** 94,3 mc/s. — As 23: A ópera em 3 actos «A Raposinha Matreira» (Janček); 0 e 35: Sonata em Fá Maior K. 332 (Mozart); Piano, Ingrid Haebler; 1: Fecho.

**Emissão Estereofónica —** As 21: Don Karshner Cuts c/ coro; Tommy Reilly e sua harmonica de boca; música de dança; 22: O Mar (Suite Sinfónica), de Debussy; Concerto brandeburguês n.º 4 em sol maior, de Bach; Música para piano, de Chopin; 22 e 58: Fecho.

**RÁDIO CLUBE —** 290,13 m — 1034 kc/s. — As 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Momento Tensitel; 18 e 30: Lisboa à tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20: Nota de Abertura e noticiário; 20 e 07: Europa musical; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Em foco...

21 e 03: O Olavo fala consigo; 21 e 15: Música tradicional e parolista religiosas; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

**Modulação de frequência —** 97,4 mc/s. — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 20: Nota de abertura e noticiário; em

órbita (contin.); 21 e 02: Boa-noite em FM; 22 e 02: Programa à G6-G6; 0 e 02: Em órbita-atois; 1 e 03: Banda Sonora; 2: Fecho.

**Emissor de Miremar —** 383,6 m — 782 kc/s. — As 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Conjunto; 19 e 30: Estudo 64; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 03: Rádio Placard; 21 e 15: S6-Rádio; 21 e 45: Mensageiro do Evangelho; 22 e 03: Primeiro plano; 22 e 15: Novas de alegria; 22 e 30: Consoel-3; 23 e 04: Clube da Juventude.

**RÁDIO RENASCENÇA —** 233,2 m — 1286 kc/s. — As 16: Rádio-

rama; 18 e 05: Claque; 18 e 30: Tempo e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Música seleccionada; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Programa das aólas; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

**EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA —** Onda média — 188 m — 1594 kc/s. — 94,4 mc/s. — Rádio Peninsular — Das 7 às 8, das 10 às 12 e das 19 e 30 às 22; Rádio Voz de Lisboa — Das 17 às 19 e 30 e das 22 às 2; Clube Radiotécnica de Portugal — Das 12 às 14 e 30; Rádio Graça — Das 8 às 10 e das 14 e 30 às 17.

### PROGRAMA DE HOJE

As 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: TV Juvenil; 20 e 10: Cantos TV; 20 e 25: Ao Serviço da Nação; 20 e 55: Segredos do mar; 21 e 30: Telejornal; 22: Cinema sem estrelas; 22 e 30: Série policial; 23 e 25: Marcha do mundo; e Fecho.

**II Programa:** As 21 e 30: Telejornal; 22: «Zip-Zip»; 0 h: Fecho.

TELEVISORES

GRUNDIG

**AMANHÃ — I Programa —** As 15: Telejornal; 15 e 10: Programa Feminino; 15 e 40: Culinária; 16 e 5: TV Infantil; 16 e 30: TV Educativa; 16 e 55: Desporto em câmara lenta; 17 e 5: Estudo sem marcação; 17 e 50: Teledesporto; 18 e 25: Homens e Aviação; 18 e 50: Presença do Brasil; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Série Juvenil; 20 e 15: «...E a vida continua...»; 20 e 30: TV Mundo; 21 e 30: Telejornal; 22 e 30: Estudo C; 23 h: Série do Oeste; 23 e 55: Marcha do Mundo.

**II Programa —** As 21 e 30: Telejornal; 22 e 30: Noite de Teatro «A Estrada de Corcevil»; 23 e 25: Fecho.



## GEFO — Gabinete de Estudos de Economia Finanças e Organização, Lda.

Rua do Rosário, 104-3.º, Dt.º — PORTO  
Tel. 37676

SERVIÇOS DE RECRUTAMENTO E SELECÇÃO DE PESSOAL

## DIRECTOR FABRIL

**PRETENDE-SE:** Para chefiar Fábrica de Tubos de Aço Galvanizado, actualmente em montagem, em Lourenço Marques; Curso de Engenharia Electrotécnica ou Mecânica; Elevada capacidade de Direcção, Julgamento e Decisão; Conhecimentos de Marketing; Completa fluência em Inglês falado e escrito; Elevado sentido das responsabilidades; Serviço Militar cumprido.

**OFERECE-SE:** Estágio de três meses no estrangeiro a iniciar em 1 de Março de 1970; Remuneração compatível com capacidade e experiência demonstradas; vantagens sociais extensivas a familiares.

Enviar resposta manuscrita ao Gefo, sob a ref.ª n.º 45/54/05, com «currículum vitae» detalhado, do qual deve obrigatoriamente constar: idade, estado, habilitações e classificações académicas, anos de prática com indicação do ramo de actividade e vencimento pretendido.

**O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto**  
O «Diário de Lisboa» encontra-se a venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas

## Compre a melhor vista de mar comprando APARTAMENTOS MOBILADOS ou moradias a J. PIMENTA, S. A. R. L. em Cascais (Pampilheira)

A 1000 metros da praia e caminho de ferro, mercê duma situação privilegiada desfrutará duma vista panorâmica sobre o mar e Serra de Sintra.  
Rendimento de 6 a 10 % garantido por escritura pública, durante 6 e até 18 anos, à escolha do cliente.

Visite o apartamento-tipo em exposição na R. Reg. Infancia, 19, n.º 30, em Cascais

## J. PIMENTA, S. A. R. L.

LISBOA — Praça Marquês de Pombal, 15. 1.º — Telef. 458 43 e 478 43  
QUELUZ — Rua D. Maria I, 30 — Telefones 95 20 21/22  
REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telefone 93 36 70

## canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

trevo de desagrado mais difícil de suportar quando se esperava outra coisa. Outra coisa que, sendo embora de impossível definição, se radica no grau da minha exigência em relação a Costa Pereira, ao qual peço licença para aguardar mais algum tempo, a fim de podermos entrar, ambos, no «jogo da verdade».

Na impossibilidade de ver agora os episódios que estão para vir, não poderei furtar-me, como telespectador, a uma apreciação deste episódio.

Ressalta o seu carácter tão pouco teatral. Uma das características do teatro é a ausência, ou a quase ausência, do cenário, ou, de qualquer modo, a sua redução a caracteres essenciais. As pessoas, essas, estão em primeiro plano, à frente das coisas e não no meio das coisas.

Joana e Luís são íntimos entre si, mas não são íntimos do telespectador. Para que tal acontecesse, sobejaram as palavras e faltaram os silêncios. Por infelicidade nossa, era difícil acompanhar Luís e Joana naquele alurmo de pensamentos que não primaram sempre pela novidade nem pelo bom gosto da embalagem.

Acontece que, de súbito, o telespectador se vê envolvido numa trama que raia a história em fotografias. Joana e Luís, já passantes dos 30 anos, conheceram-se em Paris. Ele trabalhava a velocidade de 100 francos por dia; ela trabalhava a velocidade de 400 francos por semana, depois de haver beneficiado de uma bolsa para pintar. Ao fim de um mês, casavam-se sem nada conhecerem um do outro. Ela nem sabia que o Luís era escritor e gostava dele «por causa dos seus olhos de criança assustada» — explicação que nada explica, mas, enfim, não se pode exigir a uma pintura que se exprima decentemente por palavras. Tanto mais que, também para Joana, os olhos de Luís eram o calcanhar de Aquiles dele...

Casam, regressam a Portugal, a uma propriedade de Luís, e, ao pequeno almoço, enquanto comem «crois-

santes», filosofam compactamente. Noivos a filosofar? Nem em Paris, Belchior amigo!

Luís, afinal, deve ser um feudalzinho decadente lá do sítio. A governanta, a Hipólita, comanda um pelotão de cinco mulheres, só na cozinha! Joana, com todas as suas liberdades parisienses, parece caída num vespertino de preconceitos, de provincianismos. Dá-se conta da situação, o que lhe proporciona novo material para filosofar. Logo a seguir, o pacto: ambos usarão, de um para o outro, a verdade, só a verdade e nada mais do que a verdade. Joana vai perguntar, Luís vai responder.

Será assim nos próximos episódios. Oxalá não se realize o que parece estar implícito no «pacto»: uma longa e aborrida demonstração de psicanálise...

## «NA CORRENTE...» — FILME DE AUGUSTO CABRITA

O ano de 1969 terminou, como se costuma dizer, em beleza. Augusto Cabrita, que tantas obras de qualidade nos tem dado através da televisão, tomou sobre os seus ombros a espinhosa tarefa de nos falar sobre o tempo que vivemos.

Tarefa espinhosa, claro. Haveria que fugir a toda uma coleção de lugares-comuns próprios da época, festas felizes e um ano-novo muito próspero, o que passou não foi bom, mas o que virá há-de ser melhor, e assim por diante. Isto, traduzido por imagens, dá cá um destes fogos de artifício que nem queriam saber! Ou então paisagens muito calmas, etc., com molinhos de velas, velas de barco e também das outras, das que ardem, etc.

Augusto Cabrita escolheu o caminho da poesia. O caminho da convívência. Do diálogo. Aqueles pés, pendurados das muralhas, convergem uns com os outros. E eis que esfregam, friorentos, contam toda uma história de «gavroches» lançados na cidade. Há um gesto de compreensão, de adesão para o comboio que «mastiga» a figura do homem, á espera; um gesto de denúncia de tudo quanto destrói a pessoa humana. Houve crianças, sem a demagogia das crianças; houve balões sem a demagogia do balãozinho colorido, poesia falsa dos falsos infanto-juvenis — os balões aconteciam nas ruas da cidade, passaram por ela como animais estranhos desajustados à violência dos embates. Augusto Cabrita não preparou nem fabricou. A vida como que veio ao seu encontro, tal a naturalidade com que Augusto Cabrita foi ao encontro dela.

Em fundo para as imagens surgiu-nos a música poderosa de Carlos Paredes, que pela primeira vez em público, se apresentou em guitarra clássica. Eis o inesperado se transforma num dos motivos de maior interesse. Difícilmente poderá esquecer-se, tão fundo se gravou em nós, o dramatismo com que Carlos Paredes acompanhou Augusto Cabrita neste seu mergulho «na corrente». Mergulho até perder o fôlego — mas sem nunca perder a lucidez.

MARIO CASTRIM



JUIZ CONSELHEIRO

## Vicente Ribeiro Leite Sousa e Vasconcellos Missa do 1.º aniversário

Maria Regina Quintanilha Vasconcellos Bosurgi, Vicente Quintanilha Vasconcellos, e mais família, participam que será celebrada missa pelo seu eterno descanso dia 3 na Igreja do Loreto às 12 horas, agradecem desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

## J. PIMENTA, S. A. R. L.

Materiais de Construção

## COMUNICADO

Informamos os nossos estimados clientes de Materiais de Construção que encerraremos, para efeitos de Balanço, os nossos estabelecimentos nas seguintes datas:

Estabelecimento da Amadora: dias 7, 8, 9 e 10 de Janeiro  
de Queluz : » 5 e 6 de Janeiro

Durante este período não poderemos fazer a entrega de materiais, pelo que agradecemos a todos os clientes que se abasteçam antes ou depois daquelas datas.

A ADMINISTRAÇÃO

## A emigração na arquidiocese de Braga

BRAGA, 2 — A importância do problema da emigração é sublinhada numa nota recente da Secretaria Arquiepiscopal de Braga, onde se lê que a situação continua a ser grave na arquidiocese. «Só em 1968 emigraram do distrito de Braga 8117 pessoas e do de Viana do Castelo 4161», revela o texto, torna-

do publico a propósito das celebrações do Dia Nacional do Emigrante, as quais estão marcadas para o próximo dia 11.

Entre outros aspectos, acrescenta a nota, «fica de pé o da assistência religiosa a esses fiéis, aos quais devemos, na medida do possível, procurar providenciar. Dai

serem de louvar as vocações de missionários de emigrantes, sacerdotes, religiosos e leigos.»

## NOVAS INSTALAÇÕES DO B. N. U.

## EM CASTELO BRANCO

CASTELO BRANCO, 2 — Foram inauguradas as novas instalações da filial do Banco Nacional Ultramarino nesta cidade. Trata-se de um magnífico imóvel enguado no Centro de Castelo Branco. Estiveram presentes o chefe do distrito, dr. Ascensão Azevedo e as principais autoridades militares, civis e eclesiásticas, bem como D. Luís Pereira Coutinho, vice-governador do B. N. U. que se fez acompanhar de altos funcionários daquele estabelecimento bancário.

Após uma visita a todas as dependências do estabelecimento, o que proporcionou o directo conhecimento das funções institucionais, designadamente o seu cofre forte de singular concepção, todos os convidados se reuniram num bebede, servido nas instalações do edifício, durante o qual usaram da palavra vários oradores. O gerente da filial explicou primeiramente o sentido funcional daquela unidade bancária, pondo depois em foco a colaboração sempre recebida da cidade e de toda a região. O presidente da edilidade congratulou-se pela majestade que ao local oferece o belo imóvel agora inaugurado, salientando que ele se situa num conjunto urbanístico previsto e projectado, que muito irá valorizar a cidade. Por último, o vice-governador do Banco Nacional Ultramarino, começou por se referir aos cinquenta anos de actividade do banco em Castelo Branco, aludindo depois ao carinho dispensado a todo o pessoal daquela casa, concluindo com palavras de simpatia para com o arquitecto da obra e para a cidade.

## SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utiliza os comboios eléctricos.

## JOAQUIM VITORINO DE OLIVEIRA GAGLIARDINI GRAÇA

Participação e missa do 7.º dia

Maria de Lourdes Pereira de Oliveira Gagliardini Graça, Etelvina Mota Gagliardini Graça, Joaquim Manuel Mota Gagliardini Graça, Pedro António Mota Gagliardini Graça, Maria Emilia Gagliardini Graça Pereira de Almeida e seu marido; António Manuel de Oliveira Gagliardini Graça e sua mulher e mais família, participam o falecimento de seu filho, marido, pai, irmão, cunhado e parente ocorrido no passado dia 28, e que será celebrada missa por seu eterno descanso, amanhã, dia 3, pelas 12,30 horas, na Igreja de S. João de Brito.

AGÊNCIA BARATA



## JOAQUIM VITORINO DE OLIVEIRA GAGLIARDINI GRAÇA

Participação e missa do 7.º dia

ESTAÇÃO DE SERVIÇO AUTOMÓVEIS BELA-VISTA, LDA., cumpre o doloroso dever de participar o falecimento do seu querido Sócio-Gerente, Sr. Joaquim Vitorino Gagliardini Graça, ocorrido no passado dia 28, e que será celebrada missa por sua alma, amanhã, dia 3, às 12,30 horas, na Igreja de S. João de Brito.

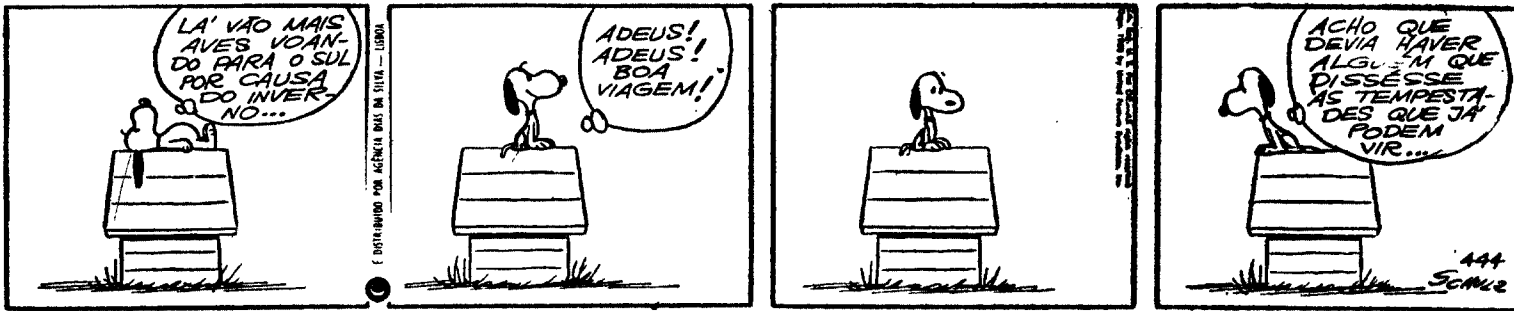
Agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

## FERGUSON A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

## PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA ALUGAM-SE

Estabelecimento  
VALENTIM  
DE CARVALHO  
Comércio e Indústria, S. A.  
R. L. — 95, Rua Nova do  
Almada, 99 — LISBOA

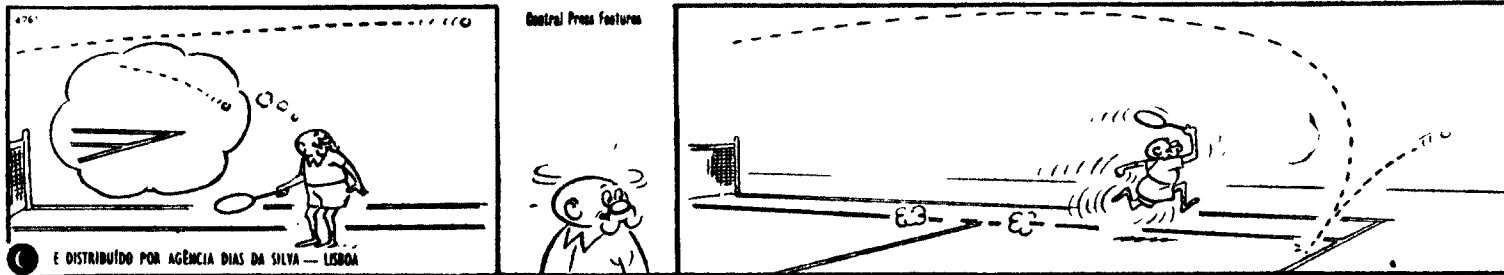
## Os Peanuts



## Carol Day



## Aventuras do Tio Carlos



## Palavras cruzadas

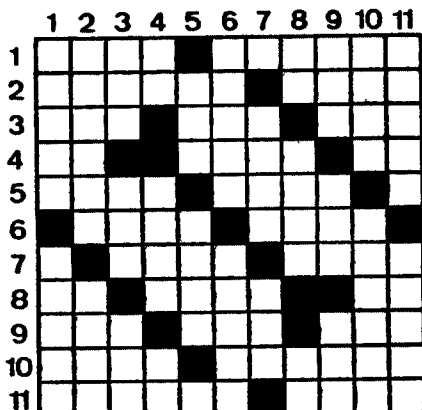
(COM PROVERBIO)

PROBLEMA N.º 5404

**HORIZONTAIS:** 1 — Estimar. Encostar. 2 — Fileira. Nome de fruto. 3 — Azáfama. Acredita um dos pontos cardeais. 4 — Pronome pessoal. Procedia. Preposição latina que designa movimento. 5 — Aniversário. Rezas. Artigo definido. 6 — Rei da Baviera que atacado de loucura foi encarcerado no castelo de Fustenberg. Lavrei. 7 — Combina. Metal precioso de cor amarela. 8 — Artigo definido. Moeda portuguesa de 10. Nota musical. 9 — Matemática (abrev.). Prego. Oitaveiro. 10 — Lavrei. Marca. 11 — Nome de frutos. Saudáveis.

**VERTICAIS:** 1 — Respeito. Ramalhete. 2 — Mesquinha. Xale das mulheres índias e persas. 3 — Lavra. Base grega portuguesa. Possui. 4 — Idem. (abrev.). Divisão de uma casa. Sotóite de Jupiter. 5 — Bicho que aparece no queijo e na carne de porco mal curada. (Prov.). Numeral. 6 — Rio de Portugal. Encolher. 7 — Artigo definido. Temeno duro e liso onde se secam e malham cereais. Preposição e artigo definido (pl.). 8 — Samário (s. q.). Ilha situada no Pequeno Belit. Abreviatura de Santíssima. 9 — Bagame de oco sem hostes. Pronome possessivo. Claridade. 10 — Recua. Igualia. 11 — Resto. Entontecido.

Resolva completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5403

**HORIZONTAIS:** 1 — Aspas. Aparar. 2 — QUEM. Onem. 3 — Unram. Arame. 4 — En. Gordo. An. 5 — Mato. Sota. 6 — Re. MIE. 7 — Ta. Pá. Um. Sa. 8 — Raparam. 9 — AVISA. AMIGO. 10 — Pios. É. Área. 11 — Assar. Aroas.

**VERTICAIS:** 1 — Aquém. Trapa. 2 — Sumara. Vis. 3 — Per. Te. Rios. 4 — Amago. Passa. 5 — Ro. Capa. 6 — Ru. 7 — Ad. Curo. 8 — Poros. Momar. 9 — Ara. Om. Miira. 10 — Remates. Geo. 11 — Amena. Atoas.

Provérbio: QUEM ME AVISA, AMIGO É.

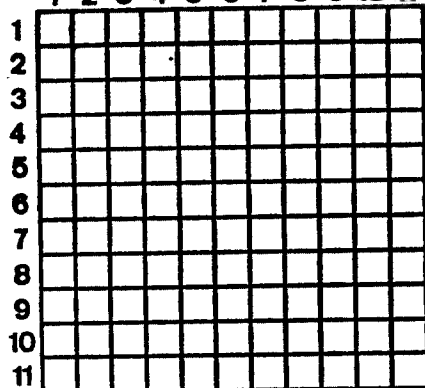
(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9247

**HORIZONTAIS:** 1 — Freguesia do concelho de Melgaço. Terra lavrada. 2 — Braços de mar. Aduzir em defesa. 3 — Reza. Acarinho. 4 — Futil. Carepa. O mais. 5 — Acrescentei. Ecoava. 6 — Freguesia do concelho de Oliveira do Hospital. Mau cheio. 7 — Bievar. Capa sem nãogas. 8 — Pêlo de certos animais (Inv.). Enganar. Émbio (s. q.). 9 — Ceifoi. Greda branca. 10 — Nome de réptil. Nome de mulher. 11 — Tribo indígena brasileira. Competidor.

**VERTICAIS:** 1 — Testemunho. Multidão. 2 — Vadia. Tragédia de Shakespeare. 3 — Animal doméstico. Czar da Rússia cognominado «O Terível». Grande. 4 — Artigo definido. Impermeável. 5 — Utensílios domésticos. Animais de mama. 6 — Referente ao Sol. 7 — Oculta. Chete etíope. 8 — Movia os remos. Tiroça. 9 — Procedi. Ferro temperado. Cento e quatro em romano. 10 — Figura das cartas de jogar. Comprimo. 11 — Cidade. Praia.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9246

**HORIZONTAIS:** 1 — Panga. Trapa. 2 — Amar. Siam. 3 — Raa. Pia. Ail. 4 — In. Crata. Am. 5 — Salão. Unira. 6 — Ais. MDV. 7 — Pais. Aara. 8 — Ama. Boa. Nas. 9 — Ri. Parra. SS. 10 — Datar. Abata. 11 — Alão. Amos.

**VERTICAIS:** 1 — Paris. Panda. 2 — Amara. Amial. 3 — Raa. Lala. Ta. 4 — Gr. Cois. Pão. 5 — Prós. Ban. 6 — Tia. Por. 7 — Atum. Ara. 8 — Rs. Onda. Aba. 9 — Aia. Ivan. Am. 10 — Calar. Rasto. 11 — Amima. Ossos.

## INSTITUTO DE LÍNGUAS DE ALGÊS

Rua dos Bombeiros Voluntários, 29, 2.º — ALGÊS  
Telefone 21 49 10INGLÊS — FRANCÊS — ALEMÃO  
PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS

ABERTURA DE NOVOS CURSOS

Repartição de Licenciamento,  
em 3 de Dezembro de 1969.O Engenheiro Chefe  
GUILHERME MARTINSSINTRA ESPERA-O  
NO DOMINGOPara a sua deslocação utilize  
os comboios eléctricos.

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

NAVIOS

SAÍDAS

PORTOS DE DESTINO

«MOÇAMBIQUE»

13 de Janeiro

Funchal, S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçâmedes, Cabo, Durban, Lourenço Marques, Beira, Moçambique, Nacala e Porto Amélia.

«LEIXÕES»

13 de Janeiro

Lobito, Lourenço Marques e Beira.

«P. PERFEITO»

22 de Janeiro

Funchal, Luanda, Lobito, Durban, Lourenço Marques e Beira.

«MOÇAMEDES»

24 de Janeiro

Leixões, Cabinda, Sazaire (se necessário) Luanda, Porto Amélia, Novo Redondo, Lobito, Moçâmedes e, se necessário, Porto Alexandre e Oito.

\* Com escala prévia por Leixões.

LISBOA — R. DO COMERCIO, 85; TEL. 322021;  
PORTO — R. INFANTE D. HENRIQUE, 63; TEL. 22438

# DESPORTO DESPORTO DESPORTO

O PROF. JORGE DE ARAÚJO AO «DIÁRIO DE LISBOA»

## «OS MALES DO BASQUETEBOL SÃO COMUNS AO NÍVEL DESPORTIVO DO PAÍS»

### • A eles não são alheios problemas educacionais e económicos

A fragilidade das estruturas do desporto em Portugal tem dado origem a uma modesta presença das representações nacionais nas competições europeias das diversas modalidades.

Embora em diversos escalões se tenha reconhecido a necessidade de uma urgente modificação das bases em que se processa a educação física, a verdade é que tudo permanece como dantes, e as equipas portuguesas continuam a competir sem ambições nem outros propósitos que não sejam os de uma presença honrosa. Agora é a selecção nacional de juniores de basquetebol que vai participar, em Madrid, na Taça Latina da modalidade.

Antecipadamente destinada a ocupar uma posição entre os últimos, a equipa foi escolhida e treinada pelo professor Jorge de Araújo, que não se escondeu a abordar, em vésperas da partida para a capital espanhola, alguns dos problemas relacionados com o basquetebol e os benefícios que podem resultar para a modalidade deste contacto internacional. — É evidente — começou o professor Jorge de Araújo — que o contacto internacional é importante como meio de avaliação do valor evolutivo de uma modalidade; estímulo dos praticantes e aumento do número de vivências sociais e culturais desses mesmos praticantes.

E prosseguindo: — No entanto, essa importância necessita, igualmente, de uma justificação a nível nacional, através de uma acção baseada num tipo de pirâmide em que a base seja constituída por milhares de praticantes num plano de simples divertimento e compensação, e, portanto, exterior às diferentes formas de competição, e em que os sucessos «andares» dessa mesma pirâmide sejam formados pelo desporto escolar, pelo federado, existindo, por fim, a cúpula correspondente às seleções nacionais dos diferentes escalões. Resumindo: o contacto internacional justifica-se como forma de concretização a um nível nacional, de uma anterior massificação desportiva, e nunca como meio de justificação aparente de uma determinada existência de modalidades e praticantes.

— Como vê, então, esta deslocação a Madrid?

— Para o desenvolvimento da modalidade ao nível nacional, esta deslocação não traz benefício algum, visto que somente os doze elementos seleccionados, e eu próprio, lucraremos: os jogadores, porque, mercê dessa deslocação, são obrigados a um treino mais intenso, para além do estímulo que retiram para seu futuro de praticantes; eu, porque sou levado a uma cuidada preparação de trabalho a realizar, para além do contacto com outros conceitos e opiniões. Pena é que, no entanto, após este confronto tudo volte à habitual monotonia, só voltando a repetir-se a hipó-

tese em deslocações semelhantes quando se repetem as condições em que o fazemos agora, ou seja, as despesas correm por conta da Federação Espanhola, à excepção do transporte Lisboa-Madrid e volta.

— E está satisfeito com a equipa?

— Ao nível nacional ela é francamente promissora. No entanto, se quisermos estabelecer qualquer tipo de comparação ao nível internacional, teremos que reconhecer que poucas, ou nenhuma, hipóteses se lhe deparam.

— Poucas possibilidades, portanto, na obtenção de resultados positivos?

— Muito poucas, pois basta dizer-lhe que esta mesma equipa, o ano passado, nos Jogos da F. I. S. E. C., em que só participam equipas escolares, e onde defrontámos a Bélgica, França e Itália, perdemos bem todos esses jogos.

E, sem detenções, o professor Jorge Araújo continuou:

— Quero, aliás, referir que se tem divulgado que os componentes da nossa selecção de juniores são já possuídos de uma certa maturidade, pois todos actuam nos seus respectivos clubes na categoria de seniores. Eu, porém, pergunto: que maturidade podem as nossas equipas seniores dar a estes jovens no âmbito internacional, depois do que todos observámos nos recentes encontros Sporting-Real Madrid e Benfica-Fides?

— Grandes males existem, portanto, na estrutura do nosso basquetebol? — Insinuamos.

— Os males do nosso basquetebol residem, como não podia deixar de ser, no mesmo ponto onde reside o mal de todo o nível desportivo do País, assim como, e isto não é uma simples opinião pessoal, nos problemas do seu nível educacional, económico, etc.

#### Vários erros de base se têm cometido

O professor Jorge Araújo esplanava o seu pensamento com a habitual clareza que o caracteriza. Sem que o leitor interrompesse prosseguindo:

— Para além do que citei já, existem erros de base que se têm cometido. Começo por referir que se

disputam campeonatos escolares em que é permitido o acesso a atletas federados, sendo, portanto, aqueles campeonatos uma repetição dos federados, com a respectiva redução do número de praticantes. A maioria das pessoas considera que o fomento de uma determinada modalidade reside na sua prática prematura pelos jovens de idades entre os 10 e os 13 anos; ora este período é fundamental, sim, mas para aquisição de uma disponibilidade motora através de uma prática desportiva generalizada, e não de uma especialização por modalidades. Essa especialização com os seus aspectos de treino e de prática intensiva só deve aparecer no decorrer da adolescência, e, portanto, após, e não durante, aquele período etário. O que se verifica no nosso País é uma procura através dos organismos responsáveis, de uma realização única e exclusiva de um calendário de provas para jovens daquela idade, sujeitando-os desde logo a um trabalho de treino e vivências, de um ambiente, de competição hostil, que lhes é nocivo.

E, depois de uma pausa:

— Outro caso que posso citar, como exemplo, é o facto de aquilo que eu considero como um dos locais até hoje construídos que melhores condições reunia para a prática desportiva, única e exclusiva, ter vindo a ser gradualmente alterado, de modo a ser transformado num recinto para espectadores, em detrimento dos praticantes. É o caso do pavilhão da Ajuda, que, após a sua construção, se tem adulecido toda a sua estrutura, em prol da construção de locais e protecções para espectadores causadores de acidentes, aqueles que se entregam à sua utilização através da prática desportiva.

Intervimos para perguntar:

— Mas, no seu parecer, qual é a melhor solução?

— É minha opinião — finalizou o prof. Jorge de Araújo — o País já devia ter sido dotado dos recintos dedicados exclusivamente aos praticantes cuja construção e material não deveria ser muito oneroso, para além de estratégica-

mente colocados, junto das escolas primárias em especial, formando verdadeiras células de prática desportiva, como, por exemplo, se faz, actualmente, em Espanha, para não irmos mais longe.

ANTÓNIO SANTOS

### SPORTING, 2-BELENENSES, 1 (RESERVAS)

## QUEM PODERÁ SER DE «RESERVAS»?

Com toda a sinceridade o confessamos: se não somos de «reservas», depois do jogo de ontem entre Sporting e Belenenses, ainda menos. Não será possível a «onze» constituída por futebolistas caros proporcionarem espec-

meras) coube ao Belenenses, num remate de Quintão que Carvalho desviou, levando o couro a embater no poste. Não teve sorte o grupo «azul» nessa ocasião.

Contudo, os observadores «leões» denunciavam



Uma fase do encontro entre as «reservas» do Sporting e do Belenenses

táculo, mais caro ao espectador?

A primeira parte, então, correu-pouca a uma estopada. O recurso à falta apareceu em cada lance e a partida não teve um mínimo de ritmo.

Chega a ser chocante assistir a estes encontros em que os jogadores em campo estragam a beleza do futebol sem nada se importarem com isso. O jogo maldoso, que não o duro e atlético, tornou-se uma obsessão e é praticado a cada instante com o ar mais natural do mundo. Não se pense, no entanto, que imperou em Alvalade uma toada violenta. O que houve, em excepção profusa, foi o jogo perigoso, o empurrão, a rasateira, sem acentuada dose de agressividade mas bastante para fazer do jogo um manancial de «lives».

A primeira oportunidade de gol (vinham depois inu-

maiores probabilidades de bater Serrano do que os «azuis» o de ultrapassar Carvalho. E, aos 41 minutos, Lourenço desferiu uma «brasa» que Serrano não deteve.

A maior diferença entre os conjuntos residu nesse aspecto e no rendimento de várias pedras-base.

Mal começara o segundo tempo, Ernesto tirando partido de um fora de jogo, repôs a igualdade.

Isso trouxe ao Belenenses o benefício de imediata moralização e os «azuis» evoluíram, a seguir, no relvado, como o não tinham mostrado antes. Valtar abriu ao poste um remate soberbo e os dianteiros de Belém aproximaram-se do último reduto «verde» com assiduidade e decisão.

No entanto, o perigo estimulou também os «leões», resolvidos a não deixar fugir o comando da partida. A entrada de Manuel Duarte e Orlando contribuiu para a subida dos donos do campo, particularmente da daquele.

Nascido, todavia, de um lance feliz a concretização do triunfo «verde». Manuel Duarte, lá da ponta direita, arrancou um centro-remate que surpreendeu Serrano a sair de sob os postes. Na tentativa de emendar a colocação o guarda-redes «azul» escurregou e não conseguiu evitar a entrada do esférico.

Equipas: SPORTING — Carvalho; Celestino, Bastos, Armando (Orlando) e Manaca; Barão e Dami; Chico, Ernesto (M. Duarte), Lourenço e O. Duarte.

BELENENSES — Serrano; Murça, Freitas (Franquelim), Cardoso e Esteves; Luciano (Canário) e Quintão; Ernesto, Camolas, Valtar e Godinho.

FRANCISCO CAMILO

### EM S. PAULO (BRASIL)

## O MEXICANO MARTINEZ VENCEDOR DA «SÃO SILVESTRE»

SÃO PAULO, 2 — (A.N. I.) — O mexicano Juan Martinez foi o vencedor da corrida de São Silvestre, que pela quadragésima quinta vez se disputou nesta cidade, organizada pela «Gazeta Esportiva».

O inglês classificado foi o segundo Michael Tagg, a cerca de 20 metros, e o terceiro o jugoslavo Daniel Karica, seguido pelo norte-americano Eamonn O'Reilly e pelo mexicano Mario Perez.

O japonês Keisuke Sawari, tido por favorito, comandou no primeiro troço da prova, mas não

aguentou o andamento na segunda parte.

«A 200 metros da meta, senti que ia ganhar, já que as pernas funcionavam perfeitamente, como pistões. O adversário mais perigoso era o inglês, e por isso reagi ao seu ataque final, que não me apanhou desprevenido.»

Foi desta forma que J. Martinez comentou a sua vitória e anunciou que para o ano voltará a disputar a corrida de S. Silvestre.

O português Morujo Julio classificou-se em 28.º lugar na classificação geral.

## O BEIRA-MAR GANHOU (2-1)

### À «RESERVA» DO BENFICA

AVEIRO, 2 — Uma equipa do Benfica perdeu ontem por 2-1 contra o Beira-Mar, num encontro de futebol disputado no Estádio Mário Duarte desta cidade e integrado nas comemorações do aniversário do clube local.

Sob a arbitragem de Henrique Costa, as equipas apresentaram as seguintes formações:

BEIRA-MAR — José Pereira (Diamantino); Loure, Eduardo, Soares e Almeida; Cândido e Abdul; Colorado, Amaral (Mário), Cléo (Nélinho) e Jerónimo (Rocha).

BENFICA — Porfício; Leal (Pavão), Messias, Zeca e Marques; Vítor Martins e Matine; Praia, Abel, Raul Aguas, (Antoniinho) e Nenê.

Conta Juventude BANCO DO ALENTEJO

# DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

## Seleção de Juniores, 3 - Benfica, 1

### Os «miúdos» da selecção já tem «boas» maneiras

Não deu a sensação de formar uma equipa poderosa, esta selecção de juniores constituída pelo dr. David Sequeira. Mas os rapazes já têm maneiras e, alguns deles, embora sem o fulgor de vedetas, parecem capazes de fazer carreira.

Isto foi a reacção por nós tirada na tarde de ontem, em Alvalade, depois do encontro entre os elementos indigítados para a turma das «quinhas» e a representação do Benfica nessa categoria.

O primeiro golo surgiu aos 15 minutos e marcou o Eurico. O benfiquista rematou de longe, a bola foi à trave e, no rescaldo, bateu no ombro de Matos, acabando por entrar.

Os seleccionados responderam no minuto imediato. Cardoso centrou com a conta precisa e Germano cabeceou como um homem...

Estabelecida a igualdade, a selecção buscou imediatamente uma situação de vantagem. Nesse período não concretizou os seus intentos, mesmo num excelente pontapé de Nando, em que a trave sacudiu o esférico para as nuvens. A Eurico sucedeu coisa parecida mas, desta vez, o remate foi de cabeça.

#### CICLISMO

### OS «SEIS DIAS» DE MADRID

MADRID, 2 — (A. N. I.) — Os espanhóis perureña e Lopez Rodriguez ganharam a corrida de ciclismo os «seis dias de Madrid» ao cobrirem em 145 horas, o percurso de 2758 quilómetros com 13 790 voltas do Palácio dos Desportos de Madrid.

No segundo tempo, os seleccionados exibiram-se melhor. Movimentação acescente de nível assinalável, permitiu-lhes a obtenção de um par de golos.

No primeiro, Belchior visou superiormente um canto alto das redes contrárias, o guarda-redes cometeu erradamente, no seu golpe de vista e consentiu o tento. O outro saiu de um lance bem delineado que mereceu a conclusão vitoriosa verificada, através da «cabeça» bem dirigida de Germano.

Mesmo sem a compleição física ideal (não abunda a força entre os juniores portugueses), o combinado revelou sentido de jogo, defesa que sabe bater-se, média que carrega a sua acção para uma actividade constante e profícua e linha avançada que, se adquirir maior profundidade, poderá cumprir perfeitamente. Individualmente, Germano e Nando deram nas vistas.

Os benfiquistas, desfalcados, produziram trabalho meritório durante a primeira metade. Eurico, quase homem feito, se futebolista com o futuro assegurado e Rachão jogou em alto plano.

Arbitragem fácil de António Anastácio.

As equipas alinharam assim: SELECCAO — Matos; Fernando, Vitor Alves, Miranda e Lino; Freixo e Belchior; César, Nando Germano e Cardoso.

BENFICA — Moraes; Orlando, Almeida, Rolo e Belo; Rachão e Ruca; Sanina, Jerónimo, Eurico e Lourenço. Na selecção foram também utilizados os serviços de Palatás, Pinhal, Vitor Pereira e Armando. O Benfica fez entrar Eduardo, Luis Antão e Guilherme.



Olhos postos ao esférico, um futebolista junior dormiu, em bom estilo, a bola e o adversário

## FERNANDO BATISTA (AUSTIN COOPER S) VENCEDOR DO RALLYE DO «FIM DO ANO»

Organizado pelo Clube Arte e Sport, com a colaboração da Câmara Municipal e da Comissão Municipal de Turismo da Figueira da Foz e da Sociedade de Turismo Figueira-Praia, terminou ontem, na Figueira da Foz, o 14.º Rallye do Fim do Ano.

Tendo partido de diversos pontos do País para concentração na Figueira da Foz onde se disputaram as duas provas complementares, estiveram presentes 42 concorrentes.

A vitória absoluta veio a pertencer a Fernando Batista que pelo segundo ano

consecutivo é o vencedor desta prova.

Os vencedores das provas complementares foram: Fernando Baptista (perícia e manobrabilidade) e César Torres (Slalom).

A vitória em seniores coube a Maria Teresa Torres, tendo sido Pedro Cabrita o primeiro em iniciados.

## OS MILÍMETROS IMPORTANTES

Por BANDEIRA DE LIMA

Raras vezes entramos num automóvel ainda que recente, mas com alguns meses de uso, que não encontremos pequenos defeitos de suspensão susceptíveis de efeitos de elevada e não suspetada monta.

As nossas estradas e as nossas ruas provocam esse pequenos defeitos — é um mal que há que aceitar. Mas, na maior parte dos casos, e dados tanto os efeitos possíveis daquela deficiência como a fácil e rápida reparação, dificilmente entendemos que as pessoas esperem pelos «males maiores» que, inevitavelmente, sobrevêm mais cedo ou mais tarde.

Na realidade, quase tudo principia pela deterioração das borrachas, por intermédio das quais são fixados os diversos elementos das suspensões.

Estas, devido às irregularidades do piso, trabalham, principalmente, em pequenos batimentos, menores que 2 cen-

tímetros. E a ineficiência daquelas pequenas, e pouco dispendiosas borrachas conduz a que, pelo menos, uma parte da suspensão não chegue a funcionar efectivamente naqueles pequenos debates, que se devem incluídos nas folgas milimétricas das borrachas deterioradas. E o que dizemos a respeito do funcionamento das suspensões é também, válido para a correcção da geometria de certas directrizes, que, também, dependem de ligações baseadas em borrachas ou «silentblocs».

Vejamos, rapidamente, alguns exemplos relativos aos citados casos de funcionamento de suspensões e correcção da geometria.

Uma grande parte das actuais suspensões dianteiras comporta uma barra estabilizadora que funciona a torsão e liga as rodas entre si: destina-se, em curva, a transferir uma parte da carga da roda exterior à curva para a do lado oposto, menos carregada. Essa barra estabilizadora apoia-se em borrachas, as quais, uma vez deterioradas, permitem que outro movimento que não o de torsão seja transmitido ao estabilizador; e, por isso, o efeito de transferência de cargas que lhe está atribuído, diminui. Quanto aos amortecedores, passa-se outro tanto: montados sobre borrachas deterioradas, nos pequenos batimentos da suspensão, o amor-

tecador, ainda que em bom estado não chega a funcionar — o pequeno movimento da suspensão não lhe foi transmitido, em virtude de ter sido incluído nas folgas das borrachas.

Quanto aos aparelhos de direcção, a transmissão do movimento de uma a outra das rodas directrizes inclui sempre uniões baseadas em borracha, ordinariamente do tipo «silentbloc». E a deterioração de um destes elementos, como o facilmente se entende, dá sempre origem a que uma diferença exista sempre, de uma roda para a outra quando se vira o volante de qualquer quantidade: a geometria de Ackermann, a que corresponde a correcção prática das «quantidades» diferentes de que devem virar uma e outra das rodas dianteiras para que o carro descreva determinada curva não mais se verifica. A direcção deixa de ser rigorosa. E, no fim de contas, tudo se resume à substituição de pequenas borrachas.



Calços para travões Discos para Embraiagem PEREIRA & BESSONE Av. 24 Julho, 52, 1.º-B

#### Taça de Portugal

### «OS NAZARENOS» VENCERAM (2-1) O ORIENTAL

No encontro de desempate da terceira eliminatória da Taça de Portugal, disputado ontem na Nazaré, entre as equipas de «Os Nazarenos» e do Oriental, a vitória pertenceu aos primeiros por 2-1, qualificando-se assim para defrontar o Sporting Farense, no jogo referente à quarta eliminatória.

## HOJE À NOITE

ANDEBOL DE SETE — Campeonato de Lisboa da 1.ª Divisão (reservas). Belenenses-Técnico, C. Ourique-Sporting e Almada-C. N. O. C. A., no pavilhão do Campo de Ourique, a partir das 20 e 30 horas.

BASQUETEBOL — Campeonato de Lisboa da Divisão de Honra, 1.ª categoria, última jornada: Sporting-Ateneu e Nacional-Benfica, às 21 horas; Internacional-Atlético e Belenenses-Algés, às 22 horas, no pavilhão da Ajuda.

TENIS DE MESA — Campeonato individual de Lisboa, da 4.ª série, nas mesas de Rec. Apolo, Casa Pia, Rod. Cordeiro, Ávila, Arroios, Arte e Sport, Graça, Andorinha, Belenenses, Mirantense, G. D. Operário, Armadorense, Com batentes, Intendente, Castelo, Madre Deus, Sporting e S. L. Aguias.

— Campeonato de Lisboa, individual, de seniores, 3.ª jornada da 1.ª fase nas mesas do Ferroviário, Sporting, Benfica e Económicos.

ÀS GRANDES EMPRESAS E COMPANHIAS DE SEGUROS  
PRÉDIO NOVO COMPLETAMENTE DEVOLUTO SITO  
NA R. D. ESTEFÂNIA, 24-24/A

COM RENDIMENTO ANUAL APROXIMADO  
DE: — 744 000\$00

BASE: — 7 500 000\$00

## LEILÃO

DIA 5, às 11 horas

Por determinação do Meritíssimo Corregedor da 2.ª Vara Cível da comarca de Lisboa, nos autos de execução pendentes na 1.ª Secção, será posto em leilão, NO PRÓPRIO LOCAL, o prédio acima referido, que se compõe de cave — loja e sobre loja — rés-do-chão com 1 divisão e 1.º, 2.º, 3.º, 4.º e 5.º andares com 5 divisões, cozinha e 2 casas de banho, descrito na 1.ª Conservatória do Registo Predial de Lisboa sob o n. 5698 a fls. 142 verso do livro B-25 e omissis na respectiva matriz.

N. B. — MOSTRA-SE DAS 14 AS 17 HORAS

## A LEILOEIRA, LDA.

Av. 5 de Outubro, 23, 1.º — Lisboa — Tels.: 45934-46259

## CTT — Correios e Telecomunicações de Portugal

EMPRESA PÚBLICA

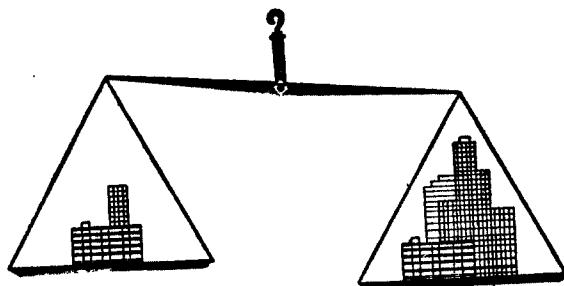
### SERVIÇO TELEFÓNICO INTERURBANO AUTOMÁTICO

A partir do dia 2 às 24.00 h. os assinantes dos grupos de redes de **Caldas da Rainha, Vila Franca de Xira, Aveiro, Coimbra, Mealhada, Pombal, Figueira da Foz, Viseu e Covilhã** com acesso ao Serviço Interurbano Automático obtêm directamente os números dos telefones do grupo de redes de **Setúbal** marcando para o efeito o indicativo 015 seguido do número do telefone desejado.

# J. PIMENTA, S. A. R. L.

## 1968

742 ANDARES E APARTAMENTOS  
CONSTRUÍDOS E VENDIDOS NO VA-  
LOR DE 161.011.220\$40



## 1969

1.050 ANDARES E APARTAMENTOS  
CONSTRUÍDOS E VENDIDOS NO VA-  
LOR DE 242.800.000\$00

ANDARES • APARTAMENTOS MOBILADOS • MORADIAS

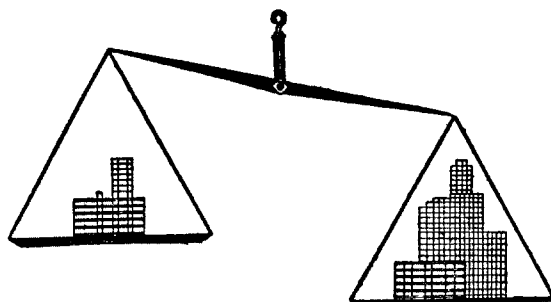
## J. PIMENTA, S. A. R. L.

A MAIOR ORGANIZAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL DO PAÍS NO SECTOR DE PROPRIEDADES. A ÚNICA QUE PROJECTA, CONSTRÓI, DECORA, VENDE E ADMINISTRA.

RENDIMENTO DE 6 a 10 %, GARANTIDO DURANTE 6 E ATÉ 18 ANOS À ESCOLHA DO CLIENTE, POR ESCRITURA PÚBLICA, MODALIDADE CONCEBIDA PARA A DEFESA DOS INTERESSES DOS CLIENTES.

## 1969

Mais um ano, em que vendendo 1.050 uni-  
dades, estabelecemos novo máximo e ultra-  
passámos o nosso plano que era de 1.000  
apartamentos e andares.



## 1970

O maior ano em Propriedades. Previsão para  
1.700 unidades a contruir em:

|                         |         |
|-------------------------|---------|
| Espargal — Paço d'Arcos | = 1.000 |
| Pampilheira — Cascais   | = 200   |
| Reboleira — Zona Sul    | = 400   |
| Lisboa — Olivais        | = 100   |

O nosso impulso no fomento da habitação é cada vez maior de ano para ano, mercê da nossa iniciativa e da colaboração dos nossos prezados clientes. Não vá em conversas, peça informações nos nossos escritórios ou aos nossos clientes, porque só nós ou eles lhes poderemos contar a verdade.

**150 Contos rendem-lhe 950\$00 mensais**

Locais onde temos propriedades à venda: REBOLEIRA, AMADORA, PAÇO D'ARCOS, PAREDE, CASCAIS e LISBOA

Materiais de construção — 1969 — 39.474 contos de vendas

Somos uma empresa virada para o futuro alicerçada em infra-estruturas poderosas.

Paralelamente à nossa actividade industrial desenvolvemos o comércio de materiais de construção em larga escala com Estabelecimentos de venda ao público em: AVENIDA SANTOS MATOS, 10 — AMADORA e RUA D. MARIA I, 30 — QUELUZ e a partir de 22-2-1970 na: PRAÇA MARQUÊS DE POMBAL, 15 — LISBOA.

Além destes estabelecimentos possuímos uma equipa de vendedores devidamente especializada nos diversos materiais que fornecemos ao público em geral e à própria indústria de construção civil.

Toda a gama de Materiais de Construção, electro-domésticos, decoração e artesanato, poderá ser adquirida nos nossos estabelecimentos ou através dos nossos vendedores.

**FELIZ ANO NOVO**

Ao entrarmos em 1970, desejamos a todos os nossos Clientes, Fornecedores, Amigos e ao público em geral um ano cheio de venturas.

## J. PIMENTA, S. A. R. L.

ESCRITÓRIOS: LISBOA — PRAÇA MARQUÊS DE POMBAL, N.º 15-1.º — TELEFONES 45843 E 47843.  
QUELUZ — RUA D. MARIA I, 30 — TELEFONES 952021/22; AMADORA-REBOLEIRA, TELEFONE 933670.  
PAÇO D'ARCOS-ESPARGAL, TELEFONE 2433511; CASCAIS, RUA REGIMENTO INFANTARIA 19, N.º 30.

## CARTAZ DOS CINEMAS

## IMPÉRIO

(Adultos) Tel. 555134  
As 15.15 e 21.30  
TECHNICOLOR—2.ª SEMANA  
KATHARINE HEPBURN 6

A LOUCA  
DE CHAILLOT

com Danny Kaye, Giulietta Masina, Paul Henreid, Yul Brynner, Charles Boyer, Richard Chamberlain, Nanette Newman, John Gavin

## ESTÚDIO

(M. 6 anos) Tel. 555134  
As 15.30, 18.30 e 21.45  
3.ª SEMANA  
TECHNICOLOR

AS AVENTURAS  
DE PETER PAN

## TIVOLI

(M. 12 anos) Tel. 50595  
As 3 e 6.15 da tarde (a p. red.)  
e 9.30 da noite  
EM 3.ª SEMANA  
UM FILME INCOMPARÁVEL  
em TODD-AO cor de Luxe  
com

BARBRA STREISAND  
HELLO, DOLLY

## UMA MARAVILHA

## MUNDIAL

(Adultos) Tel. 538743  
As 15.15, 18.30 e 21.45  
EM 11.ª SEMANA  
Vanessa Redgrave, a melhor  
atriz do ano, no excepcional  
filme

## ISADORA

## TECHNICOLOR

## Metro Estação Picoas

CASINO  
ESTORIL

(M. 12 anos) Tel. 260729  
As 17 e 21.30  
OLHOS VERDES, LOIRA  
E PERIGOSA

com Zero Mostel e Kim Novak

CHIADO  
TERRASSE

(M. 17 anos) As 21 horas  
A PERVERSA  
CATARINA, IMPERATRIZ  
DA RUSSIA

## RESTELO

(M. 12 anos) Tel. 610375  
As 21.30 H.  
SHERIFF PRECISA-SE  
com James Garner  
e Joan Hackett

## SÃO JORGE

(17 anos) Tel. 54153/4  
HOJE: As 15.00, 18.15 e 21.30  
JAMES BOND  
VOLTOU!  
MAIS DURO, MAIS VIOLento! EM

007 AO SERVIÇO  
DE SUA MAJESTADE

com George Lazenby — Diana Rigg — Telly Savalas

## SÃO LUIZ

(Adultos) Tel. 327172  
INAUGURAÇÃO DO FESTIVAL DE TEATRO  
PARISIENSE

As 6.15 da tarde e às 10 da noite  
A admirável comédia de  
Barillet e Gredy

## QUARANTE CARATS

## ALVALADE

(M. 6 anos) Tel. 763080  
As 15.15 e 21.45  
3.ª SEMANA

SE O MEU CARRO  
FALASSE...

com Dean Jones, Michele Lee e Herbie

## AVIS

(M. 12 anos) Tel. 47163  
As 21.45  
3.ª SEMANA  
ROGER MOORE na sua mais  
espectacular aventura!

## O «SANTO» EM ACÇÃO

com Sylvia Syme  
EASTMANCOLOR

## VOX

(M. 12 anos) Tel. 720803  
As 15.15, 18.30 e 21.45  
2.ª SEMANA DE ÊXITO  
O GOLPE DE OURO

com Anne Heywood, Richard Crenna e Fred Astaire,  
numa original história

## EDEN

(M. 12 anos) Tel. 320768  
As 15.15, 18.30 e 21.45  
3.ª SEMANA  
CANTINFLAS em

D. QUIXOTE  
SEM MANCHA

## CONDES

Tel. 52523-526710  
As 15.15 e 18.15  
3.ª SEMANA  
(Para todos)

## ASTÉRIX E CLEÓPATRA

(Colorido)  
Só a noite às 21.30 (adultos)  
Versão integral — 5.ª SEMANA  
A LIÇÃO PARTICULAR

## ROMA

(Adultos) Tel. 727778  
As 21.30  
O ÚLTIMO FILME DE  
JAMES BOND

007 AO SERVIÇO  
DE SUA MAJESTADE

c/ George Lazenby e Diana Rigg  
Panavision — Eastmancolor

## MONUMENTAL

(M. 12 anos) Tel. 555131  
As 15.00 e 21.30  
EM 3.ª SEMANA  
GOODBYE, MR. CHIPS

com Peter O'Toole, Petula Clark  
e «Sir» Michael Redgrave

## QUINZENA INFANTIL

(M. 6 anos) HOJE — 18.30 h.  
A GATA BORRALHEIRA,  
de Walt Disney  
Última exibição em Portugal  
desta obra-prima

## LIDO

Praca D. João I — AMADORA  
Tel. 937593  
(M. 17 anos) As 21.30 h.  
Um filme que define o novo  
pensamento cinematográfico!

## CERIMÓNIA SECRETA

com Elizabeth Taylor — Mia Farrow — Robert Mitchum

## ODEON

(M. 6 anos) Tel. 326283  
As 15 e 18.15 (P. r.) e 21.30  
SÓ ATÉ DOMINGO:  
O MARAVILHOSO FILME  
FAVORITO DAS CRIANÇAS

MARCELINO  
PÃO E VINHO

grande criação do pequeno actor  
PABLITO CALVO  
A HISTÓRIA DE UM GA-  
ROTO PERANTE UM MILA-  
GRE DO DIVINO JESUS

## LIZ

(Adultos) Tel. 48580  
As 21 horas  
UMA CARREIRA  
SENSACIONAL  
MOMENTO A MOMENTO

ESTÚDIO  
444

(Adultos) Tel. 778095  
HOJE: As 18.30 e 21.30 h.  
EM CONTINUAÇÃO  
DE ESTREIA  
7.ª SEMANA

A ESPANTOSA COMÉDIA DE  
PIETRO GERMI

DIVÓRCIO  
A ITALIANA  
com Marcello Mastroianni

## POLITEAMA

(M. 17 anos) Tel. 326305  
HOJE: As 15 e 15 e às 21 e 30  
2.ª SEMANA  
do filme de grande classe  
espectacular

A PELE DE UM  
MALANDRO

com o famoso ídolo  
CLINT EASTWOOD

HOJE, AS 18.30 — (Adultos)  
SESSÃO CLÁSSICA

## IMPERIAL

(Adultos) Tel. 45933  
As 21 horas  
O MARIDO É MEU, MATO-O  
QUANDO ME APETECER  
O CIRCO DO TERROR

## EUROPA

(M. 12 anos) Tel. 661016  
As 15.15  
D. QUIXOTE  
SEM MANCHA

A QUADRILHA  
SELVAGEMFARMACIAS  
DE SERVIÇO

## Em Lisboa — Turno I

ALAMEDA — Esperança, R. Carlos  
Mardel, 101-B (722868)  
ALCANTARA — Nogueira, R. 30  
Creche, 2 (631635)

ALTO S. JOÃO — Oriente, R. Lo-  
pes, 20 (84338) \* Teles, R.  
João de Barros, 2 (638249)

ALVALADE — Brasília, Av. Rio de  
Janeiro, 66 (722368) \* Cartaxo,  
Av. da Igreja, 21-C (776358)

AMOREIRAS — D. João V, R. D.  
João V, 6-C (682772)  
ANJOS — Matos, R. Álvaro Couti-  
nho, 0 (40471)

AREIRO — Av. de Roma,  
56-B-C (715370) \* João XXI,  
Nova Lisboa, Rua Guilhermina  
Suggia, 12 (727721)

Av. João XXI, 16-A (726462) \*  
AVENIDAS NOVAS — Fátima, Av.  
5 de Outubro, 47-A (763107)

5 de Outubro, 27-A (533688) \* Império, Rua  
Filipe Folque, 40-A-B (48002)  
\* Palma, Av. Duque de Ávila,  
25 (47088)

BAIRRO AZUL — Bairro Azul, Av.  
Ressano Garcia, 7-A (51451)  
BAIRRO DA ENCARNACÃO —  
Ascensão, R. 27, n.º 41 (31216)

BAIXA — Americana, Calç. de  
Santana, 3 (863984) \* Costa,  
Praca da Figueira, 6-B/C (Tel.  
328381)

BELÉM — Remísio, R. dos Jeróni-  
mos, 4-C (631699) \* Sepul,  
Calçada da Boa Hora, 94-A  
(631958)

BENFICA — Lisboa, R. Claudio  
Nunes, Lote, 2 (703393) \*  
Souza, Est. de Benfica, 429-431  
(780027)

CAMÕES — Cimbra, Calç. do  
Combro, 78 (326059) \* Aze-  
vedo Irmão & Veloso, R. do Mi-  
sericórdia, 24 (323540)

CAMPO DE OURIQUE — Castro  
Fonseca, Rua 4 de Infantaria,  
28-A (688857) \* Ourique, Rua  
Freitas Góvil, 32-B (671667)

CAMPOLIDE — Lab., R. Rodrigo  
da Fonseca, 101-101-A (682333)  
\* Pátria, Calçada dos Mestres,  
30-A (680627)

CARNIDE — Leal de Matos, Rua  
Neves Costa, 33-35 (780181)  
CONDE REDONDO — Capuchos,  
Rua Luciano Cordeiro, 2-A  
(520765)

ENTRECAMPOS — Galeno, Av.  
Oscar Monteiro Torres, 38-A  
(774920)

ESTEFÂNIA — Estefânia, R. Pas-  
coal de Melo, 90 (44438)

ESTRELA E LAPA — Central da  
Lapa, Rua das Navegantes, 10  
(661734)

GRACA — Monte, R. Senhora do  
Monte, 30-A-B (967842) \*  
Rosa & Viegas, R. de S. Vicente,  
31 (864351) \* Bastos Andrade,  
Calç. de St.º André, 107-111  
(860450) \* Santo António, R.  
Leite de Vasconcelos, 72-C  
(862333)

## \* OUTROS ESPECTÁCULOS

## CIRCO

COLISEU — As 21 e 30: «Nova  
Companhia de Circo» (6 anos).

## TEATROS

MARIA VITÓRIA — As 20 e 45 e  
às 23: «Esperteza Saloia» (17  
anos).

MONUMENTAL — As 21 e 45: «Os  
elefantes não sentem as pulgas»  
(17 anos).

VASCO SANTANA — As 21 e 45:  
«As mãos de Abraão Zacut» (17  
anos).

VILLARET — As 21 e 23: «O vision  
voador» (17 anos).

MARIA MATOS — As 21 e 45:  
«Tombo no Inferno» (17 anos).

LAURA ALVES — As 21 e 45:  
«Fonja» (17 anos)

A B C — As 20 e 45 e às 23:  
«Ena já fala» (17 anos).

VARIÉDADES — As 20 e 45 e às  
23: «Peço a palavra» (17 anos).

## CINEMAS

OLIMPIA — As 21: «Armadiha  
para um foragido» (17 anos).

ARCO IRIS — As 21: «Anjos re-  
beldes» (12 anos).

JARDIM — As 21: «O homem, o  
orgulho e a vingança» (17  
anos).

CINEARTE — As 21: «Em territó-  
rio inimigo» (17 anos).

MOSCAVIDE — As 21: «A magia  
da mulher» (17 anos).

PARIS — As 21: «Charleys»  
(17 anos).

● Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — As 21 e  
30: «Mayerling» (17 anos).

ESTORIL — CASINO — As 17 e  
às 21 e 30: «Olhos verdes, loiro  
e perigosos» (12 anos).

CASCAIS — S. JOSÉ — As 21 e  
30: «O grande ajuste de contas»

● Linha de Cascais

ALGÉS — Branco, Av. Comb. G.  
Guerra, 29 (Tel. 212081).

CAXIAS — Neve — Rua Bernar-  
dim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)

PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás  
— R. Costa Pinto, 86 (Telefone  
2432034)

OEIRAS — Godinho — R. Cândido  
dos Reis, 98 (Tel. 2430090)

PARDE — Aisl, Av. Gago Couti-  
nho (Bairro das Calças de Pre-  
vidência) (Tel. 2472948)

ESTORIL — São João — São João  
do Estoril (Tel. 261186)

MONTE ESTORIL — Costa, Av.  
Sabala, 29-B (260085)

CASCAIS — Marginal — Av. Mar-  
ginal (Tel. 280078) A. Costa —  
Rua Freitas Reis, 24-A (Tel.  
28024)

● Linha de Sintra

AMADORA — Cavaco — R. Elias  
Garcia, 209 (Tel. 930019); Fla-  
ma — R. Elias Garcia, 78-B (Tel.  
932485); Confiança — Av. D.  
Nuno Álvares Pereira, 15-A  
(Tel. 938149)

DAMAIA — Damala — P. Ale-  
xandre Gusmão, 9-A (Tel.  
970523)

QUELUZ — Gil, Av. Miguel Bom-  
barda, 28 (Tel. 950117) \* Si-  
lves Lopes, Av. Elias Garcia,  
51 (Tel. 950123)

CACÉM — Central — R. Elias Gar-  
cia, 55 (Tel. 2940034)

MEM MARTINS — Quilma — Est.  
Mem Martins, 285 (Tel. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA — Valentim  
(Tel. 980456)

SINTRA — Misericórdia — Largo  
de Gregório de Almeida, 2 (Tel.  
980391)

VENDA NOVA — Nova, R. Elias  
Garcia, 10 (Tel. 933920)

## ● Outra Banda

ALMADA — INCRÍVEL — As 21  
e 15: «O homem de cabeça ra-  
pada» (17 anos).

## ● Linha de Sintra

AMADORA — RECREIOS DESPOR-  
TIVOS — As 21 e 15: «Gange-  
tres em Roma» (17 anos).

● Outra Banda

ALMADA — INCRÍVEL — As 21  
e 15: «O homem de cabeça ra-  
pada» (17 anos).

● Linha de Sintra

AMADORA — RECREIOS DESPOR-  
TIVOS — As 21 e 15: «Gange-  
tres em Roma» (17 anos).

● Outra Banda

ALMADA — INCRÍVEL — As 21  
e 15: «O homem de cabeça ra-  
pada» (17 anos).

● Linha de Sintra

AMADORA — RECREIOS DESPOR-  
TIVOS — As 21 e 15: «Gange-  
tres em Roma» (17 anos).

● Outra Banda

ALMADA — INCRÍVEL — As 21  
e 15: «O homem de cabeça ra-  
pada» (17 anos).

● Linha de Sintra

AMADORA — RECREIOS DESPOR-  
TIVOS — As 21 e 15: «Gange-  
tres em Roma» (17 anos).

● Outra Banda

ALMADA — INCRÍVEL — As 21  
e 15: «O homem de cabeça ra-  
pada» (17 anos).

● Linha de Sintra

AMADORA — RECREIOS DESPOR-  
TIVOS — As 21 e 15: «Gange-  
tres em Roma» (17 anos).

● Outra Banda

ALMADA — INCRÍVEL — As 21  
e 15: «O homem de cabeça ra-  
pada» (17 anos).

● Linha de Sintra

AMADORA — RECREIOS DESPOR-  
TIVOS — As 21 e 15: «Gange-  
tres em Roma» (17 anos).

● Outra Banda

ALMADA — INCRÍVEL — As 21  
e 15: «O homem de cabeça ra-  
pada» (17 anos).

● Linha de Sintra

AMADORA — RECREIOS DESPOR-  
TIVOS — As 21 e 15: «Gange-  
tres em Roma» (17 anos).

● Outra Banda

ALMADA — INCRÍVEL — As 21  
e 15: «O homem de cabeça ra-  
pada» (17 anos).

● Linha de Sintra

AMADORA — RECREIOS DESPOR-  
TIVOS — As 21 e 15: «Gange-  
tres em Roma» (17 anos).

● Outra Banda

ALMADA — INCRÍVEL — As 21  
e 15: «O homem de cabeça ra-  
pada» (17 anos).

● Linha de Sintra

AMADORA — RECREIOS DESPOR-  
TIVOS — As 21 e 15: «Gange-  
tres em Roma» (17 anos).

● Outra Banda

ALMADA — INCRÍVEL — As 21  
e 15: «O homem de cabeça ra-  
pada» (17 anos).

● Linha de Sintra

AMADORA — RECREIOS DESPOR-  
TIVOS — As 21 e 15: «Gange-  
tres em Roma» (17 anos).

● Outra Banda

ALMADA — INCRÍVEL — As 21  
e 15: «O homem de cabeça ra-  
pada» (17 anos).

● Linha de Sintra

AMADORA — RECREIOS DESPOR-  
TIVOS — As 21 e 15: «Gange-  
tres em Roma» (17 anos).

● Outra Banda

ALMADA — INCRÍVEL — As 21  
e 15: «O homem de cabeça ra-  
pada» (17 anos).

● Linha de Sintra

AMADORA — RECREIOS DESPOR-  
TIVOS — As 21 e 15: «Gange-  
tres em Roma» (17 anos).

## BOM APETITE

RESTAURANTE  
QUINTA DE  
S. VICENTE

Telheiras de Cima, 144  
Tel. 790211

JANTARES  
DANÇANTES  
AOS SÁBADOS  
E DOMINGOS  
ORQUESTRA  
PRIVATIVA

AMBIENTE  
DISTINTAMENTE  
FAMILIAR  
(Maiores de 15 anos)

TARANTELA  
RESTAURANTE • SNACK-BAR

L. D. Estefânia, 23 e 27  
Tel. 535203

RESTAURANTE  
antónio

MARCA-INT-69



## Temas em discussão:

• **A CRIANÇA E O LIVRO**, MESA-REDONDA EM QUE INTERVIERAM ANTÓNIO TORRADO, CALVET DE MAGALHÃES, LÍLIA DA FONSECA, MÁRIO CASTRIM, MATILDE ROSA ARAÚJO E RUI GRÁCIO • **REALIDADES E PERSPECTIVAS DO CINEMA AMADOR**, ESTUDO ELABORADO PELA SECÇÃO DE CINEMA DO ATENEU DE COIMBRA • **ACUDA-SE AO ENSINO TÉCNICO**, CARTA DE UM LEITOR.

## MESA REDONDA

A PROPÓSITO DA GRÉCIA...

# Uma certa ideia da Europa

JOSÉ AUGUSTO SEABRA

Dois factos de relevância irrecusável para o futuro da Europa, e que importa não deixar de assinalar, tiveram lugar nos últimos tempos. Um situa-se predominantemente no plano económico, o outro no plano político. Referimo-nos, por ordem cronológica respectiva, à reunião da Comunidade Económica Europeia, que se realizou na Haia, e à reunião do Conselho da Europa, efectuada há poucos dias em Paris. A primeira, ao admitir o princípio do alargamento do Mercado Comum à Grã-Bretanha e a outros países da Associação Europeia do Comércio Livre, de que Portugal faz parte, terá inevitáveis incidências no desenvolvimento de todas as parcelas integrantes dos dois espaços económicos, que assim tendem a fundir-se, acentuando a sua sobreposição às fronteiras nacionais dos actuais e próximos associados. A segunda, ao condenar a inexistência de instituições políticas democráticas num dos países membros, forçando praticamente o governo militar da Grécia a retirar-se do Conselho, pôs pela primeira vez de forma aguda no após-guerra o problema da incompatibilidade entre os princípios proclamados pelos regimes ocidentais e a persistência, neste mesmo ocidente europeu, de regimes em que esses princípios são violados.

Não havendo propriamente relação de causa a efeito entre estes dois factos, que se inscrevem cada um deles em órbitas diversas, a sua coincidência não deixa de constituir só por si um acontecimento em que há interferências recíprocas evidentes, por paradoxal que a alguns isso possa parecer. A história quase nunca obedece a uma lógica linear, e muito menos determinista, e não raramente vários problemas se lhe põem, por vias oblíquas, ao mesmo tempo, vindo acentuar contradições que permaneciam subterrâneas ou ocultas.

Sem pretender fazer aqui um comentário especificamente político das consequências decorrentes de uma tal coincidência, queremos apenas salientar estes factos como ponto de partida para algumas reflexões que transcendem o plano circunstancialmente imediato.

Se a realidade internacional mais recente por de mais nos habituou ao predomínio das razões de Estado e dos interesses das grandes potências — sejam eles económicos, estratégicos ou ideológicos — sobre o direito e a moral, criando, por vezes, a impressão da impotência das opiniões públicas perante factos consumados, como a guerra do Vietnam, a invasão da Checoslováquia ou o conflito do Biafra, para só citar alguns exemplos, poderia pensar-se que, num momento em que problemas económicos e financeiros prementes preocupavam os Governos dos países do Ocidente da Europa, e em plena euforia de um acordo em que não se pode, todavia, dizer que primassem os interesses dos pequenos povos ou simplesmente dos povos *tout court*, uma vez mais um povo oprimido como o da Grécia seria abandonado à sua sorte. Ora aconteceu — e para ter disso consciência bastará ter-se lido a imprensa internacional de todos os quadrantes políticos — que certos Governos sobre os quais «outro poder mais alto se levanta» tiveram que associar-se, finalmente, mesmo se com hesitações e reticências, ao movimento geral de repulsa perante a violação dos Direitos do Homem e das mais elementares normas democráticas pelos coronéis gregos. Os observadores e comentadores atentos, das mais variadas tendências, não deixaram de insistir no facto de que a primeira prova por que passava a Europa em fase de «consolidação» e de «abertura» seria a posição assumida perante a questão da Grécia. A contradição entre certos princípios e uma certa realidade vinham, assim, à tona: seria possível, na perspectiva de uma Europa não apenas económica mas política — e para já no seio de um organismo criado para defender o primado do direito e da democracia — tolerar um regime que se situa nos seus antípodas? A evidência dessa incompatibilidade intrínseca fez inclinar a balança no sentido da exclusão da Grécia, e foi numa última, mas demasiado tardia, tentativa para salvar a face, que esta abandonou o Conselho «in extremis».

Continua na página 8

Na passagem do ano



Prognósticos felizes para o ano 2000

Desenho de João Abel

## espelho da imprensa

### «O problema das rendas altas»

«Cônsolo de que a nossa Associação de há muito traçou caminho face ao gravíssimo problema habitacional supomos, todavia, que nunca será demais renovar considerações sobre tão importante assunto, dada a campanha fomentada nos meios «senhoriais-proprietários» para aumento de rendas de casa.

Acompanhando-a, portanto, na sua luta pelo bem-estar dos inquilinos portugueses e pela manutenção das rendas actuais, abordaremos o tema das rendas altas, que a maioria da população se vê obrigada e forçada a pagar por não ter outra saída para o conseguimento de uma casa de renda modesta.

Com efeito, verifica-se que muitas rendas em prédios novos e até em velhos (estes, passando por novos com uma ligeira ensaboadela pelo exterior), estão alcançando preços fantásticos, verdadeiramente incomportáveis para o nível de vida que se está operando. Sem reboço e sem vergonha pede-se por quatro assoalhadas, cozinha e casa de banho a «aliciente» e «bem modesta» quantia de 4000 escudos por mês!!!

É verdade, quatro mil escudos por mês!!!

Pergunta-se:

Estaremos ainda nos princípios do século XIX, nos tempos do famoso Pinhal de Azambuja?

Calcorreando Lisboa, interrogando porteiros e porteiras por que preço o senhorio do prédio aluga o andar ou andares vagos, logo a resposta vem pronta: — 3000..., 4000 escudos!!!...

Isto se diz porque os factos assim o demonstram e estão á vista.

Tudo supõe que esta situação habitacional não pode e nem deve continuar. O Governo, as Camaras Municipais e as demais entidades superiores têm o dever de conter esta maquiavélica e desenfreada especulação — especulação, aliás, que surge não só da parte dos construtores como também de proprietários-senhórios.

As rendas de casa e tudo o mais que constitui o bem-estar do cidadão, deve situar-se ao nível dos vencimentos de quem trabalha e tudo produz: — casas, fatos, calçado, etc., etc. Por isso, julgamos ser de salutar justiça aplicar-se um equilíbrio entre o que se ganha e o que se deve gastar, porque ganhar pouco e gastar 3000 ou 4000 escudos só em renda da casa é caminhar-se para a despersonalização do indivíduo, que a ninguém aproveita. É a ruína do cidadão.

Por tudo isto, urge colocar-se o problema da casa — a que todo o ser humano tem incontestável direito — no seu devido lugar: rendas compatíveis e aumento da produtividade da construção em condições higiénicas favoráveis, de maneira que todos os portugueses, sem distinção de classe, possam ter um lar condigno e livre do pesadelo da elevada renda da casa.

O contrário, poderá ser o imprevisível que está perturbando e inquietando toda a gente.

A. DIAS»

(Do Boletim da Associação dos Inquilinos Lisbonenses, de Dezembro de 1969).

### O vencimento que merece

«O Governo preocupa-se com os servidores do Estado e das autarquias locais, concedendo-lhes o que vai podendo, e preocupa-se, sobretudo, com o que espera deles e eles têm obrigação de não lhes recusar. Por motivos conhecidos, e de que já aqui nos temos ocupado algumas vezes, deu-se, nesta classe, durante os últimos quinze ou vinte anos, um abaixamento de qualidade, cujas consequências consideramos difíceis de reparar nos tempos mais próximos. Mas é indispensável repará-las e que a reacção para isso necessária não demore. O funcionalismo não dispõe, tão absolutamente como entende, do direito de justificar o desinteresse pelo seu cargo com a modestia da remuneração. Ao ser admitido, prestou juramento solene a que fica obrigado até á exoneração. Também era preciso que isto se não esquecesse.

A reestruturação dos quadros, a mecanização, a simplificação de processos constituem factores imprescindíveis para um maior rendimento dos serviços, mas a valorização profissional do funcionário é ainda o elemento principal. E há-de continuar a ser. Por isso, aquele que, aceitando uma função pública, trai, na prática, o juramento prestado, nem um vencimento pequeno merece. Quando se queixa, devia olhar, em primeiro lugar, para si e examinar, conscientemente, até que ponto terá contribuído com o seu desinteresse, as suas negligências e a sua errada noção dos próprios deveres e direitos para os entranhas que se opõem á concessão de mais substanciais regalias.»

(Do editorial de «O Século», de 28-12-69).

# ASSIM VAI MUNDO

### Sabedoria?

«Rockefeller concedeu uma bolsa ao director do Radical Theatre Repertory, o Open Theatre recebeu 65000 dólares da Ford, que subvenciona o New Lafayette Theatre, no coração do Harlem, o Negro Ensemble e o Chelsea Theatre, onde os artistas negros pregam a exterminação da raça branca.» (Do Monde)

Candura? Masoquismo? Sabedoria? Mescla de tudo isto? Outra coisa? Qual é a opinião do leitor?

### Moderno

O patronato moderno (U. S. A, Suécia, Alemanha Federal), prefere um sindicalismo forte, bem implantado nas empresas, com a função de despoletar pela negociação os conflitos sociais á nascença, transformando a luta das classes em relações contratuais periódicas, renegociadas entre a organização patronal e a dos trabalhadores. (Michel Bosquet).

### Prematuro

«São autênticos revolucionários ou barreiras dilatórias, Kerenskys do imperialismo norte-americano, para atrasar a revolução popular? Se são honestos e autenticamente revolucionários — poderão resistir á pressão dos grandes interesses dos Estados Unidos? Se estão ao serviço das oligarquias — poderão defender-se da pressão popular quando esta se sentir defraudada? Pronunciarmo-nos sobre qualquer destas questões é, natu-

ralmente, prematuro. Mas não faltará muito tempo para se desmascararem» considera Juan Aldebaran, a respeito dos «novos militares hispano-americanos, numa crónica recente da revista espanhola «Triunfo».

De facto, o que está a acontecer no Peru e na Bolívia não é muito claro, ainda que se esteja a tornar cada vez mais claro. (V. no último numero de «Mesa Redonda» o artigo sobre o Peru).

### Discos

A empresa húngara Kultura exportou, durante o ano corrente, cerca de 500 mil discos para cerca de cinquenta países, entre os quais os Estados Unidos, a Grã-Bretanha, a Itália e a França. Só com as obras completas de Bartok foram publicados dez discos.

### Milionários

Já uma vaga de contestação entre os milionários italianos. Entendendo que os impostos sobre o rendimento a pagar á municipalidade foram demasiado agravados, os nababos de Roma recusam-se a pagá-los. A lista dos contribuintes ricos mais descontentes comporta nada mais nada menos do que 390 nomes.

Entre os contestantes figuram o príncipe de Torlonia, a quem o ano passado foi aplicado um imposto sobre um lucro de 300 milhões de liras; os produtores de filmes Carlo Ponti e Dino de Laurentis; Sophia Loren; Gina Lollobrigida e muitos magnates da indústria e do comércio.

### Degradação?

A sra. Golda Meir, primeiro-ministro de Israel, declarou, segundo o jornal «New York Times», que o apelo dos Estados Unidos ao seu país se tinha degradado, numa política tendente a levar o Governo de Tel-Aviv a fazer a paz com os Estados Árabes. E a sra. Meir classificou de traição a política de qualquer Governo israelita que consistisse em aceitar a paz entre Israel e a Jordânia, com base nas propostas de Washington.

Até que ponto se deve atribuir este alarme do primeiro-ministro israelita ao resultado da conferência de Rabat? Uma forma de chicotear a opinião pública norte-americana?



## ASSIM VAMOS NÓS

### Quarenta anos...

O deputado e vereador da Câmara Municipal de Lisboa eng. Santos e Castro, na reunião municipal de 18 de Dezembro último, ocupou-se de novo da necessidade de apressar a construção da rede do Metropolitano, acentuando que «todos os esforços deverão ser mobilizados no sentido de lhe dar rápida realização».

Outra afirmação: «Por este caminho, está-se construindo um metropolitano, segundo um plano elaborado há vinte anos, que só estará concluído daqui a outros vinte anos. Isto quer dizer que estamos a executar um empreendimento que não serviu a geração que o planeou, não serve a actual e não servirá o futuro satisfatoriamente, pela desactualização, quando estiver concluído».



Sim, quarenta anos é muito tempo. Construir-se-á, mais uma vez, para ontem, e não para hoje e para amanhã, como se impõe. E também se impunha, quanto a nós, a actualização dos velhos projectos, que já suficientemente demonstraram uma visão acanhada e sem perspectivas do futuro.

### Derrota

No número anterior deste suplemento publicámos aqui algumas passagens de afirmações feitas, no almoço nacionalista de Aveiro, pelo chefe daquele distrito, subordinadas ao título «Vitória». Mas, pelo menos, parte da intenção com que fizemos tais transcrições cifrou-se numa «derrota», em consequência de uma «gralha» que totalmente deturpou o sentido de uma das frases. Assim, onde o dr. Vale Guimarães dissera: «dignidade não pode traduzir, e não traduzirá, para o adversário, minimização ou menos respeito por ele» saiu: «dignidade não pode traduzir, e não traduzirá, para o adversário...»

Com esta rectificação tentamos transformar a involuntária «derrota» na «vitória» que pretendíamos acentuar. Embora tais erros gráficos sejam de lamentar, estamos certos de que os leitores atentos se aperceberam da verdadeira intenção dos fragmentos transcritos.

### Emigrantes

No plano geral, aproxima-se do milhão e quatrocentos mil o número de portugueses espalhados actualmente pelo Mundo.

Na Europa, ultrapassou-se o meio milhão: todos eles saídos, praticamente, na década de 1960. A França absorveu 424 500 destes.

A reunificação e fixação de famílias, bem como a permanência do fluxo migratório, com rumo além-Pireneus, leva-nos a rever a ideia quanto á nossa emigração europeia, até agora considerada simplesmente temporária.

Para estudo e reflexão do caso migratório, o Episcopado português determinou que o dia 11 de Janeiro seja celebrado como o «Dia Nacional do Emigrante».

tem  
a  
palavra  
o leitor

# Acuda-se ao Ensino Técnico Profissional

A carta do nosso leitor Valdemar Quinta Ferreira, que publicámos no dia 5 de Dezembro, subordinada ao título «O esquecido ensino nocturno», teve o condão de activar a atenção por aspectos e sectores do ensino normalmente ignorados ou relegados, injustamente, para posições marginais. A seguir, inserimos o texto que, sobre o assunto, nos enviou, com pedido de publicação, o nosso leitor António Cabrita Marques, de Lisboa, cujos pontos de vista nos parecem de indiscutível interesse:

Com o título de «O esquecido ensino nocturno», e autoria do sr. Valdemar Quinta Ferreira, publicou «Mesa-Redonda» uma carta em que se focavam

as anomalias que se verificam nos cursos nocturnos do ensino técnico.

O «D.L.» em nota que põe a carta, diz que «é absolutamente desejável que o suplemento «M.R.» dedique a este aspecto do problema educacional a maior atenção», e aproveita para dizer, também, que o leitor não é inteiramente justo quando afirma que o assunto não tem merecido a atenção que lhe é devida.

Não se poderá negar que o «D.L.» não tenha dado certa atenção ao assunto, mas temos de concordar que o lamento daquele leitor é plenamente razoável. Simplesmente, eu desejaria que o problema fosse posto sob um ponto de vista muito diferente do do sr.

V. Q. F., esperando, por isso, que «M.R.» possa reservar espaço para estas notas.

## ATENÇÃO ESPECIAL AOS CURSOS NOCTURNOS

De certo que não sou a pessoa mais indicada para tratar deste assunto num jornal, mas, à falta de quem melhor se proponha fazê-lo, servime-me o melhor que puder da experiência que a frequência (precisamente em regime nocturno) do Curso Geral de Comércio me ensinou para expor aquilo que me parecem ser os verdadeiros males (alguns) de que enferma o ensino técnico (necessariamente, o ramo «comercial»).

Entendo, primeiro que tudo, que se deve, de qualquer forma, uma palavra de gratidão ao sr. Valdemar Quinta Ferreira, pois, não obstante só agora ter iniciado a frequência de um curso deste ensino, e perante a apatia de tantos e tantos seus colegas com mais obrigações de o fazer, por mais adiados no estudo e, por isso, porventura mais conhecedores das anomalias que os prejudicam, ter tido a coragem de vir junto do público dar a conhecer o problema.

Mas, com efeito, entendendo não ter o sr. V. Q. F. entrado bem no âmago dos problemas que afectam o ensino técnico. E, sobretudo, embora compreenda que se deve dar uma atenção especial aos cursos (aos alunos) em regime nocturno, acho que para este caso não interessa grandemente estar a distinguir entre cursos da noite e cursos de dia — está em causa, sim, o próprio ensino técnico.

Diz o sr. V. Q. F. que o aluno nocturno tem jus a «um trato mais carinhoso, como recompensa do esforço despendido» e é merecedor do reparo de alguém pelo «simples facto de um indivíduo trabalhar durante o dia, e à noite ir estudar». Não o negarei, mas pergunto: será isso, realmente, que mais nos interessa obter? Para mais, não serão, igualmente, merecedoras de carinho e atenção, tal como alunos, aqueles que frequentam cursos diurnos? Aliás (se bem que com uma diferença bastante significativa, claro) creio, até, que há hoje uma tendência educacional no sentido de o estudante ser simultaneamente operário, ou melhor dizendo, trabalhar, também, na especialidade para que estuda. É que lá virá o tempo em que será um encargo muito grande para um país (enfim, já o é hoje, evidentemente) manter durante anos e anos milhares de indivíduos que nada produzem...

## COMPREENSÃO E JUSTIÇA E NÃO O COMPAIXÃO

E bem verdade é que mesmo os alunos diurnos

se encontram também afectados por grande número de problemas mais importantes que dificultam o estudo aos da noite. (Pois, não são as condições das salas de aula, das instalações sanitárias, das salas de estudo, das relações entre professores e alunos mais ou menos idênticas para uns e outros?!).

Não é, pois, verdadeiramente, de compaixão (de carinho) que nós necessitamos — necessitamos, sim, é de: compreensão e justiça.

Porque, se falarmos em compreensão e justiça, sim, então teremos de perguntar onde isso existe quando tivermos presente que, representando, actualmente, os alunos do ensino técnico dois terços do total dos alunos do ensino secundário em todo o País (portanto, um terço, apenas, de alunos liceais), verificando-se, afinal, que estes, os liceais, após a conclusão do seu curso secundário têm à sua disposição toda uma série de caminhos para prosseguir (mas, diga-se em

economia, finanças ou contabilidade. Sabe-se bem que isso se deve em regra à sua baixa condição social, que lhe não permite seguir um curso mais oneroso. Daí que se não possa aceitar como razoável e dar-se-lhe apenas aquelas hipóteses para continuar os estudos. Demais, se houvesse nisto alguma dúvida lá estaria o facto de, mesmo com as grandes dificuldades que se lhes põem, muitos e muitos (se é que seja legítimo falar aqui em muitos e muitos!) alunos, preferirem o Instituto de Económicas em favor de outros cursos superiores — Direito, sobretudo.

## SUJEITAR O ALUNO A UM AMBIENTE INSUPORTÁVEL...

É este, sem dúvida, um dos maiores males dos muitos que complicam a vida do estudante do ensino técnico profissional. Dar-se-lhe remédio é uma necessidade premente e um acto de justiça.



abono da verdade, que ainda assim são bem insuficientes), nós, a grande maioria, que depois de concluídos os cursos secundários, e a fim de obtermos equivalência ao 7.º ano liceal, ainda temos de transitar para os institutos médios (em que em todo o País só há dois comerciais e três industriais) estamos limitados a um reduzidíssimo número de cursos médios-superiores (cursos de Contabilidade, Finanças, Economia — para o ramo Comercial; para os do Industrial a situação é sensivelmente idêntica, só que os cursos, como é evidente, são outros). Cursos de «Letras», «Direito», etc., estão fora do nosso alcance, ou, então, se quisermos mesmo frequentá-los teremos de nos sujeitar a grandes perdas de tempo, sacrifícios e dispêndio de dinheiro.

Porque, não devemos deixar de atender a isto: não é geralmente significativo o facto de um jovem começar os seus estudos pelo curso comercial (ou industrial, embora aqui o caso já não seja tão verdadeiro) pois isso não quer dizer que ele se incline para

Do muito mais a apontar há o problema da preparação de muitos professores, que em muitos casos já o são sem ainda sequer serem formados; há a falta de vocação para o ensino de muitos outros que como tal vão sujeitar os alunos a um ambiente insuportável, conduzindo-os muitas vezes a atitudes desagradáveis; há a falta de inspecção ao trabalho do professor, permitindo-se que este resvale para o desleixo e se dê a atitudes contrárias às boas regras educacionais. (Dou um exemplo: certo professor negava-se a responder a perguntas porque, dizia, não era para isso que estava na aula mas apenas para expor a matéria); há a péssima qualidade didáctica da maioria dos livros adoptados, não obstante, muitas vezes, haver outros sobre a mesma matéria bastante aceitáveis, rejeitados não se sabe por que estranha razão; etc., etc. E não se poderá deixar de dizer que o curso (comercial) precisa de ser completamente remodelado.

Pois será razoável que um aluno deste curso (em regime nocturno)

para ter entrada numa escola superior se veja obrigado a estudar, pelo menos, durante nove anos (e os de dia, oito) enquanto que pelo liceu essa condição é obtida com sete anos de estudo? Não parece que não fosse fácil modificar esta situação uma vez que a chamada Secção Preparatória para os Institutos (um ano, após a conclusão dos cursos) poderia deixar de existir, integrando-se a sua matéria nas disciplinas do curso. E acompanhando esta modificação uma outra que se impõe ser feita urgentemente: acabar com o famigerado exame de admissão aos institutos — um aluno que frequenta e conclui um curso que é o antecedente de outro necessitará de ser sujeito a provas suplementares? Isso é reconhecer a insuficiência do que se ensinou nesse curso! — Seria lógico que um aluno que completa o quinto ano do liceu, para ingressar no sexto tivesse de fazer, para além dos exames inócentes aque-

le ano, exames de admissão ao sexto ano?

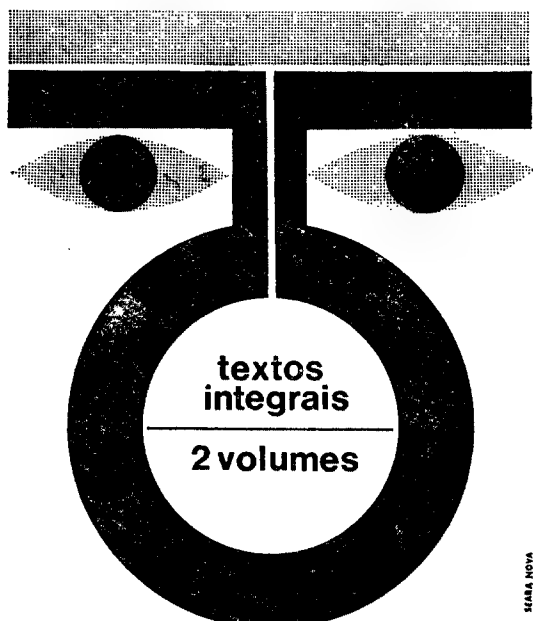
Mas, ainda assim, ainda que por razões de força maior (por razões do mal que já vem de trás) se tivesse que manter a chamada Secção Preparatória por mais alguns anos, o que urge fazer imediatamente é modificar a sua estrutura. Como está presentemente ela é olhada pelos alunos como um fosso que se colocou entre a escola e o instituto. Um fosso que amedronta e afasta a maioria dos pretendentes a ultrapassá-lo e submerge a maioria ainda dos que a tanto se aventuraram. Basta dizer que turmas que começam com quarenta alunos chegam a acabar com o irrisório número de cinco, e menos. Finalmente, os poucos que se apresentam à admissão ao Instituto ainda dão origem a notícias nos jornais em que se fala, como se falou agora, acerca da admissão ao Instituto Comercial do Porto, em reprovações na ordem, dos 90% Isto prova bem quanto é difícil a Secção e quanto ela está desvelada em relação ao baixo grau de aprendizagem.

Cont. na pág. 4

NOVIDADE "SEARA NOVA"

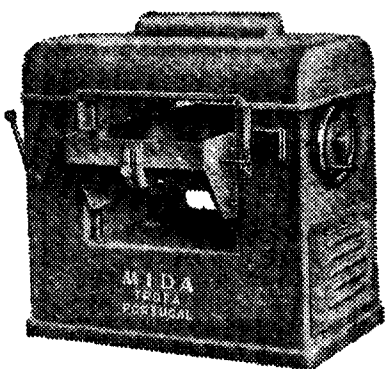
II Congresso Republicano de Aveiro

## TESES E DOCUMENTOS



obra fundamental de análise à vida portuguesa

«MIDA»



DESENGROSSADEIRA  
Mod. 510 - 610 - 810

UMA FABRICA ALTAMENTE ESPECIALIZADA NO FABRICO DE MAQUINAS PARA AS INDUSTRIAS DE:

- \* SERRAÇÃO
- \* CARPINTARIA
- \* MARCENARIA

Fábrica: — TROFA (Tel. 94923/4/5)

Filial em Lisboa:

Avenida Defensores de Chaves, 3-A (Telef. 44147)

# «Le Monde»: novo director —a mesma orientação



Jacques Fauvet

O jornal «Le Monde» completou 25 anos de existência no passado dia 19 de Dezembro. 25 anos na vida dura e agitada de um jornal onde a independência e a seriedade na recolha e no fornecimento da informação constituem as leis maiores.

«Le Monde» viu a luz num dia frio de Dezembro de 1944, quando as grilhetas das tropas invasoras mal haviam desaparecido entre os marcos esbatidos das raíças traçoelras. A França surgia da honra que toca o espírito de resistência e de luta ao inimigo dominador e sanguinário e logo se apossara da mente de alguns homens que se bateram na calada da noite a ideia de criar um jornal digno da cultura e das tradições francesas. Os colaboradores e os que vergaram o joelho e a alma diante do exército invasor tinham os dias contados por força da lei. Mas o próprio general de Gaulle reconhecia a necessidade para o seu país de ter entre os jornais a criar, um órgão que fosse a expressão da influência da língua francesa no mundo, do pensamento e das responsabilidades culturais da França. Um jornal como existem nalguns grandes paí-

ses, em casos naturalmente limitados pelas exigências que supõem.

Esse jornal nasceu sob a orientação esclarecida e lúcida de Hubert Beuve-Méry, com uma grande parte da Redacção e do equipamento que pertenceram ao antigo quotidiano parisiense «Le Temps».

Porque queria ser economicamente independente e sacrificar apenas no altar da Verdade e do serviço público, nasceu pobre e teve de fazer apelo à coragem, à vontade intrépida e à abnegação dos seus redactores. Os primeiros anos foram de sacrifício material, de construção séria e sólida de um futuro e de um prestígio de que só a confiança e a adesão dos leitores podem ser garantes. Essa confiança e essa adesão foram conseguidas no decurso destes 25 anos. A prova está a atitude de um grupo de leitores que em determinado momento de crise se associaram e se quotizaram para colocar ao dispor do jornal os fundos de que este pudesse vir a necessitar para continuar a servir, na independência e na integridade de processos a causa da informação. Não de uma informação qualquer, mas de um jornalismo sério, documentado, rápido, especializado e completo. A prova o prestígio do jornal está, também, a curva ascendente da sua tiragem. «Le Monde» tinha em 1945 uma tiragem diária de 108 mil exemplares e tira agora cerca de 470 mil exemplares.

O corpo redactorial (agora constituído por 141 jornalistas profissionais) lançou-se à tarefa de elaborar um jornal de características inconfundíveis e de conteúdo sólido, pela minúcia de informação e pelo detalhe de elementos interpretativos. Dominado por estes objectivos, não perdeu nunca a cons-

ciência do papel que desempenha no quadro da Imprensa francesa e da Imprensa internacional. Mostrou-o em 1951 aquando de uma crise surgida no seio da empresa que levou à demissão de Beuve-Méry. A ameaça da solidiedade da Redacção com o seu director e do não-aparecimento do jornal, levou a constituir-se uma sociedade de redactores. Essa forma de participação na sociedade comercial proprietária do «Monde» alargou-se mais tarde com a criação de mais duas sociedades: uma de funcionários e outra de empregados. O sistema tem sido valorizado pela

introdução de sucessivos aperfeiçoamentos aconselhados pela experiência. E a fórmula logrou estender-se a numerosos quotidianos franceses, tanto de Paris como de cidades de província.

A comemoração do 25.º aniversário coincidiu com a mudança de director. Beuve-Méry passou o leme da grande barca a Jacques Fauvet, que era o chefe de Redacção e seu braço direito. Por determinação da sociedade anónima, tomada em assembleia geral extraordinária, o nome de Hubert Beuve-Méry continua a figurar no cabeçalho do jornal como seu fundador. E não

só o nome. Também a experiência e o conselho válido e fundamentado de Sirius foram prometidos por Beuve-Méry no encontro de confraternização que assinalou a passagem das bodas de prata.

Jacques Fauvet constitui uma garantia de que «Le Monde» manterá a orientação seguida até agora e de que perdurará o critério na escolha dos seus jornalistas e colaboradores. E não só o critério de escolha, como o ambiente de trabalho e de relações. Um ambiente onde vigora o respeito mútuo, a disciplina, o sentimento de responsabilidade e de serviço atento e dedicado.



H. Beuve-Méry

o culto e a busca constantes da verdade, a emulação que se baseia no estudo, no esforço incessante de valorização, na inteligência, na cultura, no reconhecimento e na admiração do talento.

JOÃO GOMES

## Tem a palavra o leitor

Cont. da pág. 3

que se faz no curso. Parece, pois, que haveria que diminuir as matérias naquela e alargar as das disciplinas respectivas integrantes do curso — se outra solução melhor não fosse encontrada...

Bem, tenho presente os limites de espaço do jornal e compreendo não dever alargar-me muito mais nas minhas considerações. No entanto, ainda desejaria chamar aqui a atenção para o seguinte: os alunos do liceu, caso queiram continuar os estudos para além do 5.º ano, podem-no fazer até ao sétimo em grande número de cidades (e creio que até em muitas vilas) por esse País fora — com regozijo o digo! — mas nós como já frisei, apenas o podemos fazer em Lisboa e no Porto (em

Coimbra, também, para os «industriais»). Isto é uma desigualdade gritante, tanto mais de realçar quanto é certo que é precisamente o aluno do ensino técnico que menos pode suportar a sua estadia prolongada numa daquelas cidades, quando nelas não habita.

Enfim, Roma e Pavia... mas há necessidades que tardam de mais, e a criação de institutos comerciais e industriais pelas diversas capitais de distrito (pelo menos) está a demorar demasiadamente. É que se o Povo quer cultura, ela deve ir ao seu encontro, pois de outra forma não será possível elevar o seu nível de vida.

Lisboa, 16 de Dezembro de 1969.

a) António Cabrita Marques

## o banco para toda a gente



Todos os caminhos vão dar ao banco. O banco tem todos os caminhos para lhe dar.

A poesia do banco é o dia-a-dia de quem passa e descansa no BANCO...

O BANCO PARA TODA A GENTE.

O BANCO renovou-se, modernizou-se, apetrechou-se de forma a poder oferecer TÉCNICA MODERNA.

Criou para si, qualquer que seja a sua profissão, o seu ramo de comércio ou indústria um SERVIÇO PERSONALIZADO.

Para a resolução do seu problema a nossa RAPIDEZ DE DECISÃO.

Não esqueça... EXISTIMOS PARA O SERVIR.

# BANCO FONSECAS & BURNAY

o banco para toda a gente

# A criança e o livro

**Conclusão da mesa-redonda efectuada na Cooperativa Ludus e na qual tomaram parte António Torrado, Calvet de Magalhães, Lília da Fonseca, Mário Castrim, Matilde Rosa Araújo e Rui Grácio. Interviú como moderador Correia da Fonseca**

RUI GRÁCIO — Parece que não temos razão para recusar o maravilhoso, ainda que esse maravilhoso nos pareça absurdo do ponto de vista de uma verosimilhança natural e científica. Seja qual for a idade, o homem compraz-se no maravilhoso. Nós adultos podemos sorrir desse maravilhoso, mas se tiver qualidade artística e humana, nós sorrimos com prazer e proveito. Recordo, por exemplo, uma novela de Marcel Aymé, que talvez não seja um escritor de primeira fila, mas é, sem dúvida, um escritor de qualidade e dotado de uma imaginação descaída. Numa novela, ele conta-nos que um grupo de pessoas vai por um jardim e a páginas tantas encontra... um centauro. Eu sei que não há centauros, mas achei, no contexto da novela, o episódio delicioso.

A criança, mais empenhada e empolgada do que nós, que nos distanciamos do maravilhoso, lê, vive, saboreia aquilo que lê, embora ela saiba — frequentemente — que não é possível, que não é crível. Mas lê com gosto. Entra no jogo.

**CORREIA DA FONSECA** — Neste debate luto, com um reflexo pessoal quase involuntário: não é verdade que pela janela por onde entram as fadas, entram todos os restantes mitos? Também posso formular a pergunta de outro modo: — Não é verdade que uma certa literatura infantil do fantástico foi consequência próxima de escritores de ideologia reacçãoária, ao passo que uma literatura infantil que parte ao encontro da vida criticamente vivida é criação de escritores desligados de ideologias reacçãoárias?

**MATILDE ROSA ARAÚJO** — Assim se pensou, em par-

te, na U. R. S. S., mas, pelo que sei, talvez por se considerar que já não constituiria uma ameaça, actualmente os escritores russos para crianças estão tentando arrepiar caminho. Histórias infantis, desenhos animados, filmes e peças de teatro para crianças estão



Rui Grácio

a aproveitar o tema inesgotável da tradição popular, onde o maravilhoso desempenha o principal papel.

## ● O MARAVILHOSO NOS CONTOS TRADICIONAIS

**CORREIA DA FONSECA** — Talvez seja fácil confundir o maravilhoso considerado abstractamente, como processo, e as obras concretas em que se realiza. Talvez me deva defender dessa confusão que me assalte. Eu diria que não é o maravilhoso que é condenável, mas a utilização que dele se faz. O escritor pega no maravilhoso para quê? Para con-

tar á criança histórias de facilidades quase imorais, de varinhas de condão que pactuam com a preguiça ou a estimulam, ou para contar ás crianças histórias que as crescentem? Nenhum maravilhoso será demasiado para levar a criança a amar a paz, a desejar crescer interiormente, a transformar-se num poeta perante o mundo... O maravilhoso como processo e os efeitos do maravilhoso em determinadas obras, averiguadamente nefastas, é que poderão dar origem a confusão. Mas que essa confusão possa acontecer já me parece um sinal de perigo.

**MÁRIO CASTRIM** — Temos-nos colocado numa posição de hostilidade em relação aos contos tradicionais que, á luz de um critério tocado de racionalismo, reprovamos. Pois bem. A mim não me parece, num ponto de vista pragmático, que os contos tradicionais tenham dado resultados desastrosos ao longo dos séculos. Parece-me antes que provaram a sua eficiência através da aceitação pela infância de imensas gerações.

**LÍLIA DA FONSECA** — Não sabemos. Se queremos contribuir para a melhoria do mundo futuro, temos de proceder de maneira diferente. O que sabemos nós da semente que certos contos lançaram na vida de muitas crianças? Os resultados, esses conhecemo-los. Certos contos que consideramos clássicos, embora tenham sido escritos pelo escritor A ou pelo escritor B, que conquistaram o nome através das idades, devem ser excluídos da literatura infantil do nosso tempo. Temos de seleccionar os contos tradicionais em função de um novo critério sobre o maravilhoso.



**ANTÓNIO TORRADO** — Se por esse critério de saneamento da literatura infantil tivéssemos de rejeitar a «Alice no país das maravilhas», o «Feiticeiro do Oz», os livros de Monteiro Lobato ou de Selma Lagerlöf, eu pediria que não contassem comigo. Sei que assim não é. A renovação da literatura infantil tem de partir de nós, dos que escrevem, sem perdermos de vista a exemplaridade de alguns belos livros que



Calvet de Magalhães

ocupam lugar de direito tanto na História da Literatura Infantil como na História da Literatura.

**MATILDE ROSA ARAÚJO** — O maravilhoso pode ser uma riqueza ou uma pobreza. Como receita fácil pode ser uma pobreza, um expediente que vai limitar muito a fantasia da criança. Essa receita fácil existe á mão de muita gente que tenha um determinado «jeito» para escrever e nós sabemos os resultados. Mas também temos livros adstritos á realidade, jogando com um certo didactismo para a criança através da realidade que não deixam de ser também receita fácil. De certa maneira também são pobreza.

É uma questão de qualidade, qualidade no encontrar ou na verdade ou na fantasia (preferia chamar-lhe mitificação do que é real) um caminho de conhecimento de sensibilização da criança, de abertura, correspondendo ao desejo que a criança tem de tudo imaginar, de tudo recriar em si, desejo de a tudo dar uma forma sua, o tal paraíso de que os adultos fazem uso... e abuso.

**CALVET DE MAGALHÃES** — A literatura representa um modo poderosamente

educativo para cultivar o amor, a liberdade, a esperança, a poesia viril, séria e alegre, as qualidades humanas mais puras; isso basta para se criar uma qualidade. Não vejo que seja necessário, propositadamente, engendrar o maravilhoso. Concorro com a Matilde, é uma questão de qualidade, tanto pode ser rico como pobre. Simplesmente considero que uma preocupação obstinada, uma forma unilateral de enriquecer as qualidades humanas não respeita o autêntico interesse criado que é necessário estimular nas crianças.

**ANTÓNIO TORRADO** — Na exigência de uma literatura infantil de qualidade estamos todos de acordo. Creio mesmo que, por essa via, poderemos atingir a unanimidade acerca da intervenção do maravilhoso nas histórias para crianças. Porque está tudo no fazer, no como fazer. No meu caso, para levar a criança a participar na história, sem explorar a sua credulidade incondicional, procuro chamar, pela oralidade da narração, a criança a inventar a história comigo, a participar com o autor no maravilhoso do acto da criação. Nós, autor e leitor, estamos

Cont. na pág. 10

## uma paisagem sobre o futuro

### EDIFÍCIO PANORAMA

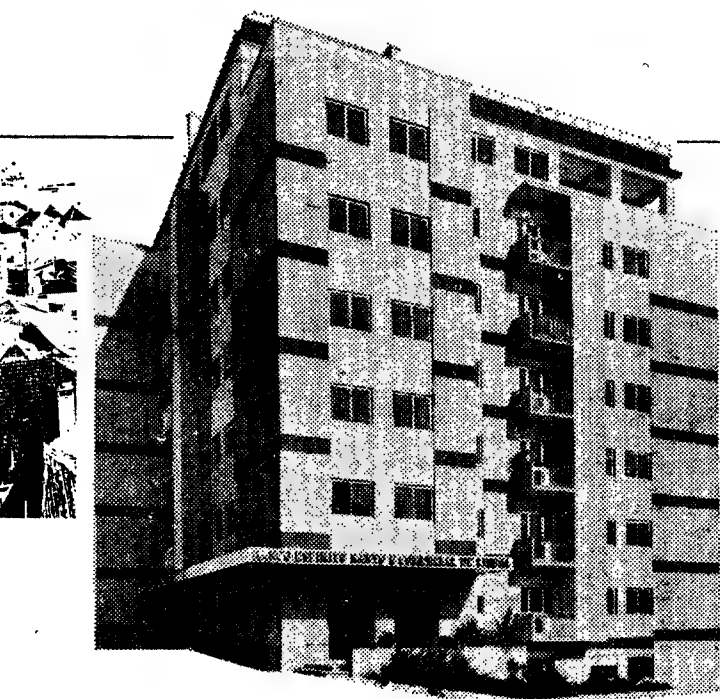
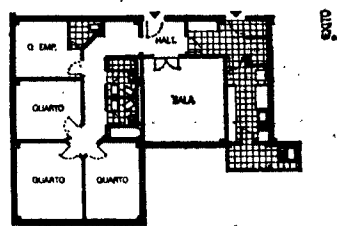
Um panorama para o futuro do seu capital



EM PAÇO DE ARCOS

UMA VALORIZAÇÃO RÁPIDA DO SEU CAPITAL

- EXCEPCIONAL LOCALIZAÇÃO
- JARDIM INFANTIL PRIVATIVO



EDIFÍCIO PANORAMA Propriedade construída pelo Eng. civil J. J. Luz ■ Av. Senhor Jesus dos Navegantes (Junto à Igreja Nova) PAÇO DE ARCOS

# Realidades

EST

António Campos durante as filmagens de «A invenção do amor»



O que é, como se processa e que função desempenha hoje o cinema amador em Portugal? Eis uma questão insuficientemente debatida, mas que, dado o crescente número daqueles que dedicam ao cinema uma boa parte dos tempos livres, justifica um debate que clarifique os seus limites, as suas possibilidades e, sobretudo, de onde se parta para uma revisão do esquema em que, até agora, tem vivido o cinema amador.

Dada, porém, a multiplicidade de vias que se oferecem ao cinema amador, tanto no que respeita aos seus objectivos, como aos meios de o empreender, convém definir o âmbito a que esse cinema se deve

ou pode circunscrever e lançar as bases teóricas para a criação efectiva das estruturas que o arranquem da mediocridade a que, quanto a nós, e salvo poucas excepções, está votado.

Mais do que delinear a especificidade do cinema amador, importa socializá-lo, isto é, fazer dele agente de cultura cinematográfica em geral, pela inserção em organismos autogeridos que o apoiem e divulguem, proporcionando aos seus cultores as facilidades que só com o concurso de todos podem alcançar.

O cinema amador não se caracteriza exclusivamente por viver à margem do cinema-indústria, nem tão pouco se lhe podem atribuir

limites passáveis da capacidade de intervenção em meios possíveis.

Funda-se que o cinema amador deve evitar a economia da produção cinematográfica, veiculando um carácter de produção e de

Assim, um cinema das periferias nos opor menor

## A TELEVISÃO NAS AMÉRICAS

# O mais influente meio de propaganda

A Televisão converteu-se, na última década, no mais importante órgão de difusão dos Estados Unidos. As agências publicitárias e os especialistas concordam em que esta é a forma mais penetrante e influente que se pode utilizar com vista à propaganda e à formação de uma atitude. Os estudos acerca da opinião pública indicam que para a maioria dos norte-americanos a Televisão não só constitui uma forma de entretenimento como um meio essencial na obtenção de informações. Wilson Dizard afirmava no seu livro «Televisão: Uma Opinião Mundial», que mais do que qualquer outro meio, a Televisão tem o poder de identificar e de definir o nosso ambiente. O seu poder para atrair a atenção de milhões de pessoas, durante largos períodos de tempo, supõe algumas consequências políticas. O sentido desta observação atinge um significado tanto maior se atendermos ao facto de o poder que controla os meios de comunicação, tanto nos Estados Unidos como na América Latina, estar concentrado nuns quantos homens e em suas empresas. Como as possibilidades de um programa de televisão dependem, consideravelmente, dos anúncios, existe uma poderosa competição entre algumas cadeias de Televisão a fim de obter com estes a maior audiência possível. Assim, o objectivo de utilizar a Televisão com fins culturais e sociais seria naturalmente prejudicado. Todos os meios de difusão (Televisão, Rádio, Imprensa periódica, etc.) propagam um conteúdo político. Além das imagens e das notícias que apresentam, tal conteúdo vale pelos que são sonogados. Não existe, na prática, qualquer suposta diferença de orientação política entre as três maiores cadeias de Televisão dos Estados Unidos (ABC, CBS e NBC).

### GRANDES LUCROS

O desenvolvimento da Televisão na América Latina passou por diferentes fases. Os países importantes e mais desenvolvidos como a Argentina, o Brasil, Cuba, o México e a Venezuela encetaram o processo no princípio dos anos 50, principalmente com o capital de capitalistas crioulos. Os investimentos iniciais foram consideráveis e os lucros obtidos foram maiores do que aqueles a que os capitalistas latino-americanos estavam acostumados; tais empresários compreenderam, no entanto, que a Televisão permitia lucros não só em termos monetários como também na qualidade de um mecanismo capaz de moldar

as opiniões e de aliviar, através da diversão, as frustrações do povo.

Existem duas razões básicas devido às quais as proprietárias dos meios de difusão dos Estados Unidos não fizeram importantes investimentos durante os primeiros tempos da Televisão na América Latina. Primeiro, as facções conservadoras da comissão de directores das empresas proprietárias duvidavam de que na América Latina existisse um mercado suficientemente grande para que os resultados fossem positivos. Argumentavam que os próprios latino-americanos deveriam correr os riscos iniciais. Se a Televisão fosse capaz de obter a necessária audiência nesses países subdesenvolvidos do Sul então as companhias norte-americanas (CBS, NBC, ABC) participariam.

A segunda e provavelmente a mais significativa das razões pelas quais estas companhias não fizeram investimentos nos primeiros tempos da Televisão latino-americana explica-se pela estrutura económica do sistema capitalista americano. Mais ainda: na década de 50 a indústria da Televisão não tinha uma necessidade económica que a estimulasse a expandir-se nos mercados estrangeiros.

Durante essa década, continuava a desenvolver-se o mercado da Televisão. O povo norte-americano exigia mais televisores e mais programas. As estações locais de televisão necessitavam de equipas especializadas e de assistência técnica. Também havia carência de patrocinadores e, por isso, enviavam as agências publicitárias ao encontro dos clientes, que aguardavam com ansiedade. Por último, nos fins dos anos 50 e princípios de 1960, a procura declinou. O mercado de aparelhos de televisão e outras equipas de programação e transmissão começou a saturar-se; a produção de programas e de películas fazia-se a preços muito elevados. Era evidente para os empresários responsáveis pela produção de lucros que a única forma de resolver este problema consistia em aumentar a distribuição dos programas de Televisão. Já em 1960, a América Latina demonstrou às empresas proprietárias de meios de difusão norte-americanas que era terreno seguro e frutífero.

### INTERESSES COMERCIAIS

A presença crescente das companhias norte-americanas provoca um ímpeto renovado na vida da Televisão na América Latina que, na realidade, estimularia o uso

da TV para vender os seus produtos (através de anúncios).

Os investimentos directos privados norte-americanos na América Latina aumentaram de 4,4 biliões de dólares em 1950 para 11,5 biliões em 1966. Em 1967 os Estados Unidos exportaram para a América Latina produtos no valor de 4,1 biliões de dólares.

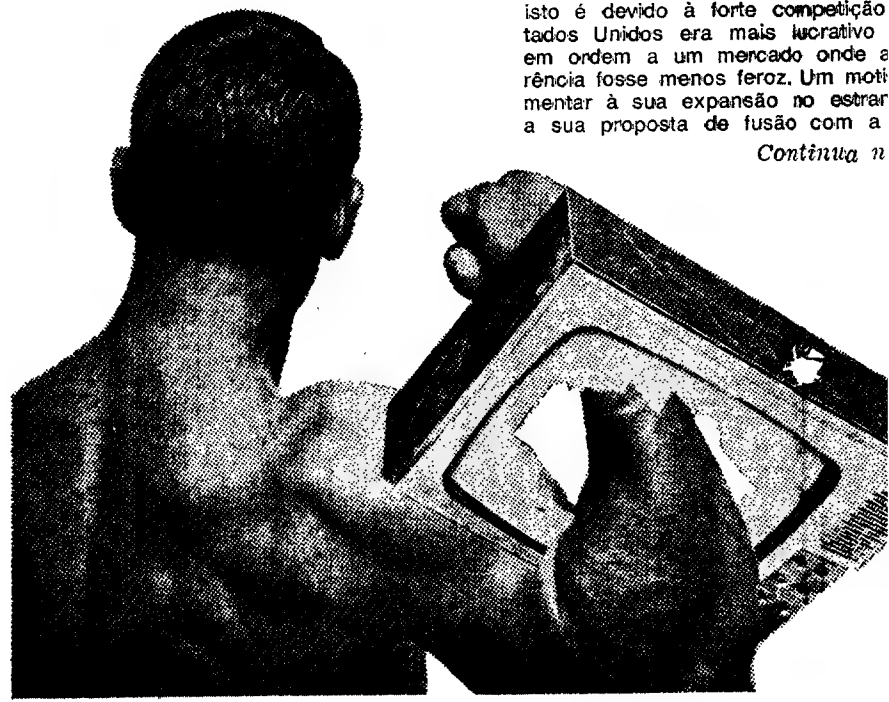
Apesar do desenvolvimento dos sistemas de Televisão nos seus países, levado a cabo por homens de negócio latino-americanos, estes foram sempre influenciados, e frequentemente limitados, pelas indústrias de aparelhos electrónicos e de meios de difusão dos Estados Unidos.

Os materiais de programação, a assistência técnica e os televisores vinham dos Estados Unidos. Muito mais importante porém é o facto de, atendendo ao custo assaz elevado do uso dos meios disponíveis, cerca de 80 por cento dos programas apresentados na América Latina serem produzidos nos Estados Unidos (tal como «The Flintstones», «I Love Lucy», «Bonanza», «Route 66», etc.). Os realizadores iniciais de Televisão na América Latina

puseram em relevo as possibilidades de difusão no domínio da Conto, uma vez começadas as suas, a Televisão educativa foi de Dizard afirmava que «a história» ções de Televisão dos países envolvidos são dirigidas, directa ou mente, por interesses comerciais. cialmente, estavam interessados ter solventes as suas empresas. gramas educativos constituíam um limitava os meios de que dispunha produzir dividendos».

A ABC, uma das três cadeias de visão de maior importância nos Unidos, foi a pioneira da penetração no mercado estrangeiro, através da s nização internacional Worldvision Mundial) — uma série de estações ciais de Televisão no estrangeiro, quais a ABC realizou investimento cil explicar o começo da primazia no campo internacional, pois é ec mente mais débil do que a NBC e a CBS, além de ser a menos por três mais importante cadeias de dos Estados Unidos. É provável q ciação de se expandir no estran tenha baseado nestas mesmas li isto é devido à forte competição tados Unidos era mais lucrativo em ordem a um mercado onde a rência fosse menos feroz. Um moti mentar à sua expansão no estran a sua proposta de fusão com a

Continua n



# es e perspectivas do cinema amador

ESTUDO ELABORADO PELA SECÇÃO DE CINEMA DO ATENEU DE COIMBRA

limites congénitos inultrapassáveis, pois depende só da capacidade empreendedora daqueles que por ele se interessam, conseguir os meios que ampliem as suas possibilidades.

Fundamentalmente, para que o cinema amador não deixe de o ser, basta que evite obediência às regras da economia mercantil; mas pela própria existência do cinema profissional ele deve desempenhar uma função bem diversa, ganhando um carácter peculiar quanto à produção, à distribuição e ao público.

Assim, podemos visionar um cinema amador isento das peias do cinema profissional, com certeza menos opulento, mas não de menor significado cultural.

Pense-se, por exemplo, no teatro amador, (ressalvando, desde já, o vício da competição e equiparação com o teatro profissional, que desejariamos não ver nunca transferido para o cinema amador...).

Num país em que o cinema profissional está limitado pelas malhas apertadas dos interesses capitalistas e sendo na maioria de importação, fica aberto um vasto campo ao cineasta amador para a criação de um cinema de raiz nacional, sobretudo pela realização de um inquérito aos nossos problemas, mas também pela aquisição de uma experiência individual e pela divulgação do cinema junto de grandes camadas para as quais ele ainda é inacessível: referimo-nos, sobretudo, aos meios rurais, mas também às pequenas vilas e cidades onde está por chegar um cinema que humanize consciencializando, distraia humanizando.

Eis, portanto, em traços gerais, a perspectiva em que gostaríamos de ver enquadrados o cinema amador.

## Os Festivais de Cinema Amador

Os festivais são a manifestação pública mais importante do cinema português de amadores. É por isso que vamos partir deles para a análise que nos propusemos fazer do cinema amador. Desde logo nos merece algumas considerações a constituição dos júris, pois nos parece que, salvo algumas excepções, a sua formação obedece a critérios que não têm em conta exclusivamente a valorização artística dos filmes apresentados. Será por isso que os críticos estão ausentes dos júris dos festivais? A título de exemplo cite-se a constituição do júri do Concurso Nacional de Filmes de Amadores de 1968, organizado pelo Clube Português de Cinema de Amadores (C. P. C. A.), «membro permanente da U. N. I. C. A. (União Internacional de Cinema de Amadores)»: «Ex.<sup>mos</sup> Senhores Dr. Félix Ribeiro, Director da Cinematoteca Nacional, que presidiu, Vitoriano Rosa, da Revista Plátela, Eng.<sup>o</sup> Lemos Pinheiro, do C. C. B. (Cine Clube da Beira), Rogério Ceitil, do C. G. A. (Clube Galitos de Aveiro), Carlos Mascarenhas de Azevedo, da Revista Cinema de Amadores, Júlio Rabaca e Dr. Francisco Alves da Costa, do C. P. C. A. (Clube Português de Cinema de Amadores). Fizaram também parte do apuramento de classificação e pontuação os Senhores Coronel Luciano Alves e António Bernardo, respectivamente presidente e secretário-geral do Clube Português de Cinema de Amadores, Mário de Aguiar, da Revista Plátela, e Capitão Baptista Rosa, da Radiotelevisão Portuguesa.» (1) A citação é longa, como numeroso é o júri. Mas valeu a pena pelo esclarecimento que nos oferece.

Quanto aos regulamentos dos festivais nacionais, há que salientar um pormenor curioso: a inserção de uma norma que permite ao júri

«excluir os filmes que, pelo seu conteúdo, ofendam a moral ou envolvam propaganda política.» (2) Qual o alcance desta cláusula? Não o sabemos. Verifica-se, todavia, a sua inexistência nos regulamentos dos festivais internacionais, mesmo quando realizados em território português. (3) E até se conhece o grau de independência que costuma acompanhar estas exclusões. Mas continuemos...

Pelo número de festivais que se realizam poder-se-ia pensar que se estavam lançando os fundamentos de um cinema digno desse nome, razão porque todos poderíamos dormir descansados: a seu tempo, o cinema amador não deixaria de dar os seus frutos, como resultado do aperfeiçoamento de uma aprendizagem técnica e de uma bagagem cultural que incluiria um conhecimento das funções e objectivos da obra de arte em geral e do cinema em particular.

Ora, na verdade, o panorama que se nos apresenta é bem diferente. Em regra, para o cineasta amador o cinema é um *hobby*, um passatempo caro, convenhamos, colocado num plano igual ao do comboio eléctrico que o burguês instala em sua casa. É, pelo menos, esta a impressão que colhemos dos festivais a que tivemos a ocasião de assistir, concretamente o que resultou de uma iniciativa da Federação Portuguesa de Cinema de Amadores (em formação). De resto, este último festival, ou melhor, a sessão organizada para projecção dos filmes e entrega dos prémios, foi justamente uma ilustração da perspectiva assumida pelos cineastas amadores. Tratou-se de uma reunião em família, com os cumprimentos respectivos, os sorrisos, o encontro de pessoas onde se adivinhava um convívio frequente. Não temos conhecimento que do programa do festival fizesse parte qualquer sessão de estudo dos filmes apresentados, ou discussão dos problemas inerentes à situação do cineasta amador. Tem interesse atentar, todavia, numa afirmação do relatório do Júri, lido por ocasião da entrega dos prémios, em que se dizia: «os temas do cinema amador, não se podem desenvolver no cinema comercial.» Estamos perante um cinema predestinado?

## O Cinema Amador, os Cineclubes e a Crítica

Traçado em linhas gerais o perfil característico do cinema amador, incluindo as iniciativas que o divulgam e que até certo ponto o definem, importa vermos porque se chegou a esta situação e quais as possibilidades de a superar.

Antes de mais nada, há que assinalar o divórcio existente entre o cinema amador (e os seus organismos representativos) e o movimento cineclubista, votado à divulgação do cinema profissional e de autor. A raiz desta divergência pensamos vê-la na posição que o cineclubismo foi levado a tomar, logo de iní-

cio, face ao que se afigurava mais urgente: divulgar o melhor cinema, na medida do possível, salvando-o do anonimato das sessões comerciais, estudá-lo, criar um público interessado e esclarecido que permitisse às agências distribuidoras, salvaguardando o respectivo lucro, a importação de obras de melhor qualidade. Estes os objectivos, ditados pela situação concreta do cinema em Portugal, aquando do início do movimento. Quanto a nós, são incalculáveis os benefícios desta orientação e, a tal ponto, que se não pode pensar uma história do cinema em Portugal que não inclua o cineclubismo, que não analise as suas repercussões que vão até à constituição de um núcleo de autores e de críticos que colocam, apesar de tudo, o panorama actual do cinema português num plano qualitativamente superior àquele que forçosamente seria sem a acção dos cineclubes. Isto porque, para nós, são bem concretos os seus efeitos.



Uma imagem do filme «Uma balida às raposas»

Na altura da formação do movimento cineclubista, já existiam em Portugal organismos de cinema amador, e, tendo em conta a complementaridade das suas actividades que, em última análise, visam fins comuns, parece-nos estranho não se ter assistido à fusão e integração destes organismos num único movimento que, tivesse por objectivo a dignificação do cinema. Mas a esta via, e no âmbito do cinema amador, preferiu-se a da criação de organismos de cúpula que o promovessem e divulgassem mas que acabaram por não intervir directamente na formação dos cineastas. Eis porque a sua acção educativa foi diminuta e acidental, pelo que se não pode falar de um movimento onde está ausente a intenção de criar estruturas de base.

O cineasta amador é um herói que faz filmes como pode e o melhor que pode e depois os envia aos festivais. Chegado aí, pode ser ou não premiado, ser ou não elogiado. Raramente analisado. E quanto a ser acompanhado no seu traba-

lho, é preocupação que não faz parte das coordenadas por que se regem os organismos existentes.

Passaram-se os anos. Hoje os cineclubes, sobretudo os da província, encontram-se perante uma situação de crise e são já sensíveis às tentativas de autocritica que levem à sua reestruturação. Se é certo que ao cineasta amador, afastado dos grandes centros, falta apoio eficaz, é o momento oportuno para que os cineclubes incluam nos seus futuros esquemas de acção a promoção na base do cinema amador, sem dispensar a necessária acção formativa essencial. Constituir equipas de cineastas, se põe problemas de organização, irá no entanto enriquecer imenso as possibilidades até agora, na generalidade, tão limitadas do cinema amador. Julgamos que a definição de objectivos, a reunião de fundos para a produção, a utilização do material por um maior número de pessoas, a exibição dos filmes para

nema amador? Haveria todo o interesse que se fossem destacando os autores mais capazes e se analisasse a sua obra. Além da sempre necessária crítica global, evitar-se-ia o preconceito de que o cinema amador é necessariamente igual a cinema de segunda.

## Os cineastas

Dentro do cinema português, é sem dúvida o de António Campos aquele que tem sido mais discutido e analisado, embora não participando, talvez significativamente, dos festivais. Na verdade, parece-nos ser este o realizador mais dotado e com uma obra sem paralelo em Portugal, não só pela intuição cinematográfica que está na base dos seus primeiros trabalhos, a que se seguiu um estudo e pesquisa que lhe abriram outras perspectivas, mas pela observação rigorosa da realidade, um autor que persegue e regista algumas das nossas contradições, os motivos de pensarmos e

um público interessado e a acção crítica conjunta podem ser de tal eficácia que não é difícil admitir podem tornar-se a base de um cinema de inestimável valor cultural e cívico. Isto porque o alargamento de temática fortemente enraizada nos problemas colectivos, regionais e nacionais, indicará o caminho de uma consciencialização que permita superar esses mesmos problemas e adquirir uma visão progressiva da arte e da sociedade. Neste sentido ganha uma urgência nova a efectivação do maior número de sessões fora da sede, numa tentativa que tem sido, por vezes, dificultada, de uma abertura a sectores pouco interessados pelo cinema, para os quais ele não representa ainda um factor de cultura de enorme importância.

E não queremos finalizar este capítulo sem atender a outro aspecto que reputamos também fundamental: porque razão os críticos de cinema de maior audiência (e até os outros) não se debruçam sobre os filmes exibidos nos festivais de ci-

agirmos em relação aos factos, aos acontecimentos quotidianos do homem.

Depois dos seus dois filmes de 8 mm («O Tesouro» e «O Senhor») onde já se adivinhavam as suas qualidades de documentarista, pois a acção não raro é motivada pela ambiência socio-geográfica, típica de certas regiões do país, em estúdio de acentuado atraso, António Campos realiza em 16 mm aquele belo filme «Almadra da Ateneira», que alguém comparou já à famosa película «La Terra Trema», de Visconti. Trata-se dum fresco notável sobre a pesca do atum, as relações entre o pescador e a empresa, o círculo apertado à volta do homem, aludido e ofendido por uma exploração que nada lhe consente. Aqui já António Campos evidencia uma dinâmica focal que surpreende, a obstinação com que enquadra o homem e o implica nas imagens. Depois disto, só alguns planos de «A Invenção do Amor» (o último filme que dele vimos)

Cont. na pág. 8

## Uma certa ideia da Europa

Continuação da pág 1

Qualquer que seja o efeito que esta decisão tenha sobre a evolução da realidade grega — e ela acentuará, fatalmente, o isolamento de um regime militar que constitui um anacronismo entre as nações europeias, como o não pode, aliás, deixar de ser qualquer regime autoritário — criou-se, assim, um precedente que, certamente, desencorajará todos os que alhures procurem seguir o exemplo dos coronéis helénicos, ao arripio de uma liberalização e democratização efectiva da vida política. É verdade que o Conselho da Europa não agrupa a totalidade dos países do Ocidente europeu, mas os princípios que ele acaba de reafirmar constituem, inevitavelmente, uma condição para que a integração económica e política, e, particularmente, a admissão de certos membros no desejado concerto da Europa, possa processar-se normalmente e sem dificuldades institucionais graves. Pense-se, por exemplo, no problema que um dia poderá levantar a eleição de um parlamento europeu se não houver uma real democracia plu-

ralista em todos os países empenhados na construção da Europa, seja ela mais ou menos pequena ou grande — e é ainda demasiado cedo para fazer previsões sobre a sua extensão, natureza e estruturas.

Sabe-se que o general de Gaulle, além de «uma certa ideia da França», tinha uma determinada concepção da Europa, que, com a sua grandeza habitual, ele visionava, num futuro longínquo, «do Atlântico aos Urais», embora contentando-se a curto prazo com a «Europa das pátrias». Certos acidentes que não foram apenas de percurso, como os acontecimentos de 1968 em França, o esmagamento pelos tanques soviéticos da «Primavera de Praga» e a sua própria derrota no referendo, puseram prematuramente termo às suas ambições. Enquanto a independência continuar a ser negada aos países ditos socialistas, apesar das tentativas feitas por alguns destes de conciliarem o socialismo e a liberdade, enquanto, por outro lado, persistirem no Ocidente europeu regimes de força e a independência económica de todos os países não for assegurada, não é provável que essa concep-

ção consiga vingar. Seja qual for a ideia que lhe esteja ou venha a ser substituída, e os interesses que nela predominem, a verdade é que há, pelo menos, uma certa ideia da democracia — se não a da Europa dos meios económicos, em todo o caso a da Europa dos povos — que a opinião pública dos países ocidentais evolui-dos não deixará de tentar, apesar de tudo, fazer prevalecer, como aconteceu no caso da Grécia. Daí o seu precioso valor de exemplo.

Se, como disse o grande filósofo Husserl, «a Europa tem um lugar de nascença» — não apenas um lugar geográfico, mas «um lugar espiritual de nascença» —, que se incarna numa nação — e «esta nação é a Grécia antiga dos séculos VII e VI a. C.», a Grécia da filosofia, que não a Grécia dos escravos — não poderemos nós hoje, que esse lugar é profanado sem pudor, ver na condenação dessa mesma profanação do espírito originário europeu o primeiro sinal do seu ressurgimento?

JOSÉ AUGUSTO SEABRA



Imagem do filme de Júlio Bernardo: «Ferragudo»

## Cinema amador

Cont. da página 7

conseguem superar, em força e intenção, os que «Amadriaba Atuneira» nos apresenta. Mas, mesmo assim, apesar de «A Invenção do Amor» ser um filme discutível, em nada se pode comparar aos malabarismos pretensiosos da maior parte dos nossos cineastas amadores (e se fosse só destes...), a confusão dos quais António Campos opõe austeridade, uma banda sonora com altos momentos e algumas imagens que deixam entrever a marca dum realizador de quem se aguarda ainda uma obra totalmente conseguida.

Depois de António Campos, afigura-se-nos ser Júlio Bernardo o que realiza um cinema mais honesto e mais válido, segundo o critério que reputamos dever exigir-se a todo o artista que publicamente apresenta os seus trabalhos. Isto porque todas as experiências são válidas, como é consabido, mas só podem interessar como tal e não apresentadas ostensivamente como obras de arte definitivas como nos tem sido dado observar (4).

Júlio Bernardo caiu neste pecado ao apresentar «Mascarada», seu primeiro filme de enredo e a cores, embora ele próprio reconheça tratar-se de um filme pouco significativo, tematicamente afastado dos seus restantes filmes.

Onde Júlio Bernardo se revela exemplar é, sem dúvida, como documentarista. Aqui nos surge a câmara com a sua força e poder, o impacto das imagens e sua verdade contrastada. Tal se manifesta em «Ferragudo» (1963), canto de trevas com seu ritmo lento e certo, agora com uma banda sonora que sublinha o esforço, o que há de doloroso no trabalho desumano; em «Uma batida às raposas» (1964-65), menos conseguido mas com pormenores que marcam um estilo, uma perspectiva que equaciona a perversidade e sadismo que não estão ausentes do acto de caçar; e, sobretudo, em «Há Peixe no Cais» (1966), com uma montagem certa, nervosa e ágil, e alguns momentos que se contam entre os melhores que o cinema português já realizou.

Uma característica do cinema de Júlio Bernardo é o aproveitamento exaustivo do recurso antitético, com que o autor critica ou condena, tomando posição no que lhe parece dever ser corrigido. Recorde-se, entre muitos exemplos, a criança que colhe flores sob os tiros da caçada («Uma Batida às Raposas»), a matança da raposa e os cavalos em liberdade (mesmo filme), ou os pés dos pescadores, caminhando para a faina, e a imagem das gaivotas, voando contra o azul («Há Peixe no Cais»). Síntese dos filmes de Júlio Bernardo: um cinema de contrastes.

★ Ao falarmos dos cineastas amadores, seria injusto não referir os nomes de Fernando Ferreira (autor de «A Pinha de Natal»); de José Barbosa, com o seu filme «Os Pequenos Pintores do Castelo»; e de José Cardoso, do Cineclube da Beira, de quem não vimos «O Anuncio» mas que nos impressionou favoravelmente no seu outro filme «Pesadelo».

Igualmente seria notada a não inclusão dos nomes de Vasco Branco e Nuno Vieira da Fonseca, precisamente os realizadores mais vistos e premiados na série de «festivais». Todavia, os caminhos destes dois últimos autores não nos parecem definidos e programados e, se tecnicamente muito aceitáveis, os seus filmes navegam numa confusão de formas mal assimiladas, sem uma linha certa e arrumada, o que lhes transforma as qualidades em virtuais aptidões para um cinema que há muito se aguarda.

### SECÇÃO DE CINEMA DO ATENEU DE COIMBRA

- 1) In Revista «Cinema de Amadores» n.º 146, Abril/Julho de 1968, pág. 2687 (propriedade da Sociedade Pathé-Baby, Lda.)
- 2) Regulamento do Concurso Nacional de Filmes de Amadores de 1969, idem n.º 149, Janeiro/Março de 1969, pág. 2757.
- 3) V. Regulamento do V Festival de Cinema de Amadores do Grupo Cultural e Desportivo da Companhia Nacional de Navegação.
- 4) A que acima defendemos não anula a distinção entre cinema experimental e mera experiência cinematográfica, antes pelo contrário.

## se você não se sente jovem desista do Superimp



Porque o SUPER IMP entende a juventude dos 18 aos 80. Arranca com ela para um mundo novo. Mais vibrante e melhor vivido.

Amplas janelas com vidro de elevador e portas largas para uma família jovem. Janela de abrir na retaguarda. E um motor nervoso e submisso como um animal de raça.

Entre nele. Domine-o. E sinta-se ainda mais jovem.

Conheça também o SUNBEAM CHAMOIS de acabamentos luxuosos

...em todo o país encontrará a estrela CHRYSLER!

Concessionários em Lisboa:  
J. COELHO PACHECO, COMERCIAL S.A.R.L.  
R. Braamcamp, 92 - Lisboa 1  
SIDIAL  
Av. de Roma, 15 B - Lisboa 5

AGENTES EM TODO O PAÍS



CHRYSLER  
DE PORTUGAL



«Há peixe no cais», outro filme de Júlio Bernardo

## O mais influente meio de propaganda

Continuação da pág. 6

ternational Telephone and Telegraph Corp.), anunciada em Setembro de 1965. Esta união resolveria os problemas económicos da ABC e tornaria possíveis consideráveis contratos no estrangeiro, pois a ITT é o maior sistema internacional de telecomunicações existente no Mundo. Outro aspecto essencial da fusão proposta reside no facto da ITT ser uma das cinco ondas transmissoras americanas autorizadas pela Comissão Federal de Comunicações para adquirir canais de televisão da COMSAT (Communications Satellite Corp.), com objectivo de vendê-los ao público (as quatro restantes são a AT & T, RCA, Western Union e The Hawaiian Telephone Co.). A fusão forneceria um importante comprador à ITT, tanto de canais de satélites como dos seus próprios equipamentos de televisão.

Infelizmente para ambas as companhias, em Janeiro de 1968 a ITT foi obrigada a desistir dos planos de fusão. Apesar da F. C. C. ter aprovado, por duas ocasiões, o plano de fusão no espaço de dois anos, o Departamento da Justiça opôs-se à mesma.

### PENETRAÇÃO E DOMÍNIO

Contudo, apesar deste contratempo, a ABC Worldvision continuava a desenvolver-se. Em meados de 1968 a Worldvision vangloriava-se de possuir 64 estações de televisão em 27 países (16 das quais na América Latina), cuja emissão ultrapassava 20 milhões de horas. O método utilizado pela ABC para criar este império da Worldvision é bastante comum. Primeiramente a ABC realizou investimentos na estação de televisão. Este investimento está relacionado com os serviços que a ABC Internacional pode oferecer à estação de Worldvision.

Por exemplo, a ABC pode oferecer apoio financeiro, serviços técnicos e administrativos, programas para a formação de pessoal, um serviço de compra de programas e, acima de tudo, actuar como representante de vendas da estação. A ABC considera essenciais estas duas últimas funções para o êxito do sistema Worldvision, pois as estações têm que estar de acordo quanto à aceitação dos programas e dos anúncios seleccionados previamente pela ABC (1).

Portanto a função realizada pela Worldvision para a ABC consiste em centralizar três tarefas muito importantes e lucrativas: compra de programas, representação de vendas e organização de cadeias difusoras.

Num certo sentido a ABC Internacional está a tornar-se uma agência publicitária mundial. «Contudo a perspectiva da ABC é contrária ao que fazem as agências. A ABC intenta criar um meio de difusão único no mundo, que possa ser adquirido por um publicitário internacional de maneira centralizada, apesar das agências publicitárias procurarem estender os seus serviços ao estrangeiro a fim de se aproximarem da variedade dos meios de difusão existentes em todo o mundo. Não obstante, ambas confiam na existência de um considerável grupo de companhias internacionais que elaboraram planos para o mercado e incluem grandes porções do globo» (2).

O papel que a ABC Internacional jogou na América Latina e a forma como organizou e desenvolveu as suas operações, constitui uma síntese da maneira como os meios de difusão, e em particular a TV podem ser utilizados pelas companhias norte-americanas para servir de dama de companhia à penetração, domínio e eventual adulteração das economias estrangeiras.

### FOMENTAR UM CONSUMO ARTIFICIAL

Em 1960, após uma enorme persuasão por parte de funcionários do Governo de homens de negócios norte-americanos, os países centro-americanos acordaram em criar um mercado comum económico. Este sistema permitia aos homens de negócios dos Estados Unidos estabelecerem-se num país da América Central e vender os seus produtos em todos os países, sem pagamento de tarifas e, segundo informações do Departamento do Comércio norte-americano, centenas de companhias norte-americanas afluíram em manada a fim de aproveitar o novo mercado.

Também em 1961, após um ano de existência, a ABC Internacional antecipou 250 mil dólares e realizou investimentos em cinco estações centro-americanas de televisão — uma em cada um dos cinco países.

Este grupo foi denominado Central Americana TV Network (Cadeia Centro-Americana CATVN). Como se pode adivinhar, a CATVN, através da ABC Internacional, mantém um programa centralizado de vendas de publicidade e um sistema distribuidor

de películas. A ABC Internacional publica uma lista de 31 companhias que anunciam através do sistema Worldvision, realizando quase todas as negociações na América Central. A ABC, através das suas estações de televisão, fomenta um consumo artificial que, na maioria dos países do Terceiro Mundo, não devia ter prioridade sobre a educação, a saúde e o desenvolvimento económico básico. Contudo, isto parece ser o que se verifica na América Latina. As companhias norte-americanas continuam a prosperar e o papel da ABC nesse processo é denunciado pelas suas próprias palavras:

«Agora as estações Worldvision chegam a um universo integrado por cerca de 15 milhões de locais (1963) onde entra a televisão. O poder aquisitivo deste audatório, que cria uma tendência, é superior a 136 bilhões de dólares disponíveis. Eles são os primeiros a desenvolver a lealdade às marcas de fábrica, que estabelecem os padrões para as restantes».

E quando os Estados Unidos exerceram maior pressão nos países sul-americanos, a fim de convencê-los da necessidade de criar uma Associação Latino-Americana de Comércio Livre, em Janeiro de 1968, a ABC Internacional criou o LATINO (Organização de Cadeias Internacionais de Televisão Latino-Americana) que seguiu as mesmas linhas do CATVN e que é integrada até agora pela Venezuela, Equador, Uruguai, Argentina, Chile e México. Nem a CBS, nem a NBC participaram no mercado internacional à escala em que o fez a ABC. Ambas gozam de uma boa posição financeira — as acções são elevadas e os capitais são grandes (670 milhões para a CBS e dois bilhões e 84 milhões para a RCA, que é a companhia gêmea da NBC). As companhias também obtêm lucros em consequência do aparecimento de conglomerados. Entre os subsidiários da RCA encontram-se Hertz, Commercial Credit Co., Random House, Sunbury and Dunbar Music, Inc., Defense Electronic Products e dois centros Job Corps Training. A família da CBS está rodeada ainda pela editora Holt, Rinehart and Kinston, Inc., pela Creative Playthings, Inc., Bally Films e pelos New York Yankees.

### FALTA DE ATRATIVO A INVESTIMENTOS

Apesar dos investimentos da CBS e da NBC no estrangeiro não serem elevados, os meios de que dispõem tendem a situar-se em zonas estratégicas. A CBS possui companhias produtoras em Buenos Aires, Caracas e Lima; as da NBC encontram-se em Monterrey, México, Caracas, Saigão e no Médio Oriente.

A especialidade da NBC no exterior são os contratos de serviços de direcção e programação, em vez de investimentos directos em estações de televisão. A NBC Internacional trata directamente com os radiodifusores estrangeiros a fim de lhes vender os seus programas, que são exibidos em 82 países. Os serviços de direcção incluem desde a assistência até ao estabelecimento de um sistema completo de televisão num país.

Segundo a NBC, um «contrato extenso» significa analisar os objectivos do país cliente (porque motivo deseja a Televisão?), realizar uma vigilância técnica, sugerir um programa completo, criar um corpo para a realização de programas (três membros do pessoal da NBC, um administrador-geral, um director do sector de engenharia e um director administrativo serão responsabilizados pelo projecto), desenhar, construir e equipar os estúdios de televisão e, por último, supervisionar e assistir à transmissão da estação.

O contrato para a instalação de um sistema completo, estende-se em geral por cinco anos. A influência do estilo, as prioridades e estrutura da NBC (em especial a sua preferência por estações não estatais) serão postas inevitavelmente em relevo num sistema de televisão do país cliente. Uma revista comercial sugeriu que o interesse da NBC em desenvolver sistemas de televisão à volta do mundo não consiste tanto em obter o «controle» mas sim estimular o pedido de aparelhos de televisão, de que a RCA é o principal produtor.

A CBS concentrou na América Latina a sua limitada expansão no estrangeiro. Contudo a sua política global é ainda vacilante. O factor principal está em que tanto a CBS como a NBC têm uma série de prioridades diferentes da ABC. Merle S. Jones, presidente da CBS-TV e director da CBS (também é o director da Proarte, de Buenos Aires, da Provental, de Caracas, da Pantel, de Lima, da Companhia Televisora de Trinidad e Tobago e dos Tele-programas Iberoamericanos do Panamá) define a limitada presença da CBS no estrangeiro não como uma falta de interesse, «mas o

facto indesmentível é que as oportunidades não surgiram na forma como concebemos uma oportunidade. Travamos conversações preliminares na América do Sul — Colômbia, Brasil e Chile —, mas simplesmente não foram oportunidade atraentes. Quando se viaja pelo mundo comprova-se que a Televisão é dirigida pelo Estado ou é semi-estatal e não oferece o necessário atractivo à realização de investimentos... Preferimos permanecer livres para o mercado completo».

### EFEITO PREJUDICIAL?

É provável que a CBS e a NBC considerem que o papel da ABC no exterior é, acima de tudo, o de uma agência publicitária internacional interessada na compra e venda de programas e de tempo para publicidade.

Aliás, a ABC viu-se obrigada a adoptar semelhante função devido à debilidade no campo da transmissão de televisão relativamente à CBS e à NBC. O que parece ser certo é que a CBS e a NBC se consideram transmissores e, portanto, desejam o «controle» das estações de televisão no estrangeiro. E como não podem obter o referido «controle» preferem esperar por momento mais oportuno.

Time-Life Broadcast é outra companhia importante dos Estados Unidos que realizou investimentos na América Latina (Argentina, Brasil e Venezuela). Os interesses da Time-Life no Rio de Janeiro tornaram-se objecto de uma controvérsia, em 1965, quando Carlos Lacerda atacou o Governo brasileiro por não actuar contra a participação «inconstitucional» da Time-Life na Televisão-Globo (nenhum estrangeiro pode possuir, nem participar na orientação administrativa de empresas jornalísticas). Time-Life investiu cerca de seis milhões de dólares na principal estação de televisão do Rio, que é propriedade da mesma família que edita «O Globo», o jornal de maior circulação no Brasil.

Caracas e Venezuela são exemplos de participação intensiva das companhias norte-americanas no mercado da televisão. A Time-Life e a CBS são proprietárias de 20 por cento dos interesses na companhia produtora Provental. O resto está nas mãos

de Goar Mestre e de outros capitalistas locais. (Mestre foi um importante negociante de Havana que desenvolveu e controlou a maior parte da Televisão cubana antes da Revolução. Em 1958 estabeleceu na Argentina, Proarte (Canal 13), associando de novo com Time-Life e com a CBS). A NBC fez investimentos em Rádio Caracas-TV (canal 2), que é membro da ABC Worldvision.

A ABC controla uma parte da Venevisión (Canal 4), da Venezuela e Screen Gems tem interesses no (Canal Onze).

O efeito que a Televisão produzirá na América Latina é ainda indefinido mas, provavelmente, não será benéfico para os seus povos. O ênfase que a Televisão consagra ao consumo não só levará a aumentar as frustrações de muitos latino-americanos como continuará a prejudicar, como o fizeram no passado as companhias norte-americanas, o desenvolvimento dessas sociedades. Os valores evidenciados pelos programas de Televisão e pelos anúncios importados dos E. U. A. afectarão, de maneira decisiva, a integridade cultural dos povos latino-americanos. Shigeto Tsuru, economista japonês, referiu-se a este aspecto de forma pessimista e afirmou que os meios de difusão servem aqueles que os controlam.

Neste mundo de comunicação de alta potência, seria talvez mais correcto falar de uma nova forma de «auto-alienação» dos que vivem em regime capitalista. Se em qualquer lugar da Terra existisse uma sociedade que fizesse uso total dos técnicas altamente desenvolvidas das comunicações de hoje, com o único propósito de satisfazer as necessidades culturais da população, seria uma valiosa experiência para todos nós visitá-la — nós que todos os dias, hora a hora, não podemos libertar-nos da investida, astuta ou cruel, da comercialização moderna de uma sociedade capitalista.

JON FRAPPIER

(1) «Por exemplo, ABC pode vender artigos Batman a um anunciante e utilizar o Batman conjuntamente com as empresas designadas em qualquer país que o anunciante deseje e no qual exista a Worldvision». A Televisão é volta do Mundo, por Ralph Tyler (em «Televisão Magazine», Outubro 1966, pág. 33).

(2) Artigo citado, pág. 61



**GOSTA DE LAVAR  
A ROUPA  
À MODA ANTIGA?**

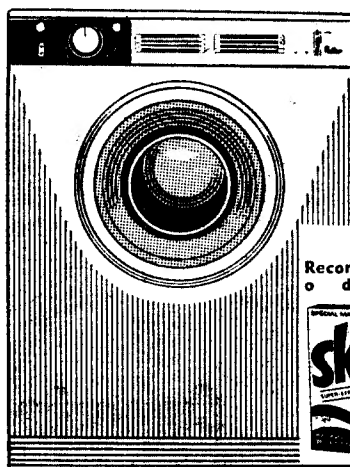
**CLARO QUE NÃO! HOJE EM DIA, A SENHORA EXIGE UM PROCESSO RÁPIDO E MODERNO PARA A LAVAGEM DA SUA ROUPA, EXIGE**

RuTon

Só **RuTon** lhe oferece muito mais

ECONOMIA • SEGURANÇA • EFICIÊNCIA e SIMPLICIDADE

NA MÁQUINA DE LAVAR ROUPA **RuTon** É TUDO AUTOMÁTICO



Recomendamos o detergente



# A criança e o livro

Cont. da pág. 5

ambos a debatermo-nos com a nossa imaginação para darmos uma continuidade à história, para lhe acharmos um fim. Assim a narração desenrola-se em dois planos que constantemente se cruzam. Levá-lo a um desencantamento? Não é creio. Levá-lo a um certo distanciamento e a uma maior expectativa perante a história, maravilhosa sim, mas como história.

RUI GRÁCIO — A observação e o processo parecem-me muito interessantes. Se a criança é reptada a imaginar também, se ela é solicitada a criar, fica a compreender melhor que aquilo que lhe é proposto não passa de uma criação, uma entre outras possíveis. Nesse caso, de facto, distancia-se. E provocar a sua participação activa e criadora não pode senão aprovar-se.

## DA CASUALIDADE MITICA A CASUALIDADE CIENTIFICA

RUI GRÁCIO — A psicologia infantil diz-nos que a criança aceita o maravilhoso por si. O pressuposto de que a criança já não aceita o maravilhoso, porque o mundo técnico está cheio de maravilhas, de enigmas, de coisas prodigiosas, que teriam destronado as varinhas de condão, não me parece justificado.

Diz Henri Wallon que na segunda infância, cito de memória, a criança não tem capacidade para dar uma explicação natural das coisas. A causalidade natural, que é a nossa e a do pensamento científico, não é acessível à criança. A forma de aceder à compreensão naturalística de que as coisas se transformam, se determinam, a forma de aceder a isso é a forma mítica. Ela está mais habituada a entender uma varinha de condão, por exemplo, do que uma causalidade natural que a ciência desmonta. Esta mitificação dos processos naturais é o modo de a prepararmos para ela vir a entender, na futura objectividade a partir dos 6-7 anos, o que no mundo real existe de maravilhoso.



António Torrado

Portanto, da causalidade mítica acederá por si à causalidade natural. Apartá-la desta evolução, argumentando que o mundo de hoje já se não compadece com o maravilhoso tradicional, não me parece certo.

Reconheço, no entanto, nesta atitude algo que me parece verosímil. Muitas das histórias populares, que os grandes escritores recolheram, não com intenção de as legar às crianças, mas para as fixarem e transmitirem aos presentes e aos vindouros, traduzem um tipo de civilização em que já não é nosso. Revelam um tipo de civilização em que a humanidade, desmunida e impotente perante a Natureza, tinha de depositar as suas esperanças na magia. As suas aspirações eram comprometidas pela fragilidade do seu poder económico, pela ausência de recursos técnicos ao seu dispor. Por isso criava mitos que compensavam essa humanidade do que não podia realizar pelo seu esforço. Ora estes dados não são os presentes. Hoje o homem tem recursos que outrora só eram possíveis por intermédio de entidades míticas.

Por outro lado, era um mundo hostil aquele em que a humanidade vivia. Mundo de hostilidade em que o negrume dos campos constituía um risco, em que as ameaças espreitavam por todo o lado, em que o homem vivia na sombra e não podia, por exemplo, prever o tempo, os flagelos, nem era capaz de dominar as

grandes epidemias. Todos os pavores que o cercavam, mitificava-os ele em bruxas, em gigantes, em carnificinas de toda a ordem, em monstros que comiam pessoas (quem sabe se não eram transposições míticas de hábitos canibalescos?). Por tudo isto, as histórias da tradição popular exprimem um mundo que está muito distante de nós. Mas não quero dizer que esse maravilhoso, esse sobrenatural, que não corresponde à verosimilhança das leis naturais e dos recursos técnicos do nosso tempo, não continue a ter uma significação e um interesse tanto para a criança como para o adulto.

A criança aceita, é credula. A confusão entre o real e o imaginário faz parte da sua natureza. Começa a desprender-se dessa confusão, mas há um período durante o qual se mantém numa certa ambivalência, numa certa ambiguidade, em que a criança sabe que é imaginário, mas aceita como se fosse real. Não é iludida. Limita-se a entrar no jogo. O maravilhoso assim entendido tem uma função, corresponde a estados psicológicos em que o maravilhoso nutre a imaginação da criança.

O maravilhoso que eu rejeitaria, sem bem saber rigorosamente se esta atitude tem qualquer fundamento de ordem científica ou ética, é o da morbidez do terror. Todos nós, na nossa infância, nos ressentimos com as histórias terríficas que nos contaram.

## COMO ENSINAR O MEDO

MÁRIO CASTRIM — Mas a criança precisa de saber que há medo, precisa de senti-lo. Tem de haver alguma maneira de ensinar o medo à criança, para pô-la de sobreaviso contra situações extremas. Não medo ao escuro em si, mas medo ao escuro, porque podem estar pessoas no escuro, porque pode tropeçar...

CORREIA DA FONSECA — Não será tanto o medo que é desejável, mas a consciência de perigo.

LÍLIA DA FONSECA — Posso contar a este propósito uma peça a que assisti na Alemanha. Quando lá estive, a opinião publica andava alarmada com uma série de raptos de crianças, principalmente de meninas, por automóveis que passavam na estrada. Então as autoridades pediam, por intermédio das casas de cultura e de juventude, que os marionetistas escrevessem uma peça, para ser apresentada nas escolas, que pusesse as crianças de sobreaviso. Uma das peças chamava-se «Gaby e o automóvel vermelho». Estão a ver que, neste caso, o lobo mau aparece ao volante de um automóvel, enquanto que o papel do bom lenhador, que salva o capuchinho, é desempenhado pelo carro da Polícia que persegue e prende o automobilista corruptor. A completa actualização do maravilhoso clássico! E a peça foi deli-



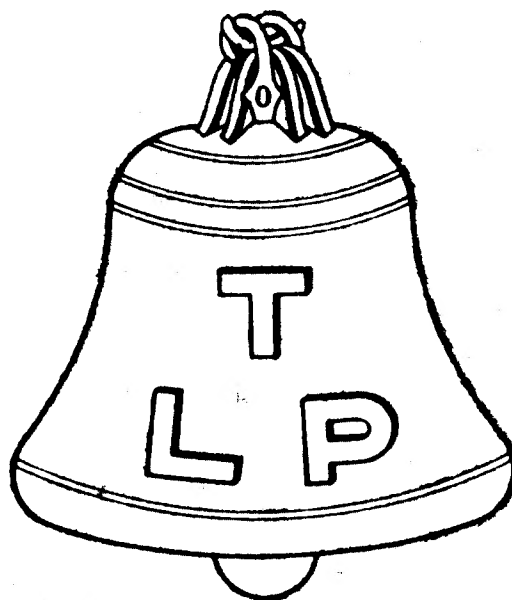
Matilde Rosa Araújo

rantemente acolhida pelas crianças das escolas. Numa delas, de crianças de idades muito juvenis, 6-7 anos, onde a vi, uma espectadora dos seus seis anos contou-a, depois, muito emocionada, ao Kasper (o fantoche clássico alemão) que, à beira da cena da sua baraca, a escutava e lhe ia dando as deixas necessárias. É esta actualização que eu preconizo, que tenho estado a estudar junto das plateias infantis e que vejo que em nada compromete nem oblitera a evasão e o sonho tão necessários aos mais jovens.

RUI GRÁCIO — É difícil dizer às crianças que há pessoas más, porque as crianças não têm experiência do mal, ou os seus cri-

# TELEFONES DE LISBOA E PORTO

EMPRESA  
PÚBLICA



AO SERVIÇO  
DA NAÇÃO

Cumprimenta os seus Assinantes e apresenta os melhores votos de um Feliz Ano Novo.

térios do bem e do mal não são inicialmente os nossos; mas as histórias podem conter advertências, devem, indirectamente, provocar medo. Com este aspecto formativo das histórias concordo plenamente. Ainda há duas ou três semanas num «círculo de pais», verifiquei que se chegou justamente a essa conclusão.

#### A literatura pela imagem

O problema levantado pela vaga irreversível da «literatura» pela imagem foi abordado apenas em dois dos colóquios. O prof. dr. Vítor Fontes salientou o dado fundamental de que «a imagem suprime a interpretação e convida à contemplação», considerando «mínimos» os benefícios da «literatura de quadrinhos». A dr.<sup>a</sup> Maria Leonor Viana Botelho encarou a «leitura» em quadrinhos como cindível em «válida» e «não-válida». Acentuou a necessidade de compensar com obras-imagens de qualidade a oferta perniciososa que os «trusts» de além-Atlântico exportam para todo o mundo. E fez uma alusão (a que importará talvez atender como base para um trabalho de discriminação) aos álbuns «Astérix» e «Tintin».

**CORREIA DA FONSECA** — A «literatura pela imagem» (designação que se utiliza aqui, aliás, com todas as reservas) parece reclamar a atenção urgente dos educadores em geral e da LUDUS em particular. Digo LUDUS em particular,

porque receio que, ladeando o problema, e preocupando-nos apenas com a restante literatura infantil, a nossa acção de esclarecimento junto da generalidade dos pais esteja a ser incompleta e ineficaz. Poderia mesmo dizer que aquilo que a maioria dos pais conhece da literatura infantil são as histórias de quadrinhos que, a meias, lêem, com os seus filhos. Se fecharmos, por princípio, todas as portas e não nos detivermos numa análise construtiva deste fenómeno do nosso tempo, estamos, desde logo, a renunciar a um extenso sector de auditores e a deixar as crianças, que elegem as histórias de quadrinhos como única leitura, entregues a si próprias e ao



Correia da Fonseca

seu mundo de fantasia tantas vezes mediocre.

#### LILIA DA FONSECA

A perspectiva das histórias aos quadrinhos ainda não foi estudada em profundidade, naquilo que elas interferem com a educação e a formação da mentalidade das crianças, com aquele intuito de se resolver o problema que se me afigura sério. Porque, veja-se: as histórias inundam o mercado, a sua existência e difusão criou necessidades no público consumidor, que não é apenas constituído por crianças. Formaram-se inclusivamente, em determinadas elites cultas do estrangeiro e também de Portugal, correntes de interesse pelas histórias em quadrinhos. Futidade? Derivativo intelectual? Mundanismo? Reacção, por fastio, à literatura escrita? Tudo isto tem de ser considerado no âmbito de pessoas que, como eu, vêm nesta espécie de subliteratura uma fórmula perniciososa da literatura para a infância e a juventude.

**ANTÓNIO TORRADO** — Vamos, porém, distinguir aqui as histórias por imagens (sobretudo eróticas) escritas e desenhadas para adultos, das histórias em quadrinhos dos livros e revistas infantis e juvenis. As primeiras não são da nossa conta, as segundas já serão da nossa conta e preocupação, se conseguirmos apreciá-las, sem preconceitos, sem quixotismos. Apontá-las, antecipadamente, como um perigo não nos

levará a lado nenhum, nem ninguém, ou quase ninguém, nos daria ouvidos. Pela minha parte, sinto muitos escrúpulos em rejeitá-las a priori. Li-as quando era criança. Ansiosamente aguardava o «Mosquito» ou o «Diabrete» da semana seguinte e ainda hoje, de vez em quando, folheio as antigas colecções, não sei se por nostalgia, por ociosidade ou por parvoíce... Seja como for, não sinto que a leitura das histórias aos quadrinhos (assim se dizia) me tenha feito mal.

#### LILIA DA FONSECA

Mas, no seu tempo, esperava uma semana até saber a continuação da história e, no intervalo entre dois números, lia livros, tenho a certeza. Não foram as histórias aos quadrinhos que o formaram, mas os livros que leu. Que vemos hoje? Séries completas, atraentes, fáceis e muito mais acessíveis no preço do que um livro de histórias.

**ANTÓNIO TORRADO** — Se os leitores responsáveis, renunciando um pouco ao lucro imediato, lançassem colecções de livros muito ilustrados e com histórias claras, directas, desenvolvidas, que prendessem logo as primeiras imagens e as primeiras palavras a atenção dos jovens leitores, livros em grandes tiragens, portanto baratos, livros distribuídos pelas mesmas tabacarias e bancas de jornais que vendem histórias aos quadrinhos, sempre queria ver se seria ou não possível inverter os interesses do público que agora é desfavorável e impermeável à literatura infantil de qualidade!

**RUI GRÁCIO** — Temos de reconhecer que o factor qualidade, tal como o factor preço são quase sempre decisivos. Se hostilizamos a má literatura infantil, porque é deformativa, viciosa ou convencional e desprovida de talento, pelas mesmas razões hostilizaremos a «literatura» aos quadrinhos má. Algumas publicações infantis, ou melhor, juvenis periódicas que tenho visto, nomeadamente alemãs, conseguem manter um equilíbrio entre a mancha escrita e o espaço da ilustração. Para qualquer livro, a qualidade gráfica parece-me essencial.

**CALVET DE MAGALHÃES** — A influência do verdadeiro professor é preponderante. Guiada por ele, a criança começará a orientar as suas preferências pela boa via. Mas, para que isso se consiga com êxito, tem de ser encaminhada desde a tenra idade, antes que se dê a outras «evasões». Há que ensiná-la a amar o livro e é necessário dar-lhe tempo, ócios produtivos para a leitura, não lhe sobre-carregando as tarefas escolares. Reparem que a criança, ao adquirir um livro de histórias por imagens, não se demora a escolher. Mas se tiver de comprar um livro, ela escolhe, desconfia, toma conta de que está a proceder a um acto de responsabilidade. É muito mais fácil comprar uma revista de «cow-boys». Tenho ob-



Mário Castrim

servado que os meus alunos só lêem os livros conhecidos ou aqueles que o mestre apresenta, lendo-lhes, por exemplo, um capítulo. Por este meio consegue-se despertar curiosidades, incitar a criança à boa leitura.

#### CORREIA DA FONSECA

Um dos óbices que ponho à «literatura de quadrinhos» é o de não encontrar nela a descrição de estados de espírito senão esquemáticamente. O Tintin pensa? em que pensa ele? Sorri, ri, franze o sobrolho, zanga-se, fica espantado... E que mais? Mais nada. O jogo mimico é insuficiente, a imagem só nos pode transmitir um pouco da intimidade de cada personagem. Receio que este esquematismo, aliado ao esquematismo de situações, esvazie os leitores e lhes deprima ou aniquile a vida interior, estandardizando-os, principalmente se não tiverem, como compensação, acesso a outras leituras mais ricas.

#### CALVET DE MAGALHÃES

As histórias aos quadrinhos devem ser consideradas, mesmo para as crianças, como literatura de evasão. Elas encontram, em tais histórias, o conflito que vivem psicologicamente, conflito que reside na sua capacidade em harmonizar a obrigação de se dominarem e o desejo de se afirmarem. É justamente o que sucede aos heróis das bandas desenhadas. O Tintin não constitui excepção a esta regra: tudo, no aspecto deste ser sem idade, o aparenta com uma criança. É dotado, todavia de uma inteligência de um homem, para não dizer de um super-homem, além de possuir conhecimentos vastíssimos. Ora este quadro exemplar é extremamente aliciante para a criança, que se sente diminuída e inferiorizada num meio de criaturas sempre mais aptas do que ela.

#### LILIA DA FONSECA

Parece-me que estamos a juntar elementos para o «processo» da «literatura» aos quadrinhos, embora não possamos chamá-la a depor... Se o fizéssemos, teríamos de chamar à presença deste «júri» a grande indústria gráfica estado-unidense que, pela via do Brasil, inunda o mercado português, responsáveis, em parte, pela literatura de fantasia que inunda o nosso País.

**ANTÓNIO TORRADO** — Concordo em absoluto. As nossas crianças vêem-se obrigadas a viver situações e ambientes que estão muito longe dos que lhes são próprios. Isso acentua o artificialismo da relação leitor-história. Não só a violência, a paisagem humana e as obsessões que tantas vezes transparecem nas histórias aos quadrinhos americanas lhes são alheias, como a linguagem é até às exclamações e onomatopéias (Bang! Plof! Zzzzt...). Mas não estaremos nós a criticar o processo, a técnica narrativa das histórias aos quadrinhos pelos resultados que conhecemos? Não seria possível pensar, inventar, desenhar outras, não sei quais, mas outras histórias aos quadrinhos, possivelmente sem «balões» sobrepostos à imagem, sem a agressividade como eixo único da narrativa, e mais ricas, mais belas e mais naturalmente infantis? Creio que sim. Há algumas propostas nesse sentido, aqui em Portugal. Lembro, por exemplo, uma ou outra história do «Fagulha» e um livrinho esquecido do Eduardo Teixeira Coelho,



Lília da Fonseca

admirável desenhador que em França, em Itália e no Brasil viu reconhecido o seu mérito.

#### CORREIA DA FONSECA

Vemos assim que há unanimidade em relação à aceitação das histórias de quadrinhos. Há aceitação, porque não nos sobram forças nem razões para rejeitá-las em bloco. Entim, é preciso aceitar a «literatura» pela imagem, ainda que não tenha sido desejada, pois por mais que queiramos, não podemos alhearmos-nos da sua popularidade. O fenómeno aí está. Tiremos então partido dele, orientemos este meio de expressão no melhor caminho e depois se verá... Demos aos escritores e artistas gráficos empenhados neste novo tipo de expressão a possibilidade de mudarem o curso das histórias de quadrinhos. A mim, em particular, a empresa parece-me por demais difícil, principalmente no nosso meio, onde as carências técnicas desanimam quase sempre as melhores boas vontades.

# já pensou que...

...AO ADQUIRIR UMA MÁQUINA DE LAVAR ROUPA LIBERTA-SE DE UM SEM NÚMERO DE PROBLEMAS DE ECONOMIA E DE TEMPO.

A SUA EMPREGADA DOMÉSTICA PODERÁ SER DISPENSADA DESTA TAREFA, A SUA ROUPA SERÁ LAVADA QUANDO DESEJAR E COM EXTRAORDINÁRIA RAPIDEZ, A SUA QUANTIDADE TAMBÉM NÃO TERÁ IMPORTÂNCIA E A CHUVA DEIXARÁ DE SER UMA PREOCUPAÇÃO.

E QUANTAS COISAS PODERÁ FAZER ENQUANTO A HOOVER TRABALHA? PERGUNTE AS SUAS AMIGAS QUE JÁ POSSUÍM MÁQUINAS HOOVER E FICARÁ MARAVILHADA COM AS SUAS OPINIÕES!



## MÁQUINAS DE LAVAR AUTOMÁTICAS



LEOPOLD SHIROI, LDA. LISBOA • PORTO • COIMBRA • FARO

AUTO-MONUMENTAL DO AREIRO, SARL

AGENTE OFICIAL DO DISTRITO DE LISBOA

VOLKSWAGEN

AV. PADRE MANUEL DA NOBREGA, 8. 8C e 8D

(AO AREIRO) TELEF. 727654-727665-713057



Carros e furgonetas  
amplas facilidades  
de pagamento.  
peças legítimas  
estação de serviço  
e oficinas

# Alteração profunda da economia indiana?

WILLIAM V. CONGHLIN

Agora que Indira Gandhi conta com um Partido do Congresso depurado dos elementos da ala direita, irá ela dominar o partido e a nação?

Esta é a questão crucial, neste momento, em que se anuncia uma reunião da ala esquerda do partido, em Bombaim. Espera-se que Indira Gandhi apresente nessa reunião os termos de uma nova política económica, política essa, por certo, de sabor esquerdista. Mesmo alguns funcionários americanos residentes em Nova Delhi são de opinião de que isso é necessário para salvar a Índia da depressão.

Mas o primeiro-ministro, que se revelou um estratega consumado na

maus lençóis. O ministro do Comércio Externo revelou, há dias, que o crescimento de exportações tinha descido de 13,6% no período de Abril-Outubro de 1968 para 1,8% no mesmo período deste ano. Este resultado veio negar as previsões: esperava-se uma taxa de crescimento de 7%.

O Governo empreendeu esforços muito especiais para manter em certos campos o nível de exportações, a fim de evitar essas quebras. Mas essas medidas levarão o seu tempo a dar fruto.

## VIRAGEM À ESQUERDA

Além disso, o êxito da tão anunciada «revolução

Por outro lado, a nacionalização dos bancos e a declaração governamental de que a nacionalização não pode ser excluída noutros domínios, parecem ter tirado aos capitalistas estrangeiros o desejo de colocarem o seu dinheiro em empresas privadas, enquanto a situação não se esclarecer.

Ao mesmo tempo, parece ter havido uma nítida viragem à esquerda na política externa do país. A revelação de que o Governo da sr.<sup>a</sup> Gandhi parece ter o propósito de elevar a sua representação diplomática em Hanói à categoria de Embaixada foi seguida da actual visita dos representantes do Governo

clarar que não satisfaria qualquer das suas dividas externas.

## OS ADVERSÁRIOS ACUSAM...

Mas o incidente mais embaraçoso para o Governo talvez seja o da derrocada de um edifício em construção em Trivandrum, no Estado comunista de Kerala. A derrocada causou nove mortes, no princípio deste mês. Veio a saber-se que o edifício seria o Centro Cultural, e que estava a ser construído pelo Governo soviético, que não se preocupou com a formalidade de obter o consentimento do Governo de Indira Gandhi para a construção do Centro. Os russos pediram ao ministro dos Negócios Estrangeiros autorização para abrir o Centro, mas não esperaram por resposta para darem início às obras. Os E. U. A. tinham recebido, no ano passado, uma recusa ao seu pedido de abertura de um centro similar, em Bhubaneswar.

O ministro dos Negócios Estrangeiros convocou o embaixador soviético, Nikolai Pegov, exigindo-lhe uma explicação e anunciou a Embaixada soviética que não permitiria a abertura do centro. Mas o mal já estava feito. Os adversários do Governo acusaram os russos de terem tanta confiança no gabinete de Indira Gandhi que se sentiam autorizados a passar por cima de formalidades diplomáticas e a fazer o que quisessem na Índia.

## IRONIA OU PREVISÃO?

Na semana passada, a ala direita do Partido do Congresso (chefada pelo antigo presidente Siddhavanth Nigalingappa), reunida em Ahmedabad, contestou a legitimidade do Governo da sr.<sup>a</sup> Gandhi.

São todos estes os problemas que a assembleia desta semana terá que resolver. Falando acima dos partidários de Indira Gandhi, em Bombaim, estarão desenhos de mãos segurando o povo da Índia, alusão à missão do Partido. Ironia ou previsão? O futuro o dirá.

(Exclusivo «The Los Angeles Times»-«Diário de Lisboa»).



## Bernadette Devlin: o combate dos pobres contra os ricos

Os caprichos do acaso fizeram com que Bernadette Devlin nascesse a 23 de Abril, que é, ao mesmo tempo, o dia de S. Jorge, padroeiro da Inglaterra, e o aniversário do grande levantamento de Dublin contra o poder britânico, em 1916. Aos 22 anos, fez saltar todas as barreiras da celebridade, desde a sua eleição triunfal (Março de 1969) até à sua participação nas barricadas do Bogside, o bairro católico de Londonderry, em Agosto passado, e que deram à situação do Ulster uma tal publicidade que Londres teve de intervir e substituir-se, de facto se não de direito, ao regime de Stormont, odiado pelos católicos.

E, no entanto, na sua breve autobiografia, ora traduzida em francês (1), Bernadette Devlin esforça-se por deixar bem claro que o seu combate não é o dos católicos contra os protestantes — divisão artificialmente conservada por todos que nela têm interesse — mas sim o dos pobres contra os ricos, o dos «desprezados» contra os exploradores, sem distinção de religião. Tornou-se socialista, não por ter estudado Marx ou Lenine, que confessa conhecer mal, mas sob pressão dos acontecimentos.

Filha de um carpinteiro de Cookstown e de uma senhora que pertencia a pequena burguesia católica local, teve que suportar com o irmão e as quatro irmãs, a hostilidade da boa sociedade, que não tolerava este casamento desigual. No seio desta família turbulenta, mas feliz e unida, roçando constantemente a pobreza, Bernadette foi educada no culto da história e da mitologia irlandesas. Na escola Saint-Patrick de Dungannon, onde fez os seus estudos secundários, não hesita, contudo, em erguer-se contra o fanatismo anti-irlandês da madre superiora, que ela, no entanto, muito admira. É católica, mas não é irlandesa: pouco se preocupa com os ritos e as rivalidades tradicionais com os protestantes; afirma que a Igreja traiu a sua missão e é cúmplice da ordem estabelecida. Em Belfast, na Queen's University, onde entra em 1965, descobre a política activa sob a forma de marchas pelos direitos civis, a primeira das quais se realizou em 24 de Agosto de 1968. E não podemos deixar de as comparar às que se realizaram, há uns dez anos, nos E. U. A.: a mesma não violência dos manifestantes, as mesmas brutalidades da polícia, a mesma cumplicidade com os elementos extremistas (os seguidores do rev.<sup>o</sup> Paisley cumprem muito bem o papel da Ku-Klux-Klan). Em todo o caso, passado menos de um ano, a campanha para os direitos civis irá produzir a insurreição de Agosto de 1969.

Bernadette Devlin toma frequentemente a palavra nas manifestações; encontramos-na na primeira fila quando se trata de vencer os cordões da polícia. Chega a altura de uma eleição parcial para substituir o conservador de posse do lugar do Mid-Ulster. Bernadette é escolhida para fazer a paz entre todos os candidatos antiorangistas. Perante a surpresa geral, vence por 4000 votos, após uma entusiástica campanha. Ai a temos, menina-prodígio do Parlamento, assediada pelos fotógrafos e pelos candidatos ao matrimónio. No entanto, ela não tem qualquer confiança na instituição parlamentar e não distingue entre um trabalhista e um conservador. Rompe com todas as regras da decência, ao participar em Londonderry na resistência às forças policiais (e nomeadamente aos «B special» tão detestados), arremessando tijolos e cocktails Molotov. Nunca tal se tinha visto em Westminster.

A imprensa, que a tinha por menina dilecta, acusa-a a gora de irresponsabilidade e infantismo político. A verdade é que ninguém lhe perdoa ter demonstrado que a acção directa pode compensar.

BERNARD CASSEN

(1) Bernadette Devlin — Mon âme n'est pas à vendre, Le Seuil.



A sr.<sup>a</sup> Indira Gandhi e o presidente do Partido do Congresso, Saddavvanth Nigalingappa. Apenas uma cisão entre a ala direita e a ala esquerda do mais velho agrupamento político da Ásia

maneira como soube manobrar os seus adversários, no auge da crise política, vai enfrentar grandes problemas neste período que se avizinha. De momento, o menor desses problemas é o facto de, pela primeira vez na história do Partido do Congresso, ela contar com uma minoria no Parlamento. Mas tem suficiente apoio da ala esquerda para afastar qualquer tempestade nestas semanas mais próximas. Pelo menos até à próxima sessão do Parlamento, a sessão da discussão orçamental (na qual será chamada a pagar as suas dividas políticas) não terá que reacear desafios à sua supremacia política bem firmada.

## DIMINUIÇÃO DAS EXPORTAÇÕES

Nos domínios da economia e da política externa é que o primeiro-ministro se acha agora em

verde» da Índia foi posta em questão, na semana passada, quando o presidente da Associação de Fertilizantes da Índia revelou que o consumo de fertilizantes se situava a níveis muito inferiores aos esperados. Declarou que a diminuta capacidade das fábricas de fertilizantes tinha aumentado de tal maneira os preços, que só os fazendeiros ricos poderiam adquirir-los, deixando, assim, os pequenos fazendeiros na dependência dos métodos tradicionais.

Se tivesse havido uma verdadeira revolução nos métodos agrícolas da Índia, a procura de fertilizantes seria dupla, afirma. Alguns observadores ocidentais acusam a falência das fábricas do sector público que, incapazes de se ajustarem à situação do mercado, são responsáveis pela impossibilidade de os pequenos fazendeiros adquirirem os fertilizantes.

Provisório «vietcong» do Vietnam do Sul. Esta visita foi uma resposta ao convite feito pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Dinesh Singh, durante a sua viagem a Hanói para os funerais de Ho Chi Minh.

Numa altura em que o Congresso dos E. U. A. está a mostrar um entusiasmo mínimo pelo auxílio externo, verifica-se na Índia uma hostilidade cada vez mais acentuada por parte da ala esquerda, contra os E. U. A., que acusam de usar do auxílio prestado ao país como alavanca de comando da política externa indiana. O auxílio dos E. U. A. à Índia totaliza, em todas as suas formas, mais de nove biliões de dólares. Um participante num a discussão em mesa-redonda, na emissora radiofónica controlada pelo Governo (All India) convidou, na semana passada, o Governo a renunciar a todo o auxílio externo e a de-



# MESA REDONDA